

Sérgio Fernandes Lopes



PASSAGEIRA DO TEMPO

ROMANCE ESPÍRITA



COMUN EDITORA
NICAR

Sérgio Fernandes Lopes



PASSAGEIRA DO TEMPO

ROMANCE ESPÍRITA



COMUN EDITORA
NICAR

SÉRGIO FERNANDES LOPES

PASSAGEIRA DO TEMPO

1ª edição - Ebook
2017



Certificado de Registro Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura

Escritório de Direitos Autorais

Registro do Documento Autorizado

nº 438.382 - Livro: 822 - Folha: 42

Dedicatória

Esta obra é dedicada aos seus protagonistas. Personagens que a cada página escrita iam ganhando vida e, por fim, se materializaram como se vivos fossem em meu imaginário.

Enquanto escrevia o livro, o processo criativo às vezes me fugia, fazendo-me parar de escrever por vários períodos.

Nessas épocas, meus personagens, já vivos, chamavam-me a atenção para a responsabilidade assumida, cobrando-me uma solução para seus casos pendentes, fosse qual fosse!

Desculpo-me com alguns deles se lhes infringi atrozes sofrimentos, mas foi necessário, para exemplificar àqueles que me honrarem com a leitura dessas páginas o que realmente acontece em torno de nós, seja no mundo aparência – O Finito – seja no mundo verdade – O eterno.

“O tempo é a imagem móvel da eternidade.”

Friedrich Nietzsche

Sumário

[AGRADECIMENTOS](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[Capítulo um - 1796](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um - dois anos depois

Agradecimentos

A amiga Maria Angélica Miranda Costa (in memoriam), por cujas mãos fui guiado no caminho que leva a iluminação do espírito, minha eterna gratidão.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra colaboraram para a feitura desse livro.

Introdução

No final do século XVIII, um vento de liberdade varria o Velho Mundo. Em 1789, estava em marcha na França uma revolução que tinha por divisa “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Grandes pensadores e filósofos, homens de espírito, discorriam acerca de ideais para uma nova ordem de equilíbrio no seio da sociedade.

Do outro lado do Atlântico, no Brasil Colônia, esses ventos demorariam a chegar. Ao invés de homens letrados, filósofos e pensadores, os homens eram rudes, necessários para manter aceso o fogo da fornalha onde se forjava a futura nação. Contrário aos ideais franceses, o que se encontrava era o trabalho escravo, indispensável, à época, para a Colônia vingar.

Desde 1532, com a instalação do primeiro engenho de açúcar, na Capitania de São Vicente, até fins do século XVII, o açúcar foi o único produto de exportação.

Outros engenhos começaram a surgir na Região Nordeste, principalmente na Capitania de Pernambuco. A princípio, a mão de obra utilizada era dos nativos da terra, os indígenas, que trabalhavam em regime de semiescravidão. Com o crescimento da indústria açucareira, grandes contingentes de negros, trazidos à força da África, começaram a desembarcar em terras brasileiras.

Imensas extensões de Mata Atlântica eram derrubadas para dar lugar a um verdadeiro oceano verde de cana de açúcar.

No comando das famílias desses grandes proprietários, os Senhores de Engenho. Homens de boa têmpera, que afrontavam a natureza e venciam a terra.

Inegavelmente, este foi o primeiro passo para a arrancada desenvolvimentista da nascente Colônia.

No início do século XVIII, as aten es se voltaram para a região das “Geraes”, com o achado de ouro e diamante em grande quantidade. O ouro de aluvião brotava do leito dos córregos e bastava uma bateia para ser extraído, tornando sua explora o barata, desviando, assim, capitais para a nova atividade.

Por quase um século durou a explora o desenfreada do ouro e do diamante. Nesse período, muitos engenhos passaram   condi o de “fogo morto”, como eram chamados aqueles que encerravam suas atividades, principalmente os da Região Nordeste, onde existiam em maior concentra o.

Mesmo sob esse quadro negativo, os engenhos que permaneceram saíram fortalecidos, continuando a ter peso na economia da Colônia.

As oligarquias formadas pelas famílias desses senhores mantinham uma forte influência nos hábitos e costumes sociais.

A família Miranda Albuquerque não fugia a essa regra. Donat rios dos primeiros tempos, há várias gera es estavam fixados naquele pedaço de chão. Muito se passara desde a primeira derrubada de mata para o plantio da cana.

Nos dias que corriam, o Engenho da Estrela era comandado pelo coronel Álvaro Miranda, que assim como seus antecessores, administrava seus domínios com mãos de ferro.

capítulo um

1796

No final dos anos noventa do século dezoito, vamos encontrar Álvaro Miranda de Albuquerque, proprietário do Engenho Estrela, na varanda da Casa Grande assistindo à recolha dos escravos. São centenas de “peças” para o trabalho duro nos canaviais.

Mal chegado aos trinta, é o típico homem de sua época e condição: arrogante, prepotente; sua palavra tinha valor de lei em seus vastos domínios.

Teve por herança enorme gleba no nordeste do país, dando tratos ao que seus antepassados construíram em várias gerações. Comandava com inteligência e determinação um verdadeiro exército de empregados e escravos. Bom político, agia magnanimamente quando a situação lhe era favorável. Quando não, fazia valer com violência sua vontade.

Violento, cobrava lealdade de quem o servia. À boca pequena, comentava-se o sumiço de mais de um que o teria desafiado. Quando perguntado, o feitor do engenho, Venâncio, respondia:

– O tal aí deve ter sido pego pelos “negros” da terra – como eram chamados os indígenas.

Perdido em seus pensamentos, é chamado à realidade quando uma menina

finamente trajada corre ao seu encontro e abraça suas pernas. Se tanto, deve ter uns quatro anos; sem se movimentar ele baixa a cabeça e, indiferente, olha para a menina. É Mariana, sua única filha legítima.

Logo chega Jacinta, mucama que serve na Casa Grande.

– Descurpa Sinhô, descurpa – e toma a menina pela mão, sumindo em um ângulo da imensa varanda que circunda a casa.

Álvaro fica onde está por mais uns segundos e, em seguida, adentra uma das salas da casa indo servir-se, em um cálice de cristal, da mais pura aguardente.

A simples visão da filha não lhe fazia bem. Embora o tempo passado, ainda não havia conseguido apagar da mente o que ocorrera.

Apaixonado, contraíra núpcias com Lúcia, uma bela jovem, filha de fortes comerciantes locais. Bastante mais moça que ele, como costume da época, só tinha no pensamento a felicidade de poder dar ao marido o maior número de herdeiros possíveis. Em suas conversas, confessava querer cada quarto daquele casarão ocupado por uma criança.

O anúncio da gravidez foi motivo para uma grande festa, tanto na Casa Grande quanto na senzala. Álvaro deixou que seus negros se servissem à vontade de aguardente; afinal, era um dia de grande alegria e todos deveriam participar.

A gravidez de Lúcia correu tranquila, e os meses que antecederam o nascimento

foram de plena felicidade e de planos para o futuro.

Quando começaram os primeiros sinais de que a criança ia nascer, a agitação tomou conta do lugar. Uma antiga e experiente parteira já fora trazida do arraial para os procedimentos.

Só que as coisas não correram como se esperava. Durante quase dois dias, Lúcia sofreu com o trabalho de parto.

Fizeram de tudo e usaram todos os recursos que tinham à mão, inclusive os chás de ervas que um negro já idoso, tido como curandeiro, preparou. Coincidência ou não, logo depois de beber o tal chá, as coisas se resolveram e apontou para o mundo uma menina arroxeadada em sofrimento, quase sem vida. A mãe, exangue, mal olhou a filha e desfaleceu. Tinha uma hemorragia que teimava em não cessar.

Chegaram até a chamar o padre do arraial para dar o sacramento da extrema-unção para mãe e filha, mas milagrosamente ambas sobreviveram.

A jovem mãe, porém, nunca mais seria a mesma. O esforço, de quase dois dias de sofrimento, deixou-a paralisada da cintura para baixo.

O choque para Álvaro foi devastador. Não quis sequer olhar a filha após o nascimento. Ao ver a mulher, teve a dimensão da tragédia que estava em curso na sua vida. A mulher era um arremedo do que fora antes e parecia ter envelhecido uma vida inteira em dois dias.

Saiu do quarto e foi para seu escritório e, só então, solitário, desabou em convulsivo pranto, pondo para fora toda a dor que sentia.

Não se passou um mês e Lúcia faleceu.

O viúvo tinha que calar no peito a dor e a revolta que sentia. Para um homem em sua posição de comando não deveria haver espaço para fraquezas.

E, assim, enjeitada pelo pai e tendo a mãe morta, a menina seria criada pela tia, irmã de Álvaro, e por Jacinta, mucama e agora ama de leite.

Mariana recebia uma educação rígida. Mostrava-se indisciplinada e voluntariosa, fazendo de “gato e de sapato” as mucamas. O único freio que às vezes dava jeito era a tia Júlia. Muito do que fazia era para chamar a atenção. O pai sempre ausente, mesmo estando no engenho, não tinha o menor interesse pela vida da filha e ignorava o que se passava com a sua educação.

O tempo na Casa Grande fluía em lentidão. Na ausência de outras crianças, a amiguinha de Mariana desde a primeira infância era a Ritinha, companheira de folguedos. Suas feições suaves e a pele clara denunciavam sua origem mestiça – certamente, o pai era algum branco que trabalhava no engenho. Seu nome derivava de uma homenagem à Santa Rita de Cássia, e a semelhança parava por aí, pois era atrevida e atirada.

Aos treze anos já se deitava com negros e brancos, o que era acontecimento natural para gente de sua condição. Era encorpada, bonitona e não tinha homem que não lhe pusesse os olhos.

Isso não fugia da observação de Jacinta, que alertava Sinhá Júlia sobre a proximidade das duas meninas.

Nas noites quentes, pela veneziana da janela de seu quarto, Mariana ficava ouvindo os cânticos entoados pelos escravos recolhidos à senzala; eram como lamentos. Cessavam os cantos e, mais tarde, um outro tipo de ruído chamava a sua atenção e despertava sua curiosidade. Ela não sabia identificar os gemidos que ouvia.

Certa noite, perguntou a Jacinta:

– Que barulho é esse que a negrada sempre faz depois da cantoria?

– Eu qui não oiço barulho argum – respondeu a mucama, disfarçando, por não saber explicar para a sinhazinha que os negros e as negras estavam enroscando pernas uns com os outros. Jacinta não gostava daquilo e ficava preocupada por Mariana. A moça era muito curiosa.

Os negros, que eram vistos como animais pelos seus donos, desfrutavam de larga liberdade sexual, pois, quanto mais escravos nascessem, mais o patrimônio do senhor aumentava. Os “dividendos” pagos faziam crescer a mão de obra.

Uma tarde, sem nada a fazer e com a vigilância afrouxada sobre elas, Ritinha propôs ir até o ribeirão que cortava a propriedade para molharem os pés.

E lá se foram as duas. Ao se aproximarem, diminuíram o passo, pois ouviram risos e conversas em voz alta. Curiosas, foram se esgueirando até atrás de uma moita e ficaram quietas para melhor observar.

Duas negras nuas se banhavam e conversavam animadas quando chegaram os que deveriam ser seus parceiros que, sem cerimônia, tiraram os andrajos que vestiam e foram ter com elas na água.

Um dos casais saiu da água e deitou-se na grama à margem, iniciando ali o coito, contorcendo-se.

A essa altura, Mariana mal se continha. Um calor enorme parecia querer consumi-la, e sua boca de repente ficou seca. Olhava fixo para aqueles dois corpos que se contorciam, e agora começava a compreender o que significava os gemidos que vinham da senzala naquelas noites quentes. O outro casal saiu do ribeirão e também se deitou perto de onde estavam as duas. Logo levantaram e cobriram os corpos com os panos que usavam e se foram por caminhos diferentes.

– Vamo, vamo logo, sinhazinha.

– Espera um pouco. Tô com as pernas tão bambas que se levantar agora caio.

Naquela noite, Mariana mal conseguiu dormir. Teve pensamentos sugestivos com ao que assistiu e se encontrava em um estado de excitação quase incontrolável.

A partir daquele dia no ribeirão, Mariana começou a prestar mais atenção em homens, começando a reparar mais nos empregados da fazenda e, por que não dizer, nos negros também. Agora, sempre que podia, era ela que convencia Ritinha a irem molhar os pés.

Mais de uma vez, Jacinta foi buscá-la atrás das moitas observando o folgado dos escravos.

– Vão bora, sinhazinha, que se sinhá Júlia descobre qui ocê vem aqui eu tô no tronco, ora si tô! Num conta nada do que viu pra ninguém, não. I ocê, Ritinha, dispois nós cunversa – e assim, uma ficava na dependência da outra pra ninguém saber o que acontecia.

Sempre que podiam burlar a vigilância da tia ou da mucama, lá iam Mariana e Ritinha para a beira do ribeirão doce. Talvez fosse o clima tropical ou dela mesma, mas a verdade é que vivia afogueada; um rubor subia ao seu rosto e nesses momentos procurava o refúgio de seu quarto. Ficava, então, recordando as imagens dos negros na beira do ribeirão, e uma lassidão tomava conta de seu corpo.

Certo dia, ao ver Jacinta resmungando procurando por Mariana, tia Júlia interpelou a negra e pressionou-a até que o segredo teve fim. Ela mesma foi buscar a sobrinha. Jacinta teve sorte em não ir para o tronco, não por bondade de Júlia, mas para que Álvaro não ficasse a par do que estava acontecendo sob suas barbas.

A partir de então, a vigilância foi mais cerrada e por algum tempo elas não se aventuraram mais em tais “excursões”.

capítulo dois

A importância e o prestígio do Engenho da Estrela eram incontestáveis. Um dos primeiros da região a fomentar o desenvolvimento local. A partir dele, outros engenhos surgiram e o Arraial, que contava com boa população, reunia aos domingos a fina flor da sociedade local para assistir à missa e receber o sacramento da comunhão.

Senhores de engenho, meeiros, comerciantes, todos colocavam suas melhores roupas para se mostrarem. As mulheres mais velhas ornavam-se com joias dignas de serem exibidas em festas da Corte.

Esse era o grande acontecimento de integração social naquelas paragens. Os solteiros colocavam olhos nas donzelas e flertavam.

Mariana, com sua beleza fria, chamava a atenção dos rapazes que procuravam chegar até ela. Invariavelmente, eram tratados com ironia e sarcasmo. Ela dizia à Ritinha que não gostava “do tipo”, muito engomadinho, perfumadinho, uns branquelos sem graça. O que despertava maior interesse nela e a atraía eram os peões, capitães do mato, homens rudes, de mãos grossas e pele vincada pelo sol e o vento, o corpo esculpido na lida pesada do dia a dia.

Mariana tinha um quê de crueldade em seu modo de ser. Seu olhar mudava quando sabia que algum negro ia pro pelourinho ou para o tronco; ficava excitada.

Postava-se na varanda como se fosse assistir a um espetáculo e se comprazia cada vez que o relho descia forte no lombo do coitado. Nesses momentos, costumava cruzar olhares com o suplicador como a encorajá-lo a bater cada vez mais forte. Seu preferido era o Julião, capitão do mato e homem de confiança do feitor.

Era capaz de ficar horas assistindo ao sofrimento de um escravo preso ao tronco, sangrando sob o sol inclemente.

Isso, a princípio, causou espanto nas pessoas, mas com o tempo deixaram de reparar no fato.

Em seus devaneios, Mariana sempre incluía Julião. Insinuava-se quando tinha oportunidade de cruzar com ele, que por sua vez só olhava com o rabo do olho, certo que ela não era mulher para ele, além do respeito que todos nutriam pelo coronel Álvaro.

Ficou surpresa e com uma ponta de ciúme quando Ritinha lhe confidenciou, com um sorriso estampado no rosto:

– Preciso falá com ocê.

– Pois desembucha logo.

– Tô vindo dos lado do canaviá e não é que Julião cruzô meu caminho, mi derrubô nos matos e me usou!

– E você, gostou? – falou com falso desinteresse.

Ritinha deu uma risada escrachada e ia falar alguma coisa quando girou nos calcanhares e saiu correndo balançando a saia de chitão. É que tia Júlia estava se aproximando.

– Essa menina parece que viu um passarinho azul. Sobre o que estavam falando?

– Nada não, tia. Coisa boba.

Quase roxa, pediu licença à tia e retirou-se para o quarto. Estava ansiosa em saber mais detalhes do ocorrido. Todas as respostas para sua curiosidade, vieram no dia seguinte.

Onde já se viu; que desplante o tal de Julião se deitar com a negrinha e sequer olhar para ela. Iria provocá-lo e assim o fez.

Algumas semanas depois, ao término da missa, deu um jeito de chegar perto dele e disparou:

– Sei que você anda deitando com a Ritinha nos matos.

Surpreso, mas homem experiente, topando o desafio, respondeu:

– E ela gosta muito!

Mariana ficou sem ação, pois não esperava uma resposta atrevida como aquela. Tirou os olhos de cima dele e, com muita raiva, retirou-se. Isso não passou despercebido de Tiana, mucama antiga da casa, que era uma espécie de olhos e ouvidos de sinhá Júlia.

A intenção de Mariana estava clara: queria constranger o homem, intimidá-lo e, quem sabe, assim seduzi-lo. Não se conformava com o fato de que ele continuasse se deitando com Ritinha e sequer tivesse olhos para ela.

Por sua vez, ele tinha bastante experiência com as escravas e as “negras da terra” – que se ofereciam para brincadeiras a qualquer hora, em qualquer lugar. Essas eram totalmente desprovidas de pudor. Com moça fina não sabia lidar.

Quando ela falou sobre a Ritinha, sentiu o olhar de desafio da sinhazinha. Sabia onde ela estava querendo chegar, mas, cauteloso, a princípio repelia a idéia, embora no mais recôndito de seu ser existisse a vontade de possuir aquela menina atrevida, branca como o leite.

Logo que pôde, Tiana foi procurar sua sinhá e contou o ocorrido. Sabedora do que a sobrinha era capaz, foi ter com ela e interpelá-la.

– De jeito algum; e eu lá sou de por lhos em uma coisa daquelas? – falou com convicção, afastando um pouco a suspeita. Sua tia não estava totalmente convencida e ordenou que Tiana apertasse o cerco.

Ritinha, por sua vez, continuava se encontrando com o moço.

Em um dia de folga, Julião havia combinado de se encontrar com Ritinha. Sabendo do encontro, Mariana decidiu que era ela quem iria:

– Hoje vou em seu lugar e só quero ver o que aquele poltrão vai fazer – e riram a valer.

Deu um jeitinho de enganar a pobre Jacinta mais uma vez e, meia hora antes do combinado, já estava no local.

Ela ardia, parecendo até estar com febre. Não esperou muito e Julião surgiu, cambaleante, visivelmente bêbado. Dia de folga, tinha ido beber da boa cachaça com os companheiros. Quando viu a sinhazinha, exclamou:

– Ué, a pretinha clareou ou eu bebi demais? Tô abusando da aca.

Mariana foi até ele passando os braços ao redor de seu pescoço. A provocação foi demais e suas resistências desabaram.

Desvencilhando-se do abraço, empurrou-a, fazendo-a cair sobre a grama alta.

Levantou saias e anáguas expondo suas carnes alvas e firmes. Começou a

remover, não sem dificuldade, a calçola da moça, no que foi ajudado por ela própria. Baixou suas calças até os joelhos e possuiu-a brutalmente, como se estivesse deitando com qualquer negra. Tendo acabado o ato, com a mesma rudeza com que chegara, levantou e, sem nenhuma palavra, foi se afastando cambaleante, mal se sustentando sobre as pernas.

Mariana ficou ali deitada quase desfalecida... de prazer.

Quando se recobrou, colocou de volta a calçola, levantou, ajeitou como pôde o vestido e tomou o rumo de casa.

– Consegui ou não o que eu queria? – falou em voz alta num tom de ironia.

Mariana, matreira como era, aproximou-se da casa com cautela, pois não queria ser vista por ninguém no estado em que se encontrava. Já estava nos degraus da escada, nos fundos da entrada dos serviçais, quando ouviu:

– Onde é que Sinhazinha vem assim?

Ela levou um dedo aos lábios pedindo silêncio a Jacinta. O vestido sujo de grama e terra, os cabelos em desalinho, mais parecia chegada de um combate do que de um passeio inocente pelo engenho. Com a ajuda da mucama foi se esgueirando até chegar ao seu quarto. Fechou a grande porta e foi direto ao espelho se olhar. Avaliou bem seu estado: duas manchas sob os olhos denunciavam sua exaustão, embora a expressão de prazer continuasse estampada em seu rosto.

Com a ajuda da mucama, tirou as roupas. A calçola estava vermelha de seu sangue, o que fez Jacinta gelar e soltar uma imprecisão. Fizeram um amarrado com as roupas sujas e esconderam no fundo de uma arca de peças de cama. Depois se daria um jeito de lavá-las sem levantar suspeitas.

O que queria agora era um banho e ordenou que a mucama providenciasse água quente. Tudo ia dar certo, ninguém a viu chegar. Mesmo?

Desde que se aproximara da casa, um par de olhos bisbilhoteiros acompanhou seus passos, cada gesto e viu bem o estado em que ela chegou: Tiana.

Fiel como um cão à sinhá Júlia, só não tinha visto Mariana junto com o capitão, mas bem imaginava com quem ela devia ter estado. Ouvido grudado na porta do quarto, ouviu bem as imprecisões de Jacinta e o barulho da pesada arca abrindo e, logo depois, se fechando. Sumiu na hora exata em que a porta do quarto se abriu, e Jacinta de lá saiu com cara de preocupação. Não podia perder tempo. Tinha que contar o que estava acontecendo.

Só não tinha o flagrante, pois a lida na casa não a deixara sair.

Tiana estava agitadíssima. Foi à procura da sinhá e encontrou-a recebendo amigas em um dos salões. Teria que se conter, pois não devia incomodar sua senhora.

Quando foi oportuno, soltou o verbo. Contou tim-tim por tim-tim, tudo o que vira e ouvira. Os cabelos de Júlia arrepiaram. Sem esperar mais um segundo, foram as duas para o quarto da sobrinha, que, após ter se banhado, estava agora deitada, quase dormindo. Abriram a porta com estardalhaço, o que assustou

Mariana, e foram direto para a arca. A menina gelou.

Com certa fúria, começaram a jogar para o alto aquelas roupas de cama, bordadas na mais fina renda, que esvoaçavam como grandes aves brancas. Quando chegaram ao fundo, a prova que procuravam com tanto empenho: o vestido sujo de barro e grama e a calçola com sangue que ainda não secara por completo.

Foi para cima dela, que a essa altura estava sentada, toda encolhida sobre a cama. Quase esfregando em seu rosto as peças sujas, bramia:

– O que significa isso? – Berrava a plenos pulmões. Jacinta e Ritinha chegaram. Mariana agora chorava. Nunca se imaginou em uma situação daquelas. Seu pranto arrefeceu um pouco a fúria histérica da tia.

– Eu juro por tudo que é mais sagrado, que a culpa não é minha. Ele me forçou; eu não queria isso pra mim, eu juro. Ele estava bêbado, me jogou no chão e fez o que fez. Tirou-me o respeito.

– Ele quem. Ele quem?

– O capitão Julião.

– Ah!... quando meu irmão souber...

– Pelo amor de Deus, tia – ia dizer alguma coisa, mas a tia já tinha lhe dado as costas. Ritinha também não estava mais lá.

Júlia teria que esperar até que seu irmão voltasse do Arraial. Precisava falar com jeito, pois temia a reação dele e pela segurança de Mariana. Determinou que dois negros de sua confiança mantivessem a menina retida no quarto e, quanto a Jacinta, por enquanto somente a mandaria para a senzala.

Quantas, mas quantas vezes, chamara a atenção do irmão para a filha!

– Meu senhor, Mariana já é quase uma mulher feita. É preciso que contrate logo casamento para ela.

O irmão se fazia de desentendido, pois o simples fato de citar o nome da filha trazia à lembrança recordações que procurava apagar com um ritmo de trabalho insano.

Pretendentes é que não lhe faltavam. Àquela época, uma moça branca e tão bem postada, era como uma joia rara. Com quase dezesseis anos de idade, encorpada, cabelos castanho-claros e sorriso cativante, teria feito a felicidade de qualquer homem.

Júlia conhecia bem a sobrinha e quase sabia que ia dar naquilo que deu. A surpresa foi só com quem se deu: um capitão do mato. A menina era afogueada desde os tempos em que ia com Ritinha ver os negros fornicarem. Tentaria aliviar um pouco a responsabilidade da menina junto ao pai, não por qualquer laivo de indulgência, mas para diminuir a carga de responsabilidade dela própria na criação de Mariana.

Julião foi aos trancos até onde as pernas o levaram. Já perto do casebre que ocupava, desabou e ficou ali mesmo um bom tempo, só despertando com a chegada da noite.

– Diacho, que cachaçada – levantou-se e seguiu para o casebre, onde uma índia velha o esperava com um sorriso sem dentes na boca enrugada, ao lado de uma panela fumegante. Tomou daquele caldo e logo estava estirado em sua rede, dormindo. Não se recordava do que tinha feito com a sinhazinha.

Dia imediato, antes de o sol raiar, acordou. Dormiu vestido e nem as botas tirou. Escutou um cunversê do lado de fora e foi ver o que acontecia. Ao sair, deparou com Ritinha, que falava agitada com a índia.

– Julião, Julião, depressa, toma rumo, que sinhá Júlia já descobriu o teu desplante com Mariana.

Somente naquele momento recobrou a memória. Gelou o sangue. Então, acabou acontecendo mesmo. Onde estava com a cabeça! Maldita aca. Ela foi culpada, tinha ido provocá-lo. E a cara dela? E o corpo mexendo todo debaixo do seu, que nem uma negra? Teve o que mereceu. Safada. Tentava se justificar.

Mal deu tempo de agradecer à Ritinha, que já se punha em desabalada carreira para não notarem sua ausência.

As coisas não eram simples assim; agora tinha consciência do risco que estava correndo. Sabia ter arruinado a vida. Ia se preparar para escapar.

Passou a mão no embornal e largou nele rapadura, carne curada e farinha; tinha que ter um mínimo para o sustento, até as coisas melhorarem. A pólvora e as pederneiras foram bem acondicionadas, embrulhadas em um muda de roupa. Levou, na cintura, a pistola carregada.

Olhou ao redor, para se certificar que não esquecera nada e viu, encostado ao batente da porta, o chanfro de cortar cana. Levou-o também.

O cavalo estava pastando atrás do barraco. Chegou de mansinho, acariciou o animal e montou em pelo. Nem olhou para trás. Sabia que, naquelas terras, nunca mais pisaria.

capítulo três

No meio da manhã, chegou o todo poderoso senhor do Engenho da Estrela. Apeou, dispensou seus acompanhantes e foi para a Casa Grande. Estava cansado, e a idade já começava a cobrar seu tributo.

A irmã já o esperava. Álvaro sentou-se, ordenou que uma mucama lhe retirasse as botas e também providenciasse um suco.

– E então Júlia, o que de tão urgente aconteceu?

Ela engoliu em seco, criando coragem, e só então narrou os fatos ocorridos na ausência dele.

– O que você esta me dizendo, mulher?

– É a verdade, senhor meu irmão – respondeu Júlia.

Álvaro Miranda de Albuquerque espumava de raiva. Sentiase ferido nos brios, na honra. A afronta era grande demais.

– E como é que você deixou acontecer uma pouca vergonha dessas? Isso não se

desculpa. Você é culpada também, não fosse minha irmã, ia para o tronco.

– Foi à força, senhor meu irmão. Sinhazinha Mariana jurou. O homem estava para lá de tocado e agarrou a pobrezinha quando ela passeava pras bandas daquele maldito riacho. Ela jura de pé junto que foi à força.

Álvaro não se conformava; menos pelo que tinha acontecido efetivamente à filha do que com o desprazo do tal Julião. Onde estava, afinal, o respeito que ele exigia dos subordinados? O homem ia ter bem o que merecia.

– Me chama o Venâncio, depressa. – Gritou, colérico, para uma criada da casa que estava junto ao batente da porta.

Imediatamente, mandaram um moleque expedito à procura de Venâncio. Foi encontrado ainda nos arredores da senzala, absorto em seus afazeres. O moleque foi chegando ao seu encontro gritando desde longe.

– Coroné qué falá, Coroné qué falá, tá chamando capitão.

Venâncio saiu de seus pensamentos e, a passos rápidos, se encaminhou para a Casa Grande. Pensava no que poderia ter acontecido para ser chamado àquela hora, com tanta urgência, pelo “home”, como era chamado o coronel pelos subalternos. Nunca diretamente, bem entendido.

Subiu a escada que levava à parte superior da casa e, ofegante, encaminhou-se para uma sala indicada por uma mucama, anunciando sua presença.

A maciça presença de Álvaro, plantado bem no meio da sala, causava respeito. Era um homem alto e com uma barba hirsuta, que descia quase até o peito, constantemente com cara de poucos amigos. À boca pequena, brincavam que só amenizava a feição quando derrubava alguma negrinha no canavial. Devia ter pra mais de dez bastardinhos.

O coronel estava de costas para ele e tinha, na mão esquerda, firmemente seguro, o cabo de um relho com tiras de couro com bolotas de ferro na extremidade, com o qual batia na mão direita espalmada. Isso não era bom sinal, calculou.

Antes de se virar, falou irritado:

– Que demora essa, homem?

– Desculpa. É que tava com a negrada.

– Onde anda o Julião?

– Deve tá na lida do canavial. Coroné qué que vão buscá?

– Quero sim, e rápido. Traz o homem aqui por bem ou por mal. No laço, se tiver precisão.

Nisso, entrou uma negra trazendo um suco de fruta em uma bandeja, que foi deixada sobre uma mesinha. Do mesmo jeito que entrou, saiu. Só que com uma informação preciosa.

Tomou o suco em dois goles e, rodando nos calcanhares, deixou o capataz só na sala.

É, a coisa não era boa não. Venâncio coçou a cabeça e também saiu. Ao chegar à escadaria, colocou o chapéu. Àquela hora o sol estava insuportável.

Bateu o canavial onde o danado pudesse estar e nada; resolveu, então, ir até a tapera onde ele morava. A todos que perguntou a resposta foi a mesma: ninguém o tinha visto naquele dia. Chegando lá, apenas a velha índia desdentada em seus afazeres. Não sabia informar o paradeiro dele.

Venâncio pegou o caminho de volta. Já era quase noite quando foi ter com o coronel.

– Nada feito. O homem sumiu como assombração.

O coronel franziu o rosto e ficou vermelho como se fosse ter um ataque. Respirou fundo e só então confidenciou ao capataz o que tinha ocorrido.

Venâncio não queria crer no que estava ouvindo. Só acreditava porque vinha da boca do próprio coronel. Como é que Julião, um de seus melhores capitães do mato, fora fazer um serviço daqueles?

Melhor nem pensar.

Conhecedor que era dos hábitos na Casa Grande, sabia que, àquela hora, Julião já estava a par do que se passava, e também era certo ele já ter disparado para algum refúgio. Empreitada difícil ir atrás dele.

O coronel Álvaro foi taxativo:

– Me traz esse peste, mas traz vivo, que aqui a gente dá jeito nele. Tem que ter exemplo.

Autorizou o capataz a preparar uma expedição com o que ou quem fosse necessário, e partir o mais rápido possível. Aquela altura, a dianteira de Julião já era grande.

Precisava escolher bem quem levar.

Madrugada ainda, o grupo de escolhidos estava em frente à Casa Grande, pronto para dar início à empreitada. Iam Venâncio, dois capitães do mato e um negro de toda confiança, de nome Adão, que cuidava da cachorrada acostumada a andar no encalço dos negros fujões; dois moleques completavam a comitiva.

Sabiam que a empreitada não ia ser fácil, pois quem iam caçar conhecia o lugar tão bem ou até melhor que eles próprios.

Um dos capitães do mato, exímio batedor, após atravessar largas faixas de canaviais, começou a vislumbrar, ainda no distante horizonte, a vegetação mais densa que dava entrada para a mata fechada.

Conhecia bem o rumo a seguir, pois, naquela latitude, o calor sufocante se torna insuportável, e a necessidade de água é imensa. Sobreviver é estar sempre perto do curso do Ribeirão Doce, que corta aquelas terras.

Achava, com seus botões, que não seria fácil encontrar o Julião.

Ao entardecer já haviam se adiantado bem dentro da mata que, a cada passo, ficava mais densa. Em determinado ponto, tiveram que desmontar os cavalos, pois a mata fechara muito. Deixaram um moleque com as montarias e seguiram caminho.

A cachorrada começou a ficar agitada; podia ser bicho. Apertaram bastante o passo e, lá pelas tantas, deram com o cavalo que Julião tinha usado na fuga. O bicho estava assustado, arisco.

A noite já começava a descer e resolveram descansar. Comeram uma paçoca de carne amassada com farinha e rapadura e tentaram dormir um pouco. Antes das quatro da madrugada, já estavam em marcha. Tinham que descontar a dianteira que o outro levava.

Julião estava tranquilo, embora soubesse que iam mandar gente atrás dele. Conhecia a região como poucos e seria fácil para ele sobreviver de caça e pesca

até que as coisas se acalmassem e ele pudesse pegar rumo mais para o sul.

Já tinha ouvido falar do ouro de Vila Rica. Quem garantiria que aquilo tudo não o estaria empurrando para a fortuna? Iria para lá ou para qualquer outro lugar onde pudesse ficar rico.

Aquela noite dormiu bem. Com o raiar do dia, acordou lépido e viu que dormira demais. Isso era perigoso, bem o sabia.

Caminhava margeando o ribeirão que cortava a mata e, vez por outra, o atravessava ou andava dentro dele nos lugares mais rasos para despistar seu rastro. Sabia que isso dificultaria sua localização.

Sol a pino, Damião, o batedor, estancou de repente, levantando o braço sobre a cabeça. Todos pararam. Abaixou-se, tateou o chão e falou:

– Tamo no rastro do home.

Era aquilo que Venâncio queria ouvir, não gostava de entrar no mato. Já o fizera muitas vezes, mas, com o passar do tempo e a capatazia que exercia, não mais tinha necessidade de fazê-lo. Isso era serviço para os capitães do mato mais jovens.

– Vamo gente, vamo apressá mais o passo – e, para dar o exemplo, tomou a dianteira da fila

A cachorrada ficava mais e mais excitada, sinal de que estavam na pista certa e se aproximando do objetivo.

Ao findar o dia, não pararam para descansar e continuaram até que a lua cheia já estivesse alta no céu.

Estavam mais mortos que vivos; em compensação, tinham diminuído bastante a dianteira que Julião abrira. Amarraram a cachorrada, engoliram alguma coisa e se ajeitaram como puderam no chão úmido da mata, para um pequeno repouso.

Ainda com a lua cheia brilhando no firmamento, levantaram o improvisado acampamento e partiram. Tinham de acabar logo com a “caçada” e retornar. Estavam todos sob tensão e exaustos.

A essa altura da madrugada Julião ainda dormia a sono solto.

Acordou antes que os primeiros raios de sol surgissem. Estava mais confiante que no dia anterior. Reavaliou suas chances e calculou que ainda estava quase um dia na dianteira – estava errado!

Desceu o barranco onde tinha dormido, foi ao ribeirão e bebeu da água cristalina, jogando-a sobre a cabeça para despertar. Iniciou mais um dia de jornada.

No meio do dia teve a impressão de ouvir bem ao longe a algazarra da cachorrada. Aquilo pôs em alerta todos os seus sentidos, e resolveu parar de

caminhar no leito do ribeirão, pois não havia mais motivo para tal: seu rastro já fora encontrado.

Perto da margem, um passo em falso e caiu na água. – “Diacho, era só o que faltava” – imprecou raivoso, torcendo para que a pólvora que alimentava sua pistola não tivesse molhado.

Pela primeira vez naqueles dias, sentiu medo.

Venâncio já dava sinais de cansaço e não mais conseguia acompanhar o ritmo dos demais, que ganhavam dianteira acompanhando o pique dos cães.

Bem adiante já enxergavam o movimento dos arbustos se torcendo por onde Julião passava. O contato já era visual.

– Segurem a cachorrada, segurem a cachorrada – gritava Venâncio em vão, sem ser ouvido pelos outros.

Julião sabia que a hora estava perto, mas se entregar sem luta, jamais. Não tinha mais fôlego e, ofegante, encostou-se em um tronco, sacou a pistola e esperou. O primeiro cão a apontar foi parado com um tiro certo entre os olhos; a pólvora não tinha molhado, refletiu, mas do que adiantava? Largou a pistola no chão e, rápido, empunhou o chanfro que desceu com toda a força sobre o flanco de um outro cão, dividindo-o quase em dois pedaços.

O resto da cachorrada vinha mais atrasado e ele, juntando suas últimas forças,

virou-se e, em desespero, tentou correr. Os galhos mais baixos dos arbustos fustigavam seu rosto, que começava a sangrar.

Sentiu um impacto por trás, na altura da coxa e, depois outro; não conseguindo mais manter-se em pé, foi ao chão. A cachorrada, agora em um frenesi sangüinário, abocanhava todo seu corpo. Tentou ainda se defender e, num último reflexo, protegeu o rosto cruzando os braços sobre ele.

Seus olhos escureceram e desfaleceu. Tinha acabado.

O primeiro a chegar foi Adão, que passou a mão em uma vara no chão e começou a bater nos cães que insistiam em não obedecer aos seus gritos de comando e continuavam sobre o corpo inerte de Julião. Um deles, mais agressivo, virou e cravou as presas no braço do negro, causando uma boa avaria. Não tivessem os outros chegado, acabaria tendo o mesmo fim de Julião.

Por último, pondo os bofes para fora, chegou Venâncio e não gostou nada do que viu. A cachorrada já tinha sido contida, e o corpo de Julião dava seus últimos estertores. Tinha os olhos arregalados, numa expressão de surpresa e terror ao mesmo tempo.

– Maldição – berrou, buscando ar sem saber onde. – Eu não falei para segurar os cães? – E soltou um palavrão. Fez-se silêncio. Ninguém ousou abrir a boca em contestação ao que ele falara. Chegou perto do corpo, abaixou e, com um gesto suave, fechou os olhos do defunto.

Só então tomou atenção do estado em que ficou o braço de Adão. O sangue brotava de cortes profundos. Providenciou logo um torniquete e, em seguida,

ordenou aos homens que improvisassem uma padiola para remover o corpo. Tinham que pegar o caminho de volta o mais rápido possível.

O caminho de volta foi penoso. Até chegarem às montarias, o corpo de Julião na padiola parecia pesar cada vez mais. Impossibilitado de ajudar, Adão observava o esforço que era despendido pelos outros e, supersticioso que era, falou:

– A “arma” do difunto “qué” que deixa o corpo por aqui mesmo no meio da mata, senão ele não pesava tanto.

Para manter a ordem, Venâncio teve que ser ríspido na resposta, pois seus homens estavam concordando com as palavras de Adão.

– Vire essa boca pra lá, peçonhento, que isto é coisa lá da tua terra. Vamos, gente, força no braço que já estamos chegando.

Bateram mato a madrugada toda, e o corpo de Julião vinha amarrado no lombo de um burro. Já começava a cheirar mal.

Quando a expedição apontou no boqueirão do canavial já era dia alto. Os cães vinham latindo em alvoroço, seguindo os homens.

O temido feitor vinha logo atrás, imponente, montando seu cavalo; seus homens tinham a expressão cansada, carregada. Não fora nada fácil encontrar o infeliz. Nascido naquelas bandas, conhecia cada pedaço de chão e, não fossem os cães acostumados a rastrear os negros fujões, ainda andaria à solta. Quase três dias

enfiados no mato.

O pior de tudo ia ser explicar ao coronel Álvaro a morte de Julião. Ele foi bastante claro: – Traz o homem vivo – e também o ferimento de Adão, que tava feio demais; talvez nunca mais fosse o mesmo homem. Pensando bem, a expedição tinha fracassado em parte, e ele, mesmo sendo quem era, temia a ira do patrão, homem de muita violência.

Já tinham ido avisar o coronel de que eles estavam chegando. Apearam no pátio do tronco, e logo começou a juntar gente que trabalhava no engenho, mais alguns negros e negras do serviço doméstico. Ouvia-se intenso borburrinho, com todos perguntando e falando ao mesmo tempo.

Álvaro, da varanda, apenas observava a movimentação. Já imaginava o que acontecera a Julião. Desceu a escadaria que dava para o pátio e, em passos lentos, encaminhou-se para junto do pessoal. Quando o perceberam, o silêncio foi absoluto, e as pessoas abriram caminho para que ele se aproximasse. Podia-se ouvir o zunir das moscas.

– O que você me traz aí, Venâncio?

– É... o senhor... sabe... a cachorrada... – naquele momento não tinha muito o que dizer.

– Desce o defunto – ordenou Álvaro.

Dois negros fortes fizeram o serviço, colocando o corpo no chão de terra batida. Ao verem o estado em que se encontrava, a maioria das pessoas virou o rosto; algumas até enjoaram.

Álvaro, com a ponta da bota, agora chutava o corpo inerte e, possesso, gritava dirigindo-se a Venâncio:

– Eu disse vivo, vivo seu... ,e continuou com toda sorte de impropérios.

Nisso, um cão se aproximou do cadáver e, quando alguém foi espantá-lo, ouviu do coronel:

– Deixa o bicho acabar o que os outros começaram.

Por sorte, o animal só mordiscou, perdendo logo o interesse pela presa. Álvaro virou-se e, no mesmo passo em que chegou, voltou para a Casa Grande.

Ninguém viu, mas ia com um sorriso disfarçado nos lábios. – O danado deve ter sofrido um bocado antes de morrer – pensou.

Pela veneziana da janela de seu quarto, Mariana viu a cena, não se importando a mínima com o que ocorrera a Julião. Apenas um sentimento de raiva, pois, afinal, estava reclusa em seu quarto por culpa dele. Bem feito o que lhe acontecera. Quem mandou meter-se com uma sinhazinha!

A vida na Casa Grande voltava devagar à sua normalidade. Mariana continuava presa em seu quarto e não via a luz do dia há uma semana. Tinha emagrecido e estava abatida, era outra pessoa. Parecia que tudo de ruim que ela possuía em sua personalidade havia se estampado em seu rosto, e não sentia o menor remorso nem pelo que fizera e muito menos pelo destino de Julião. Pelas frestas da veneziana de seu quarto vira seu corpo disforme descarnado pelos cães com a mesma frieza de quando via um escravo ser supliciado ou trucidado no pelourinho pelo próprio Julião.

Dia imediato à chegada da expedição, Álvaro despachou a irmã para o arraial. Ia ter entrevista com Padre Antonino e estaria levando mensagem no sentido de providenciarem a ida de Mariana para um convento. As bases foram acertadas com a doação de grande soma para a Igreja.

Padre Antonino não cabia em si de alegria e, no tempo aprazado, lá estava ele com sinhá Júlia, no engenho, com grande carroção coberto de lona, puxado por uma parelha de bois. Tinha ido buscar a menina.

Mariana não estava de todo desprevenida, pois Ritinha sempre dava um jeito de subornar com favores do corpo os escravos que tomavam conta do quarto e ia ter com a amiga e confidente. Nesses momentos, passava as informações que obtinha.

A tia chamou-a e explicou o porquê da presença do padre. Mariana permaneceu calada, a expressão fria.

Mandou que mucamas arrumassem as coisas e as colocassem no carroção. Mariana sentiu-se aliviada, pois ia ver de novo a luz do sol brilhando.

Condenada a perder os melhores anos da vida, quiçá a vida inteira, enclausurada, resignou-se ao seu destino. Abraçou a tia que tanto se empenhara em sua educação, diga-se, sem obter sucesso. Beijou-lhe a face, nenhuma palavra, nenhuma lágrima da parte dela. Foi assim também ao despedir-se de Ritinha.

– Vamos filhinha, vamos. Jesus espera por você – disse Padre Antonino, com um olhar de concupiscência medindo e avaliando seu corpo magro de cima a baixo.

Ritinha e ela trocaram um último olhar maroto, cúmplices. Aboletou-se no carroção, tendo ao seu lado o “protetor”. Quando a parelha de bois arrancou, as rodas rangeram tal um choro ritmado.

Em um último olhar para o terreiro, divisou Jacinta, que, presa ao tronco, chorava por ver sua sinhazinha sendo levada daquele jeito.

Mariana não imaginava que o convento para onde estava sendo enviada era onde justamente aprenderia todas as viciações sexuais que, desde muito cedo, povoaram sua imaginação. Tomou hábito e terminou sua encarnação por lá mesmo. Foi enterrada com honras de Superiora.

capítulo quatro

– Escapei – exclamou eufórico e surpreso, enquanto corria pelo meio da mata.

Nem se deu conta que o dia se fizera noite em um instante. Embora a noite estivesse negra e sem lua, não havia problema, pois ele conhecia muito bem onde pisava; afinal das contas, era nascido na região e sua experiência na caça dos negros fujões iria lhe garantir nova dianteira em relação àquela cambada.

Não tinha tempo para pensar em nada e o cérebro ordenava que cada fibra do seu corpo se esforçasse ao máximo para garantir a fuga. Era sua sobrevivência. Após estar seguro poderia pensar no que fazer. Quando não ouviu mais os gritos de seus perseguidores, relaxou um pouco e, com o corpo prestes a falir, cessou a correria. A passos lentos, chegou junto a um tronco de árvore meio podre, tombado de lado e recostou-se, deixando o corpo escorregar até o chão; quase instantaneamente perdeu a consciência.

Começou a recobrar a consciência aos poucos, e uma grande confusão estava estabelecida em sua mente. Há quanto tempo estava ali? Ainda se encontrava recostado ao tronco, mas a paisagem ao seu redor se modificara surpreendentemente. Não mais a vegetação exuberante com grandes árvores, frescor orvalhado. Terra calcinada com vegetação pobre, rasteira e uns poucos arbustos mirrados de galhos retorcidos é o que enxergava até onde a vista podia alcançar.

Deve ser madrugada – pensou – pois não havia claridade e a atmosfera era pesada, quase sufocante. Sentiu sede. Precisava sair daquele lugar fosse como

fosse e encontrar o ribeirão para se saciar. Ao mesmo tempo, não se sentia forte o suficiente para prosseguir.

Sentia dores pelo corpo inteiro. Baixou os olhos, e uma onda de choque o percorreu de cima a baixo.

– Deus do céu, valhei-me; minhas pernas, minhas pernas – e caiu em convulsivo pranto.

Suas pernas estavam dilaceradas. A esquerda, a partir da coxa, em pior estado, deixava ver o branco do osso. A outra tinha músculos, nervos e pele expostos, pendurados em tiras. Criou coragem e olhou-se: estava sem a camisa e a barriga, peito e ombros com ferimentos profundos, denunciavam o estrago que os cães farejadores haviam feito em seu corpo. Estranhamente, não corria sangue de seus ferimentos, não sentia dor. Apenas uma hipersensibilidade nas áreas feridas, o que lhe dava muitos calafrios.

Tentou mover as pernas e conseguiu. Apoiou as mãos muito feridas no tronco e, num impulso, pôs-se em pé. Embora sentisse que o corpo pesava mil quilos, relutante, tentou andar pé ante pé. Apoiado em um bastão de madeira que pegara no chão, começou a andar à procura de água; tinha a garganta seca e um gosto de ferro na boca. Mal deu alguns passos e caiu, não conseguindo mais sustentar-se sobre as pernas. Rastejou, então, em terreno lodoso, fétido, onde se deparou com estranhos insetos e vermes, que começavam a se infiltrar em seus ferimentos.

– Eles vão me devorar vivo, preciso de água. Rastejou mais alguns metros e desabou a cabeça de vez no solo, sentindo certa umidade. Esticou o olhar e viu uma pequena poça de água escura, mal cheirosa, mas que, naquele momento, representava aos seus olhos a salvação. Num último esforço, chegou até ela e saciou-se. Ali mesmo deixou-se ficar. Não tinha forças para mais nada.

Julião entrou num círculo vicioso. Andava, mas era difícil localizar-se naquela névoa, procurando um caminho, mais na base da intuição.

Marcava um rumo e ia em frente e, quando achava que estava se aproximando do engenho, para sua surpresa, estava no mesmo lugar de onde partira. Impossível – pensava nessas horas – estaria andando em círculos. Então, desabava, tomado de desânimo. Assim que recobrava forças e ânimo, recomeçava a empreitada, que fatalmente levaria ao mesmo resultado.

Estava entrando em uma faixa de total desespero e não mais conseguindo concatenar seus pensamentos. Suas feridas estavam secas, mas sabia que o mau cheiro que sempre o acompanhava exalava dele mesmo. Já se acostumara com a visão horrível das pernas, mas eram elas que, mesmo como estavam, o transportavam de um canto a outro, ainda que apoiado em um bastão de madeira.

O que movia aquele espírito rebelde era o ódio, e somente o ódio. A vontade de retornar ao engenho e tomar vingança de todos que o tinham prejudicado era seu único objetivo quando saía em suas infrutíferas caminhadas. No rosto, uma expressão de malignidade, com os lábios sempre contraídos num esgar.

Sentia-se enfraquecido e, só então, se lembrava de comer, escavando raízes e, vez por outra, topava em seu caminho com algum fruto, coisa que o intrigava; nunca tinha visto árvore alguma no lugar.

Topava, às vezes, com grandes caravanas, filas longas com uma gente estranha para ele: magros, cobertos de andrajos com pedaços de madeira nas mãos, que bramiam no ar, ameaçadores. Escondia-se rápido em qualquer furna, pois o lugar era pródigo delas. Até quando continuariam a caçá-lo? Já começava a pensar em

entregar os pontos.

Em raros momentos sem perturbação, lembrava fatos e personagens que o tinham remetido àquela condição. Era grato à escrava Ritinha por tê-lo alertado, e tinha gravado o dia que derrubara Mariana nos matos. Como foi bom! Mas logo o invadia o pensamento a forte vontade de vingança. Quando voltasse ao engenho cada um ia ter o que bem merecia.

Nessa região onde Julião estava confinado perambulavam representantes de varias organizações espirituais. Uma delas tinha em sua expressão maior a figura de Valdez.

Juiz e jurado. Assim era ele no comando de ampla organização espiritual voltada a corrigir erros e desvios de conduta de entidades tanto encarnadas como espíritos. Ordem milenar, teve origem ainda antes da virada do primeiro milênio, em terras da Europa. Época conflituosa, principalmente na luta por terras – não foram poucos os assassinatos cometidos, covardes atos de traição.

A essa época, Valdez, muito jovem, foi vítima de assassinato. Compreendendo logo a nova realidade em que se encontrava, fora da matéria grosseira, consorciou-se com outros iguais, em uma tenebrosa organização, pronta para vingar aqueles que se julgavam inocentemente tocados pelo infortúnio.

Organizaram, assim, verdadeiras cidades em que se refugiam falanges compactas de almas. Filhos da revolta e da treva, ali se aglomeram, buscando preservar-se e escorando-se, aos milhares, uns nos outros.

Tais colônias perturbadoras devem ter começado com as primeiras inteligências

terrestres entregues à insubmissão e à indisciplina, ante os ditames da paternidade celestial.

O objetivo essencial de tais exércitos sombrios é a conservação do primitivismo mental da criatura humana, a fim de que o Planeta permaneça, tanto quanto possível, sob o jugo tirânico desses inabilitados para a jornada imediata, em virtude das paixões devastadoras que os magnetizam. Arrebanham-se de conformidade com as tendências inferiores em que se afinam, ao redor da crosta terrestre, de cujas emanções e vidas inferiores ainda se nutrem, como ocorre aos próprios homens encarnados. Não conhecem região mais elevada do que a esfera carnal a que ainda se ajustam por laços vigorosos, enleados em forças de baixo padrão vibratório.

Em seu seio, contavam entidades egressas dos mais negros períodos da história da humanidade, cultos milenares e entidades que exigiam até sacrifícios humanos. Comandantes cruéis, perseguidores religiosos e toda uma gama de espíritos afins, que, juntos, detinham muito poder.

Valdez e seus consorciados eram entidades lúcidas e inteligentes, sabedoras da exata dimensão do poder que detinham.

A disciplina baseada em castigos era um dos segredos para manter nos eixos a macega de espíritos que os servia. Espírito de grande desenvolvimento intelectual aprendera, no decorrer de séculos, a manipular forças psíquicas e usá-las a seu critério e favor.

Nas excursões que faziam ao umbral, iam em busca de casos de injustiças que pudessem ser compensados pelos seus métodos.

Valdez e os de sua classe preferiam praticá-los pelas próprias mãos. Tinham esperado demais e não criam mais na tal “Justiça Divina”: eram seus próprios exemplos.

Assim como as expedições de abnegados irmãos do bem penetram pelos umbrais adentro em busca de irmãos que necessitem de ajuda para ascenderem a outras regiões menos ruins, irmãos nossos que ainda persistem no mal também preparam suas excursões, colhendo aqueles que estão presos a fatos que os ligam, com revolta, à terra. A maioria sequer tem conhecimento do estado em que se encontram. Não se sabem vivos ou mortos, pois as mesmas sensações que tinham na hora do desencarne se mantêm no estado atual. Precisam comer, beber, saciar seus instintos mais baixos, ligando-se, assim, aos que vibram nessas faixas.

Cristalizados no mal e senhores absolutos nesses locais, esses espíritos colhem farta energia carregada de negatividade e que alimentará suas ações futuras.

Embora não percebesse, Julião já vinha sendo observado há algum tempo. Em uma dessas incursões, Valdez deu a atenção àquele homem.

Andrajoso, de olhar esgazeado, que refletia a situação de demência em que se encontrava. Leu em sua aura ódio, rancor, vontade de vingança a qualquer custo, sem pudores e sem arrependimento. Isso bastava.

Aproximou-se da fumaça onde Julião pensava estar livre de olhares e perguntou:

– Quem é você, homem?

Estremeceu ao ouvir a voz potente e autoritária. Há quanto tempo ninguém lhe dirigia a palavra. À sua frente, montando um imponente corcel negro, estava um homem em armadura de couro de grande porte. A última recordação de vozes eram os gritos de Venâncio, mandando conter a cachorrada, e Adão gritando e querendo tirar a cachorrada de cima dele. Depois, só a fuga. Quando ouvia algum rumor, por mais distante que estivesse, logo se escondia, só que, agora, não tinha mais jeito, tinham-no achado.

Queria responder e não conseguia fazer com que a voz se soltasse. Há quanto tempo não falava? Num esforço final, conseguiu balbuciar:

– Julião.

– Recolhe – ordenou para duas criaturas próximas. Dois pares de mãos descarnadas, mas muito fortes, desceram sobre Julião.

Com o corcel em passos curtos, continuava sondando o ambiente como se procurasse alguma coisa, enquanto Julião, desfalecido, era amarrado a uma maca tosca, presa no lombo de um cavalo. Assim, sendo arrastado junto com o macabro cortejo, finalmente deixava o sítio onde tanto tempo vivera.

Seguiam lentamente, entidades em lastimável estado se afastando, dando passagem em sinal de medo e respeito. Arriado com pesados adereços em prata maciça, o negro corcel abria caminho refugando e soltando vapores pelas ventas, como se desafiasse a névoa e a eterna penumbra daquele lugar.

Em pouco tempo saíram daquela zona, indo ter em uma planície lodosa, intransponível para quem não conhecesse bem sua geografia. A paisagem tinha se amenizado. Estavam se encaminhando para os vastos domínios onde o Mal e Valdez imperavam.

capítulo cinco

Quando acordou, Julião se encontrava deitado em meio a um monte de palha seca que, embora mal cheirosa, trazia conforto a seu corpo. Suas vestes eram outras, muito parecidas com as que vira nos membros da caravana que o resgatara. Estava num local bem diferente: o ambiente era fechado com paredes de pedra e tinha teto, o que não via desde sua fuga. Uma sensação de segurança tomou-lhe o espírito; afinal, não o tinham matado imediatamente e nem torturado. Ao seu lado, uma cabaça com um líquido que ele sorveu até o último gole. Era bem amargo. Ainda exausto, virou de lado e voltou a dormir.

Nem se deu conta do tanto de gente estropiada que, como ele, estavam naquele lugar.

Despertou e, apoiando-se nas paredes, começou a perambular pela masmorra que mais parecia um circo de horrores. Pela sua dureza de coração aquilo pouco o impressionava. Chegou a uma grande porta, apoiou as mãos na grade, tentando ver o que havia além.

Um carcereiro aproximou-se:

– Então, capitão Julião, onde pensa que vai? Seu lugar é aqui mesmo com os mortos – falou em tom amistoso.

Assustou-se. – Morto, eu?

– Olha, eu... estou... aqui – disse pausadamente – Eu estou aqui – agora quase gritando – Posso me tocar, posso me sentir.

– Veja, veja – disse, apanhando uma cabaça no chão – acabei de comer, de beber água. Como você diz que estou morto?

Gesticulava muito; estava entrando em desespero.

– Desgraçado, mentiroso – e, cerrando os punhos, partiu pra cima do carcereiro, que apenas o tocou com a ponta de um bastão que portava, fazendo-o desabar ao chão, paralisado. Estava consciente, mas não conseguia falar, nem se mover; duas pequenas lágrimas escorreram de seus olhos. Ficaria nesse estado até que se acalmasse.

– É igual a quase todos que chegam aqui – comentou o carcereiro com um colega que se juntara para ver o que ocorria. – Quando ficam sabendo da verdade, revoltam-se, choram, desesperam-se. Ainda mais esse, que ficou quase duzentos anos no carrascal.

Para ser mais exato, Julião permaneceu por cento e oitenta e um anos preso à ideia de que era caçado, sem se dar conta do estado em que se encontrava.

Excursões de irmãos socorristas o localizaram logo após o desencarne, não podendo nada fazer por ele, dado os baixos sentimentos que o motivavam. Teria sido inútil encaminhá-lo para qualquer colônia de recuperação.

Também a organização comandada por Valdez botou olhos nele. Esperaram que chegasse ao limite da revolta para resgatá-lo. Gente dura, sem sentimentos bons, era sempre necessária em suas fileiras, e Julião se encaixava perfeitamente no tipo.

Então era isso. Todos ali faziam parte do mundo dos mortos. Os lamentos, o choro e a revolta agora tinham explicação. Começava a entender o fato de andar, andar e estar sempre no mesmo local. Aqueles grupos maltrapilhos e agressivos que deambulavam eram espíritos ainda na ignorância, igual a ele, não estavam ali para capturá-lo.

Lentamente ia concatenando os pensamentos, deixando o estado de obilubinação em que se encontrara até então. Aquele lugar era muito parecido com o purgatório que padre Antonino descrevia nos sermões de domingo.

Sua revolta era grande demais para o coração de um homem; procuraria ali entre aqueles homens e mulheres perversos como ele quem o ajudasse a perpetrar a vingança que há tanto tempo esperava. Mas como vingar-se, se estava morto? Como conseguiria chegar ao Engenho da Estrela? Se chegasse, faria uma tocaia? Perguntas sem respostas.

Julião continuava na masmorra e já se acostumara àquela gente que chegava todo dia em estado lastimável. Perguntava de onde vinham e não obtinha respostas. Parecia que todos estavam em uma espécie de pesadelo. Aproveitava o tempo alimentando-se bem e dormindo um sono atrasado de mais de um século.

No tempo certo, foi levado à presença de quem parecia ser um sacerdote. De pé

em uma sala de teto baixo, destacava-se uma figura de estatura muito elevada, trajando túnica amarela e branca que ia até o chão, e tinha estampado em ouro sobre o peito o símbolo da mitra.

De rosto bondoso e olhar sereno, indicou a Julião que se acomodasse em um banco tosco.

– Me chamo Angel – disse com voz suave – você deve estar estranhando toda a nova realidade a que está exposto e como veio ter aqui, como é natural. Sei da desgraça que acometeu sua vida e, uma vez entre nós, a Ordem tem por objetivo reparar com justiça casos como o seu. Talvez o que você chama de vingança, nós chamamos de justiça, isso depende do ponto de vista. O que fazemos é procurar reparar certos acontecimentos que, por outros meios, nunca seriam reparados. Tomamos em nossas mãos o direito de punir aqueles que transgridem os mandamentos do Mestre, e note que o que separa o Bem do Mal é uma linha imaginária muito tênue.”

O fato de Julião pensar em vingança durante tanto tempo foi o fator que o salvou do tenebroso lugar onde estava. Não fosse essa perseverança, talvez ainda estivesse lá aguardando ajuda.

– Providências já estão sendo tomadas acerca de seu caso. Afora algum outro detalhamento, está tudo aqui – disse, pegando de sobre a mesa um volume razoável de papéis.

– É necessário saber se você está pronto para ir às últimas consequências.

– Sim. Sou capaz de qualquer coisa para que minha justiça se faça. Estou pronto

para tudo.

– A partir de agora, você está abraçando grandes responsabilidades junto à Ordem e à nossa causa. Dito isso, arrematou: – Átila estará com você para esclarecer alguns pontos duvidosos. E retirou-se, deixando um enorme vazio naquela sala fria.

Átila e Julião saíram por uma porta lateral dando em um cômodo repleto de equipamentos que Julião jamais sonhara conhecer. Assustou-se por completo quando viu sua própria imagem que se movimentava como se o imitasse, estampada em uma tela de vidro.

– Calma, calma. Muita coisa nova existe que você ainda não conhece. Vamos, acomode-se aqui – disse, indicando uma confortável poltrona.

Desconfiado, sentou. Átila começou a conectar alguns fios finos como cabelos e eletrodos presos sobre determinadas regiões de seu cérebro. Bem à sua frente, a enorme tela para projeções mentais. Mandou que relaxasse e iniciou uma sessão de hipnotismo.

Como que por milagre, as primeiras imagens começaram a surgir na tela. Desde sua infância até o dia de sua morte. Com o rosto sem expressão, via-se correndo na mata com os cães já em seus calcanhares, a primeira mordedura, a queda, e os cães em cima dele.

Nessa altura, não se conteve. Urrou de dor. Agora, e só agora, sentia a sensação de estar sendo estraçalhado vivo pelas presas dos cães. Na cena seguinte, viu seu corpo já bastante mutilado, em seus últimos estertores.

– Foi assim que eu morri?

O corpo jogado no lombo de um burrico chegando ao Engenho da Estrela, já cheirando mal, os pontapés desferidos pelo coronel Álvaro e, pior de tudo, Mariana, que da veneziana de seu quarto a tudo observava, e chegou mesmo a sorrir ao ver seu corpo desfigurado. Foi-lhe mostrado mais o cinismo da expressão dela quando mentia para sua tia Júlia, dizendo ter sido pega à força. Maldita. Mil vezes maldita.

Agora, a verdade para ele estava restabelecida. Saiu do transe com a impressão de que tudo aquilo tinha acontecido ali, naquele instante. Estava ansioso para recuperar o tempo perdido, mas agora precisava descansar e repor as energias espirituais perdidas pelo grande esforço despendido.

Convencido da irreversibilidade de sua situação, começou a se acalmar. Foi liberado da masmorra e levado para fora dos muros da fortaleza onde havia um ajuntamento de casas de uma arquitetura distorcida, tosca e precária, como tudo que podia se avistar naquela região umbralina.

Habitava agora uma dessas casas, junto a quatro homens e duas mulheres, uma delas ainda bem jovem. Para ele, estava ótimo, pois a casinha oferecia mais conforto que a tapera onde morava no Engenho da Estrela.

A experiência que estava vivenciando seria de grande importância na sua adaptação. Tomava contato com entidades desencarnadas nas mais variadas épocas e, cada uma delas, com maior ou menor intensidade, ostentava usos e costumes de épocas distintas.

capítulo seis

Angel convocou seus servidores mais imediatos para uma reunião de rotina. Eram reuniões em que se distribuía tarefas: umas de simples vigilância; outras mais sérias, de infiltração em lares para promover discórdia; outras mais graves, como procedimentos de envenenamento mental até levar a vítima a uma obsessão de subjugação total.

Na Ordem, trabalhava-se bastante. Era grande o número de entidades que procuravam por justiça. Muitos queriam ter a chance de efetuar-la com as próprias mãos. Submetiam-se cegamente às ordens recebidas, e a paga que tinham era poder continuar interagindo com os que permaneciam presos à matéria, tendo as sensações de quando eles próprios estavam nela. Comida, bebida e sexo faziam parte de seu dia a dia.

Não faziam idéia de como se tornaria difícil livrar-se desses liames quando em um tempo futuro tivessem que responder por seus atos.

Chamou a si um dos melhores técnicos da Ordem em rastreamento e mandou que pesquisasse em telas e documentos, junto ao Ministério da Reencarnação o paradeiro de Mariana. O homem franziu a testa, cômico das dificuldades que teria de enfrentar para levar a bom termo a missão. Não era fácil se imiscuir nos negócios de tal ministério e teria que buscar ajuda exterior, chantagear, ameaçar e usar de todos os expedientes sujos de seu vasto repertório.

– Átila, comece a preparar uma excursão para levar Julião ao Engenho da Estrela. Ele tem que levar esse choque para se desligar de lá em definitivo e

começar a atuar no presente. Só assim será de ajuda. Constantemente seu pensamento o remete para lá e ele ainda vê o lugar como no seu tempo. De que nos interessa isso?

Ficou acertado que, quando houvesse chance, levariam Julião até o Engenho da Estrela. Era necessário que, de uma vez por todas, ele tivesse consciência de sua situação e rompesse com aquele passado. No tempo aprazado, desceram em pequena comitiva até o local onde outrora ele vivera.

– Então, Julião? O que me diz? – perguntou Átila.

Os dois estavam plantados no meio do terreiro onde, em outros tempos, os negros eram supliciados. Julião achava tudo muito estranho.

– Onde tá o pelourinho? O tronco? – perguntou a si mesmo.

Olhou para trás e novo susto. A casa grande estava em ruínas. O reboco caíra quase por completo, revelando o esqueleto de vergalhões, grandes tijolos e pedras amalgamadas com liga de barro e óleo de baleia.

Devagar, foi caminhando até o pé da escada imponente que levava à varanda do casarão e estancou. Olhou para trás e trocou um olhar com Átila, como que a pedir autorização para galgar os degraus.

– Não faça cerimônia homem, vá em frente.

Algo parecia grudar os pés dele no chão. O respeito que tinha pelo coronel Álvaro não tinha se extinguido por completo, apesar dos quase dois séculos que haviam passado. Só subia aquelas escadas quando era convocado pelo coronel e raríssimas vezes, quando de uma comemoração. Beber da boa cachaça em homenagem a alguém. Nessas datas, vestido com o traje de ir à missa, sentia-se importante.

Ainda hesitante, começou a subir degrau a degrau a imponente escada, com dificuldade, por causa das muletas.

A madeira do piso da varanda, assim como a do interior da casa, estava arruinada. Muita infiltração de água e o próprio desgaste do tempo fizeram com que tivesse ruído em vários pontos. Olhou para o teto e o que viu foi um grande vazio que deixava entrar livremente os raios de sol; nada da mobília faustosa, nada de nada.

– Vamos até o Engenho, deve ter alguma coisa funcionando por lá.

Passaram por umas ruínas baixas quase ao nível do solo do que havia sido a grande senzala. Em sua cabeça uma pergunta: onde estava aquela negrada toda? Onde tinham ido parar? Certamente teriam fugido para algum quilombo. Isso, porque ele não estava por lá. Se estivesse, teria ido buscar um por um. Os cabeças, ele próprio mataria para dar o exemplo, o resto seria tronco. Não se podia ser bom com aquela escória.

Continuando a andança, foi até onde estavam instaladas a moenda, a casa de purgar e a fornalha. Dessas instalações, nem os alicerces tinham sobrado. Frustrado, olhou para o horizonte e, de súbito, seus olhos brilharam.

– Olha lá, olha lá, Átila... – gritou a plenos pulmões. Tinha avistado um grupo de negros uns cinco ou seis que, ao ouvirem seus berros, saíram em desabalada correria, cada um para um lado, espalhando-se.

Julião fixou um e, por uma fração de segundo, esqueceu sua condição física; tentou correr para pegá-lo e foi de cara no chão! Revoltado, berrava para que Átila fosse atrás dos negros.

– Não adianta. Eles são espíritos iguais a nós, só que ainda estão na ignorância, assim como você esteve por tanto tempo. Existem milhares iguais a eles por essa região.

– Então, o coronel e a filha também estão por aqui?

– Não, não. Tudo a seu tempo; agora vamos encontrar os outros e retornar.

Ia ser difícil assimilar tudo o que tinha visto naquela sua primeira incursão à crosta terrestre.

Quando retornaram, Átila reportou a Angel a frustração de Julião ao não encontrar o objeto de sua vingança.

Angel, habilidoso que era, sabia que, com um suborno aqui, uma concessão ali, acabaria conseguindo o que queria. O tempo na dimensão que ocupava não era de grande importância e, quando Julião começava a ficar ansioso, era lembrado dos quase duzentos anos que deixara escapar e, nessas horas,

recolhia-se entre resmungos de mau humor.

Com os artifícios usados pela ordem, não foi grande o tempo para encontrar Mariana.

Quando a notícia chegou, mandou que chamassem imediatamente Julião.

Não foi tarefa simples localizar Mariana. Mecanismos de defesa do espírito reencarnante existem justamente para que não sejam identificados por desafetos que, se os descobrissem certamente, iriam exercer pressões negativas sobre eles.

– Finalmente encontraram o que você tanto ansiava: Mariana.

Um brilho surgiu em seus olhos.

– E coronel Álvaro também?

– Não. Por enquanto, só Mariana, e é o que nos basta por ora. Vou ordenar os preparativos para que em breve façamos uma visita exploratória a ela.

Pela primeira vez em quase dois séculos o capitão do mato sentia-se alegre, renovado. Parecia ter tirado das costas em enorme peso. Pelo jeito as coisas iam começar a andar bem para o seu lado.

Ultimados todos os preparativos, deixaram o umbral e rumaram para a crosta terrestre. Angel vinha com pouco aparato para não chamar atenção aos objetivos de sua descida. Era a segunda vez que Julião estaria entre os “vivos” e não via a hora de colocar as mãos em Mariana.

Mariana se encontrava reencarnada em um humilde lar. Contava nessa época quatro anos de idade, e seu espírito animava um corpinho harmonioso, em formação com um rosto de anjo, alegre e sorridente.

Foram dar em uma casa pequena, com quintal de terra batida, onde uma menina dava impulso, sentada na cadeirinha de um balanço.

– Olha, mãezinha, mais alto agora.

A mãe, à sombra de um abacateiro, amamentava a outra filhinha, que não fizera um ano ainda.

– Mais devagar, Laura, senão você ainda acaba caindo e se machucando.

Átila se aproximou com Julião e apontou:

– É aquela ali no balanço.

– Não pode ser. Você está enganado. Essa criancinha não pode ser Mariana; você mesmo ouviu quando a mulher chamou-a de Laura. Ela era... – e a confusão

começou a se estabelecer na cabeça dele.

– Atine, capitão. É o espírito dela que anima agora esse corpinho de criança; ela ainda vai crescer, mas fisicamente nunca será igual à Mariana. Vamos... coloque os pensamentos no lugar.

Julião chegou mais perto para ver melhor. Olhando fixamente para a menina, aconteceu um fenômeno: o rosto inocente e angelical daquela criaturinha de repente se transfigurou no rosto da Mariana que ele conhecera – frio e cínico. Aquilo foi demais e, adensando-se por uma fração de segundo, fez-se ver pela menina, estendendo os braços como se quisesse estrangulá-la.

– Mãezinha, mãezinha... – gritou apavorada – tem um homem mau querendo me pegar – e apontava trêmula em direção a Julião, que só ela podia ver. Desatou num choro convulsivo. A mãe, rápida, levantou e foi até ela que, aos soluços, se agarrou em suas pernas, escondendo o rostinho em seu vestido.

– Não deixa ele me levar.

Foi assim que se deu o primeiro encontro de Laura com um membro mais graduado da Ordem, e aquele que havia “encomendado” justiça.

Após esse episódio, a menina nunca mais foi a mesma. Não que estivesse desprotegida; sua mentora e protetora estava sempre por perto, atenta ao que acontecia, além da proteção quase universal que é dada aos reencarnantes nos primeiros anos de vida. Acordava à noite gritando e falava dormindo. Preocupada, sua mãe levou-a a uma Igreja Evangélica que ficava no próprio bairro, proporcionando à menina substancial melhora, que perdurou até próximo

dos doze anos, quando ainda frequentava a Igreja.

A partir dessa data, não houve dia em que ela não fosse monitorada por algum integrante da Ordem. Exerciam até o papel de protetores, pois a queriam bem para poder seguir o plano de justicamento elaborado para ela.

Teriam que esperar, mas, em compensação, tinham tempo suficiente para proceder análises de seu caráter e personalidade, identificando os pontos fracos onde poderiam exercer maiores pressões e chegar a resultados gratificantes.

Julião nunca foi destacado para acompanhar a menina. Como parte envolvida e depois do desequilíbrio no dia em que a viu como Laura, poderia pôr tudo a perder antes que o tempo certo chegasse. Era destacado para serviços menores, ligados sempre a atos de violência. Para ele, aquele trabalho estava melhor do que surrar e, eventualmente, matar um escravo ou outro, que, afinal, em sua concepção, não era gente.

Quando Laura estava prestes a completar doze anos de idade, os mentores da Ordem, em assembléia com Valdez e Angel, deliberaram que era chegado o tempo de dar atenção especial àquele caso. Iniciaram, assim, as influências, as sugestões e a fixação de novas idéias na mente da pré-adolescente, procurando explorar sua forte tendência para os desvios sexuais e vaidades.

A boa vingança deve ser levada a efeito devagar, ser curtida, apreciada, e era exatamente isso que fariam com Laura.

capítulo sete

Julião alternava estados de lucidez e perturbação com frequência. Na região umbralina onde se encontrava e, em especial na casa onde morava, aconteciam fenômenos que não conseguia entender. Passavam por lá pessoas com estranhas vestimentas, falando línguas que não entendia, sendo que a maioria nem dava por sua presença no ambiente. Era tudo estranho e inexplicável para sua mente simplória.

Quando se sentia confuso, pegava as muletas e ia passear pelos arredores, onde via grande número de estropiados, maltrapilhos com as mãos estendidas para o alto como a clamar por alguma graça. Vinha ali a lembrança do estado em que lá chegara e então agradecia a Deus por ter um teto a cobrir sua cabeça.

Uma coisa que estava notando é que suas pernas começavam a atrofiar, dificultando mais sua locomoção.

Por vezes, retornava do estado de confusão mental com a impressão de ter estado em local bem diferente. Recordava estar rodeado por várias pessoas que lhe perguntavam coisas. Para ele, eram anjos, uma vez que brilhavam – uma luz clara com maior ou menor intensidade. Quando voltava ao seu estado normal, sentia-se mais leve.

Outra coisa que lhe parecia estranho era o fato de que uma moça que morava na mesma casa, por vezes, em meio a uma conversa, entrava em perturbação e, literalmente, sumia de sua visão. O mesmo, em relação a ele próprio, já fora narrado por ela. Quando regressavam desses transes, pouco ou nada recordavam.

Ambos nem desconfiavam, mas estavam sendo preparados para reencarnarem compulsoriamente.

Nesses casos, o reencarnante não possui condições que o levem a interferir em seu próprio plano de retorno à matéria. A ignorância e a falta de requisitos morais criam impedimentos, o que faz com que abnegados irmãos especialistas se responsabilizem pelo processo.

É uma árdua tarefa, reservada àqueles que atingiram metas de desprendimento e inabalável amor a Deus e ao próximo.

Breve, Julião receberia nova oportunidade na matéria para tentar refazer caminhos mal percorridos, aprendendo a respeitar e a amar o próximo.

A atração que Laura despertava em Julião viria fazer com que ele reencarnasse próximo a ela, até na tentativa de suas vidas se cruzarem e amenizar o sentimento de ódio que ele carregava no coração. A todos é dada a chance de perdoar, esquecer.

Não viria com ligações consanguíneas. O seu caso não era simples. Muito tempo no umbral fez com que perdesse vínculos e contatos. Ninguém que pudesse interceder por ele, testemunhar um ato de bondade, uma boa intenção. Sua última estada na matéria fora desastrosa; matara e torturara usando todo expediente baixo para ter o que desejava.

Obedecendo a intricada cadeia de contatos, os irmãos Construtores, como são

chamados os que programam as reencarnações, iriam procurar posicioná-lo em um lar não longe de onde Laura vivia.

Teriam que negociar uma família que o aceitasse em seu seio.

Muito trabalho de pesquisa em arquivos seculares e localizaram um grupo já encarnado que, de certa forma, iria preencher os requisitos preliminares para uma aproximação. Eram pessoas que em outra vida já tinham interagido com Julião, mais precisamente na época do Engenho da Estrela. Convenientemente, habitavam local não muito longe de onde Laura vivia. Vinham dos mais variados estratos sociais de antanho, fossem senhores ou escravos. As posições atuais, por vezes, se invertiam. Estavam agregados na mesma comunidade justamente para que o estreitamento no contato os ajudasse a criar convivência em harmonia e menos conflitos do que tiveram anteriormente. Havia voltado com tarefas definidas na espiritualidade, como sinalizadores das coisas positivas; eram irmãos já com certo grau de adiantamento moral que lá estavam para trazer bom exemplo e ajudar com atos de amor no desenvolvimento e crescimento do grupo como um todo.

Fisicamente, habitavam um grupamento de barracos construídos à beira de uma estrada que ligava a cidade aos seus bairros periféricos. Com o tempo, o número de barracos aumentou, constituindo no local uma grande favela.

Começaram, então, a procura por uma família que pudesse ser convencida a assumir a tarefa de aceitar o espírito Julião em seu seio.

Várias aproximações foram tentadas sem lograr êxito, até que, em um barraco de um cômodo apenas, encontraram um casal com uma filha de oito anos.

Em desdobramento, um a um, foram abordados. A mulher, sempre de maus bofes, foi a mais difícil. Era espírito ainda preso a grosseiras vibrações e, invariavelmente, ia dormir impregnada de comida e álcool. Tiveram que provocar nela um mal estar físico, fazendo com que moderasse no garfo e no copo para um contato mais lúcido. Chegaram a ela com jeito, mas a simples menção de uma gravidez a deixou furiosa! Com o vocabulário mais chulo possível, expressou bem o que achava daquela abordagem por ela “sofrida”. Despachou aos berros o grupo que fora incumbido da tarefa.

O trabalho não podia parar, e Carlos, coordenador do grupo, em reunião com seus pares após o incidente, resolveu fazer uma abordagem à filha do casal. Teriam que ser cautelosos.

Na noite seguinte, durante o sono, o espírito da menina deixara o corpo físico e encontrava-se perambulando pelos arredores da favela. Aparentava bem mais do que seus oito anos. Carlos, tomando uma aparência quase tão jovem quanto ela, aproximou-se com cautela, não querendo assustá-la.

Chegou sorrindo e, ajudado por seus companheiros, emitiu vibrações de amor fraterno.

A menina estava receptiva e o olhava com simpatia, o que tornou tudo mais fácil. A partir daí, entabularam conversa; a primeira de várias que iriam ter.

Durante o tempo ao lado da menina, foram sabendo dela: seu nome era Jaqueline, possuía um olhar tristonho e desanimado, o que não combinava com a idade de uma garotinha. Talvez o reflexo da vida que levava. Vivia em um lar conflituoso. Os pais viviam a brigar, moravam sob as mínimas condições de tudo, mas, mesmo assim, ela pensava que poderiam ser felizes.

Em meio àquele ambiente, ela se destacava por ter aprendido algo que a maioria ainda não tinha: a lei do amor ao próximo. E foi nesse seu potencial que Carlos confiou ao expor o porquê daquelas visitas e longas conversas que mantinham. Alguém tinha que renascer, tarefas a cumprir, sendo necessário que se oferecesse essa oportunidade.

Não podiam querê-la como mãe, dada sua pouca idade, mas, no caso, trariam para ela, na posição de irmã, o guia seguro para a vida na matéria. A responsabilidade era enorme.

A princípio, negou-se à tarefa, julgando-se incapaz de ser o “anjo da guarda” de alguém, mas, por fim, cedeu aos sólidos argumentos de Carlos. O próximo passo seria contar a Jaqueline de quem se tratava o reencarnante: Julião. Ela se recordava vagamente dele dos tempos do Engenho da Estrela.

Tinha certa afeição por ele, embora tanto tempo tivesse passado.

Quando retornasse ao seu estado de vigília e acordasse, de nada se recordaria.

O grupo estava satisfeito, a missão estava quase cumprida, faltava agora encontrarem o pai de Jaqueline.

Desde o início, o processo reencarnatório era acompanhado tanto por irmãos socorristas como por prepostos da Ordem.

– Assim como não se pode evitar a morte do corpo físico quando na terra, também não se pode evitar a reencarnação do espírito quando no espaço. Dada a premência de seu retorno e sua não atuação no processo, tem-se o típico caso de um ato compulsório. A urgência de sua volta se deve ao fato de que Laura, já reencarnada, tenha tempo para interagir com ele. É uma chance de ouro para que ambos possam iniciar o processo de perdão ou, no mínimo, aparar algumas arestas – explicou um monitor aos irmãos socorristas em aprendizado.

– Mas e a Ordem e o Valdez? Não têm como interferir? – perguntaram.

– Assim como nós mesmos, no momento são totalmente impotentes. Sabem o que está ocorrendo e saberão onde se dará o nascimento, mas por ora nada podem fazer.

– Julião, de certa forma, não vendeu a alma à Ordem? – retrucaram.

– Sim, bem observado. Para alcançar seu objetivo de vingança, submete-se totalmente à Ordem. É uma entrega incondicional, mas no caso em foco, reafirmo que nada podem fazer. Futuramente, com o fruto mais maduro, usarão do peso de sua influência sugestiva a fim de torná-lo útil aos seus propósitos escusos no campo da matéria.

Os períodos de perturbação eram cada vez mais longos. Irmãos Construtores, senhores do processo reencarnatório, preparavam-no para o primeiro contato com a família na qual iria nascer. Foi tarefa de grande dificuldade encontrar aqueles que se dispusessem a acolhê-lo. A aproximação daquela que viria a ser sua mãe biológica não seria fácil.

Dias após, na hora combinada, encontraram-se numa praça arborizada em colônia espiritual próxima. Eram vinte. Tomaram assento num transporte que os levaria ao local da ação.

Num curto lapso tinham sob seus pés terra batida. A atmosfera que respiravam era pesada, carregada de miasmas de odor desagradável.

Julião vinha amparado por dois especialistas que davam apoio àquela operação. Encontravam-se na periferia de uma cidade; era pontualmente dez da noite.

Américo, posto avançado da equipe, saudou-os; já os esperava.

– Oi, pessoal, alguma dificuldade para chegar?.

– As de sempre. Cada vez, torna-se mais difícil a aproximação; as vibrações densas e o magnetismo ruim pareciam querer desestabilizar nosso transporte a ponto de termos que nos concentrar, rogando recursos. Até quando poderemos estar por aqui?

– Sempre, pois a providência do Pai nunca faltará onde houver alguém que necessite Dele.

– Então, vamos – falou Américo, pondo fim à pequena tertúlia.

Por perto, na certeza de não estar sendo notado, ia Átila, que desde cedo fazia

campana nas imediações, aguardando a chegada da caravana.

Já tinha estado no barraco para onde eles se dirigiam e feito seus próprios contatos com irmãos em desequilíbrio que o habitavam. O método para obter informações, o mesmo de sempre: suborno e promessa de compensações materiais. Assim, granjeou a simpatia daqueles espíritos desajustados.

O ambiente que estavam para enfrentar era pesado. À medida que iam avançando em meio aos barracos daquela favela e chegando próximo de seu objetivo, mais ia se revelando o ambiente promíscuo em que tinham ido dar. Américo parou diante de um barraco, fazendo com que os que vinham atrás também estancassem.

– É aqui!

Dois guardiões os esperavam do lado de fora, para garantir o mínimo de segurança para o grupo.

Adensaram-se aos níveis máximos que puderam para não atrair curiosidade sobre eles e entraram.

O caos imperava no local.

– O que você pensa que é? – gritava o marido com a mulher, que, sentada em um sofá rasgado, assistia à novela.

– Já viu que horas são? Cadê minha comida, sua vagabunda? Ande, levanta logo esse rabo do sofá.

Sem dizer palavra, a mulher se levantou e, de imediato, caiu sentada sobre o sofá, após ser atingida por forte bofetada.

Não se dando por vencida, partiu para cima dele, indo brigar de igual para igual. As brigas naquela família faziam parte do cotidiano, e nem a filha pequena e os vizinhos ligavam mais para o fuzuê que faziam. Os vizinhos ora incentivavam um, ora outro:

– Soca ele, Jandira... bate com a panela... racha a cabeça dele.

Assim foi até cansarem e caírem exaustos cada um para um lado.

Ele, do jeito que caiu, adormeceu, bêbado que estava. Ela, como se nada de anormal tivesse ocorrido, voltou a sentar-se no sofá para assistir ao último capítulo de sua novela.

As vibrações ali eram pesadíssimas, e os irmãos socorristas, assim que o conflito terminou, iniciaram um trabalho de convencimento, a fim de diminuir o número de irmãos em desajuste que se encontravam no lugar. Feito isso, Américo e dois Construtores, amparando Julião, aproximaram-no daquela que viria a ser sua mãe; nesse instante, Julião foi tomado por um sentimento de repulsa.

Ao seu lado via uma mulher negra, gorda, mal cuidada, transpirando fortes

vapores de álcool.

Julião, em sua semilucidez, entrou em estado de desespero. Queria ir para longe dali, mas não conseguia. Algumas ligações fluídicas começavam a se estabelecer entre ele e aquela mulher. Com suas últimas forças, ainda tentou resistir, em vão.

Estava dando trabalho, até que, através de passes magnéticos, começou a se tranquilizar, perdendo o resto da lucidez que lhe restava.

A mulher sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo e, subitamente, teve ânsia de vômito. Saiu às pressas e foi até o vaso sanitário, que ficava fora do barraco, resolver sua situação. Pouco depois, retornou aliviada para a sala, que também era o quarto, a cozinha...

Mais algumas providências e poderiam regressar. Américo ficaria com os dois guardiões a fim de garantir o sucesso da operação.

Pelas duas horas da madrugada, Norton acordou assustado, no chão, bem onde caíra de bêbado. De quatro, Tateando, chegou até o colchão em que dormia com a mulher e a filha. Deu um chega pra lá na menina e aconchegou-se à mulher. Jandira acordou:

– Que que tu qué agora, nêgo safado? Tá querendo me usá, é?

Ele queria. E usou. Naquela noite, Jandira foi fertilizada, e os laços entre mãe e filho começaram a se estreitar.

A partir desse episódio, Julião não mais recobriria a consciência. Seu espírito, em processo de redução, era mantido próximo à sua mãe biológica, recebendo desde então todas as impressões por ela sentidas. As brigas, agressões trocadas com o futuro pai, as constantes bebedeiras, o fumo, tudo ia se fixando, ficando registrado em seu subconsciente.

Jandira, já com a filha para cuidar, quando se deu por grávida, começou a nutrir um sentimento de rejeição por aquela coisa – que era como ela se referia ao filho – que carregava na barriga.

Todos que estavam envolvidos naquele processo reencarnatório estavam fazendo o que podiam para que o feto vingasse. Não viesse a abortar.

Átila continuava acompanhando o desenrolar dos fatos de perto e levando informações aos seus superiores.

Desde o início, os Construtores tinham registrado sua presença e observavam a dedicação com que Átila cuidava, como eles próprios, para o sucesso daquela reencarnação.

– Pois é, além do protetor a ser designado para Julião nesta nova empreitada na matéria, parece que arrumou mais um. Sem saber, Átila está praticando um ato moralmente alinhado com a espiritualidade superior, o que só lhe trará benefício no futuro.

capítulo oito

A luta dos Construtores para manter o espírito junto à futura mãe era intensa. Cada dia uma nova batalha para evitar que o feto que se formava fosse abortado. A vida de Jandira não se modificara praticamente em nada. Continuava no mesmo baixo padrão de sempre, engordara bastante e, agora, quase no fim, dera para cometer maiores abusos com relação ao álcool, fumo e mesa. Em nome do “desejo de grávida”, se empanturrava de gordurosos e se enchia de cachaça barata.

– Cachaça é bom para derreter a gordura – dizia.

Jandira, no início da gravidez, fora ao posto de saúde fazer os exames de rotina. Já era figura conhecida de todos. Nunca levava muito a sério as recomendações médicas e nem por isso tinha deixado de parir uma filha. Com este não ia ser diferente.

Durante um dos exames, ficou sabendo que se tratava de um menino. Para ela, tanto fazia. Queria mais é se ver livre daquele barrigão que já a estava incomodando. Ao contrário dela, a filha esperava ansiosa a chegada do irmãozinho. Era no pensamento e na boa vibração dela que os irmãos socorristas recolhiam recursos para ajudar a dar algum conforto ao espírito de Julião, castigado dioturnamente pelo sentimento de rejeição da mãe.

Pesadíssima e continuando sua vida desregrada, um dia após a ingestão de portentosa rabada e alguns “goles”, começou a sentir estranhas contrações abdominais. Viu que alguma coisa não ia bem, mas ainda estava longe do tempo

ideal. Mal completara sete meses. E agora?

– Me chama o Norton, depressa. Vá ver se ele tá no botequim

– despachou a filha, que, no mesmo pé que foi, voltou, dizendo que o pai não estava no boteco.

A essa altura, a vizinhança solidária estava ao seu lado, e alguém já tinha ido até o telefone comunitário chamar o resgate.

Rapidamente o resgate chegou e ela, tendo uma vizinha como acompanhante, foi levada ao hospital. Na maca, virou a cabeça de lado e gritou para a filha:

– Toma conta de tudo e vê se alguém avisa o safado do teu pai!

Dentro da viatura suas contrações tornavam-se mais frequentes, o parto ia em ritmo acelerado. A bolsa da água estourou e os paramédicos tiveram que fazer os procedimentos do parto ali mesmo, dentro da viatura.

– Vamos, mamãe, ajuda a gente, faz força.

Jandira agora suave em bicas e gemia como um animal ferido. Tinha enjoo, muitas dores. Em seu parto anterior não sofrera tanto.

Apontou a cabecinha da criança que começou a ser “expelida” daquele ambiente hostil onde ficara aprisionada durante sete meses.

Tinha o cordão umbilical enrolado no pescoço qual o laço de uma forca, fazendo com que sua chegada se desse em silêncio. Movimentava nervosamente os bracinhos como a procurar por ar, por vida.

Com perícia, o paramédico desfez o laço que quase sufocava o bebê, desobstruindo-lhe as vias respiratórias. Após um estímulo, chorou; foi um choro sentido, fraco e carregado de mágoa, podia-se dizer.

Nesse instante, o resgate chegou ao hospital; a mãe na maca e o filho nos braços de uma enfermeira deram entrada.

Antes de serem encaminhados, a enfermeira tentou mostrar o nascituro para a mãe, que praguejou:

– Não quero ver esse peste agora. Vê só o que ele já aprontou pra nascer, esse “coisa ruim”. Depois tem tempo.

A criancinha foi imediatamente levada para asseio e colocada em uma incubadora.

Pela primeira vez em meses, Julião, agora reencarnado naquele corpo frágil, sentia-se em paz. De repente, cessaram os ataques psíquicos que tanto tinham judiado e comprometido sua formação no útero materno.

– Milagre se sobreviver – falou a médica responsável pela UTI – ele nasceu muito debilitado. Sabendo dos comentários da mãe do bebê, disse:

– Não creio que a reação dessa mãezinha será boa, ao saber que o seu neném nasceu com as perninhas mal formadas.

O nascimento tinha se dado naquelas circunstâncias por interferência direta dos Construtores; mais algumas horas no ventre materno teriam sido fatais para o feto, que já estava em sofrimento, dada a posição em que se encontrava, sufocado pelo cordão umbilical.

A operação restringiu-se à aplicação de fortes passes magnéticos indutores do parto na região do ventre de Jandira, sendo facilitado por ela mesma, já que rejeitava “aquela coisa” com tanta força.

Quando o bebê respirou pela primeira vez, enchendo de ar os pulmões, iniciou-se uma nova luta: a manutenção do espírito animando aquele corpo frágil.

Acomodado na incubadora, recebendo todo o cuidado necessário, era observado, de um lado por irmãos socorristas que estavam há uns dois passos afastados, e também por Angel, que tinha ao seu lado o submisso Átila.

Norton só chegou a casa à noite, bêbado demais para notar a ausência da esposa, e foi a filha que lhe chamou a atenção:

– Pai, pai – falava, puxando-o pela barra da camisa para se fazer notar. Ele, cambaleante, virou e, para se livrar dela, deulhe um empurrão, fazendo com que a menina caísse.

– Pai, a mãe já teve nenê – falou chorosa.

Ele tentou responder alguma coisa e não conseguiu; deu uns passos até a cama e adormeceu.

No dia seguinte, quando acordou, ficou sabendo por uma vizinha como tudo tinha ocorrido.

Ouviu com ares de homem responsável; agora, era de se esperar que fosse ao encontro da mulher e do filho no hospital. E foi o que intentou fazer. Saiu do barraco, recebia os cumprimentos de um, de outro e, já chegando perto da avenida onde tomaria condução, parou em seu boteco favorito para contar as novas, participando aos amigos o nascimento do filho; afinal, era um acontecimento e, como tal, merecia comemoração.

– Portuga, desce aí uma branca daquela que tu guarda embaixo do balcão – virando-se para dois infelizes que já estavam “cachaceando”, ordenou:

– Serve para eles também, essa rodada é por minha conta.

Os brindes começaram; aí chega um amigo, depois outro e o conversê esticou. Norton já estava ficando “bonitinho” e se preparava para sair quando um

companheiro perguntou:

– E o nome do moleque? Qual é?

Norton foi tomado pela surpresa, ainda não tinha pensado naquilo. Deveria ser um nome de moral, pomposo, de cinema, como era o de sua filha. O seu próprio nome foi escolhido por seu pai, que era mecânico, inspirado na marca de uma motocicleta vencedora de várias competições.

– Portuga, põe mais uma aqui. Agora a coisa pegou pra mim – e assim, começou tudo de novo.

Nove da noite voltou para casa, carregado por amigos.

Depois de muito insistir, Jaqueline conseguiu que o pai a levasse para visitar a mãe e conhecer o irmãozinho.

Três dias tinham se passado e, naquela tarde, Jandira teria alta.

O encontro do casal não poderia ser mais frio.

– Que que tu tá fazendo aqui, nego safado?

Sóbrio e submisso, quase encolhido, respondeu:

– É que tive uns problema nêga, me desculpa.

– Já viu teu filho?

– Não, viemo primeiro aqui.

– Então vai, que depois nós conversa.

Pegou a filha pela mão e perguntando, chegou ao berçário.

Assustou-se quando foi colocado ao lado da encubadeira. Aquela coisica tava viva? Como?

A irmã olhava-o com ternura, e ele parecia acusar o bem-estar que as vibrações dela lhe causavam.

Olhando com mais atenção, notaram a atrofia em suas perninhas.

– Meu irmãozinho é aleijado?– perguntou à enfermeira.

– Não é bem isso. Hoje em dia, existem recursos que podem ajudá-lo no futuro a corrigir esse defeito de nascença.

Retornando a enfermaria, ouviu de Jandira:

– Você viu como seu filho nasceu? Disse em tom provocativo, desafiador.

– Vi, vi, sim. Foi Deus que quis assim – respondeu Norton.

Nesse momento, Jandira não se conteve e retrucou:

– Deus, uma ova. Você com suas bebedeiras é que fez que ele nascesse aleijado, e sabe o que isso quer dizer? Trabalho dobrado pra mim; se esse peste não morrer ao sair daqui eu dou ele pro primeiro que quiser.

A essa altura Jaqueline chorava.

– Você não pode dar meu irmãozinho, você não pode dar meu irmãozinho – insistia.

Aproveitando o momento, um enfermeiro veio e deu por encerrada a visita.

Enquanto a mãe era liberada para alta, Jaqueline e o pai aguardavam já do lado

de fora do hospital.

– Espera um pouco aqui, filha, que o pai vai pegar um cigarro – disse, apontando para uma padaria.

Ela sabia que era mentira.

– Garoto, põe aí uma branca no copo americano. Tragou o conteúdo do copo em um gole. Estalou a língua e, instantaneamente, sentiu-se melhor.

Precisava se ligar, estar atento. Ia ter que usar muito a “cachola”; não ia ser fácil encontrar um nome pomposo para colocar no filho; como poderia escolher um nome para o filho depois que o tinha visto? Difícil tarefa. Precisava, e muito, juntar-se aos companheiros de bebedeira para resolver o problema.

Quando a mulher chegou, ele já tinha ido umas quatro vezes “pegar um cigarro” no bar. Agora estava bem e sentia-se confiante. Jandira sentiu o hálito da cachaça e achou que seria prudente não provocá-lo até estarem no barraco. Sábia decisão.

Pegaram a condução e, antes do fim da tarde, estavam a casa.

Norton parara no boteco, pois tinha que resolver assuntos “importantes”.

Jaqueline só iria ver o irmãozinho meses mais tarde, quando este fosse para casa.

O pai, na sua grande preocupação atual em arranjar um nome condizente para o “coisica”, ficava o dia inteiro bebericando e não conseguia tempo para ir ao hospital.

Jandira não ia por não querer mesmo. Quanto mais distância do menino, melhor para ela. Assim, anulava-o de sua existência.

Pessoas da comunidade, vez por outra, iam visitar a criança, e era assim que Jaqueline tinha notícias de seu irmão.

– Ganhou tantos gramas! Está mais gordinho – isso a deixava feliz.

Certo dia, chegou uma assistente social com a notícia de que a criança já podia ter alta, e que era necessário buscá-la.

À noite, quando Norton chegou, ficou sabendo da notícia. Isso é que era motivo para comemorar.

– Então, amanhã você vai lá pegar a criança?

– Nem por um decreto! Eu é que não vou lá trazer aquele aleijado, traste, pra tomar conta. Se eu for pegar, largo na lata do lixo!

– Traste? Lata de lixo? Não, aquilo já era demais, logo agora que o “coisica” já tinha até nome! Franklin, isso mesmo, Franklin, nome de presidente americano!

O primeiro tapa fez Jandira cair no chão. Com mais agilidade do que se podia supor dado seu porte físico, ergueu-se de um pulo e foi na garganta dele. Antes de conseguir o intento, o soco veio direto, certo no olho. Aí não teve jeito, inchou na hora. Agora, definitivamente no chão, se lamentava.

– Eu sou mesmo uma desgraçada... Eu quero morrer... Deus se esqueceu de mim... – E forjava um choro que não era real.

A vizinhança, acostumada, nem ligava para seus falsos lamentos. Naquela noite mandou Jaqueline para casa da comadre e, durante toda a madrugada, a favela pôde ouvir os gemidos do casal, entregue desenfreadamente ao sexo. Há tempos não tinham uma noite daquelas.

Na manhã seguinte, seu rosto chamava a atenção por onde ela passava e, no hospital, não foi diferente. O hematoma sobre o olho era enorme, o que a impedia de abri-lo.

– O que foi isso?” Perguntou a enfermeira, já adivinhando o que tinha acontecido.

– Nada, não, bati na porta!

– Antes de pegar o bebê, vem comigo ao pronto socorro; você vai precisar levar

uns pontinhos – disse, levando-a pelo braço.

Chegou à favela com seu Franklin enroladinho num cueiro bonito. Ganhara um enxoval completo para ele. Não se podia dizer que estava orgulhosa por trazê-lo para casa.

capítulo nove

Os primeiros dias do “coisica” em casa foram desastrosos. Não fosse Jaqueline e a ajuda e experiência das vizinhas e teria partido desta para melhor.

Jandira, com os peitos secos, continuava na mesma toada de vida: bebida em excesso, comida e cigarro. Não se interessava se tinham o que comer, contanto que não faltasse para ela. Norton, apesar dos pesares, era mais sensível. Do dinheiro que ganhava fazendo bicos como pedreiro, deixava parte às escondidas com Jaqueline e recomendava:

– Não deixa faltar comida pra vocês. Principalmente pro Franklin.

O tempo ia passando e, com quase quatro anos de idade, ainda tinha dificuldades para andar. Não conseguia se sustentar muito tempo sobre as próprias pernas. Tentar, bem que tentava, mas caía, invariavelmente. O pai, com o objetivo de estimulá-lo, pegava qualquer objeto que atraísse a atenção, assim como uma bola e, se distanciando, chamava o filho:

– Franklin, Franklin vem pegar, vem.

E lá ia o menino, tentando caminhar, caindo, levantando, até chegar ao pai.

– Tá pensando que teu filho é cachorro, homem? – chamava sua atenção uma

vizinha – não fala assim com ele, não, seu ‘Norto’.

Em visita à favela, um grupo de pessoas pertencentes a uma fundação voltada para a assistência social teve a atenção chamada pela condição de Franklin. Observaram o modo como o pai, embora com boa intenção, tentava fazer o filho andar. Ficaram sensibilizados.

Chamaram Norton para uma conversa, pois queriam se inteirar de toda a situação que cercava aquela criança. Tudo esclarecido, pediram que o pai autorizasse o encaminhamento do filho para um centro de reabilitação, a fim de ser submetido a tratamento específico. Talvez, em futuro próximo, suas condições de locomoção melhorassem.

O pai topou na hora. Quem sabe, um dia, o menino poderia até bater uma bolinha?

Com o passar do tempo, a melhora se evidenciava e, três anos depois do início do tratamento, Franklin já podia andar, embora tendo de apoiar-se em duas muletinhas feitas especialmente para ele. Agora podia interagir mais com os da sua idade nas brincadeiras comuns. Mesmo assim, era taciturno, solitário. A única pessoa com quem se abria era a irmã, em quem confiava. Junto a ela, sentia-se confortável e confiante.

Ficava possesso quando a mãe, bêbada, iniciava uma sessão de espancamento contra eles sem motivo nenhum. O que mais doía era quando uma pancada atingia sua irmã, a quem ele tanto amava. Nessas horas, pensava em liquidar a mãe com requintes de crueldade, mas o que fazer? Mirrado e deficiente, mal podia com ele próprio. Paciência.

Esperava ansioso a kombi que vinha duas vezes por semana pegá-lo para levar ao instituto. Por causa do trajeto a ser seguido, ele era sempre o primeiro a ser pego; nessas horas, sentia-se muito importante. Não tinha pra ninguém, era ele sentado ao lado da assistente, e o motorista, lá na frente, guiando somente para eles. Até chegar ao instituto, a kombi parava mais vezes para pegar outras crianças que, assim como ele, precisavam daquela assistência.

Já tinha decidido:

– Quando crescer, vou ser motorista de kombi!

Por essa época, com sete anos, por pressão de uma assistente social, foi matriculado no primeiro grau da escolinha pública que funcionava perto da favela; nos primeiros dias, Jaqueline foi levá-lo.

Não foi fácil convencê-lo a ficar ali sozinho, sem a companhia da irmã. Ele se agarrava a ela com todas as suas forças.

Com jeito e paciência, a irmã e a professora fizeram com que ele se acalmasse e conseguiram convencê-lo de que aquilo era necessário.

Passados os dias, ia se integrando, fazendo novos amiguinhos, mas não escapava de certa discriminação das crianças, por ser deficiente. As provocações, tais como convidá-lo para jogar bola ou brincar de pega-pega, eram constantes, e isso o incomodava. Engolia sua desdita, mas não a digeriu bem.

Algumas vezes, chegou às vias de fato e, nessas horas, uma vez no chão, levava vantagem sobre os outros por ter os braços fortes, graças ao uso contínuo das muletas.

Na hora das aulas era distraído, não prestava atenção quase a matéria nenhuma, exceção feita às aulas de História do Brasil. Ficava fascinado com a narrativa da professora, que tinha o poder de transportá-lo pelo tempo. Quando versava sobre o período colonial, então, nem se fala. Via-se no meio de vastas plantações, já um homem feito, com boas pernas, dando ordens a uns e outros que chegavam ao seu lado. Durante essas aulas, e só durante elas, interagia com a professora, fazendo perguntas e, vez ou outra, comentando fatos que supostamente tinham ocorrido com ele.

– Quanta imaginação! – pensava sua professora – de onde será que vem tudo isso?

Mal sabia, mas eram resquícios de reminiscências até então vivas, presentes e frescas em seu espírito. Por vezes, sob o estímulo de algo que a professora narrava, afloravam em sua mente essas recordações de um pretérito feliz.

Menino esperto, logo aprendeu o caminho que levava à escola. Em poucos dias, já o percorria sozinho e, com o tempo, aprendeu outros caminhos que o levavam a lugares não tão recomendáveis. Gostava de matar aula e ir com os amigos à mata que se estendia até o horizonte quando acabava a favela. Iam ver e ouvir passarinhos, correr atrás de algum preá desavisado ou mesmo ficar por horas sentados à beira de um pequeno córrego poluído que passava pela favela, fazendo as vezes do esgoto. Outras vezes, apenas pegavam o caminho inverso da escola e iam para a beira da pista observar os caminhões e ônibus que por lá passavam. Durante as conversas e observações que fazia junto aos coleguinhas, decidiu-se a não ser mais motorista de kombi, mas, sim, de caminhão! Isso mesmo. Dirigir um daqueles bem grandões, ter liberdade, ir onde bem entendesse – pensava, com a inocência de criança.

As coisas iam nesse andamento até que uma inspetora da escola foi à casa dele falar com sua mãe.

– Dona Jandira, vim aqui porque estamos preocupados com a ausência do Franklin. Ele tem ido pouco à escola. Por acaso está doente ou aconteceu alguma coisa?

Jandira ficou branca de raiva com a notícia.

– Esse peste... esse... será que não tem cabeça? É safadeza, dona Marly, pura safadeza. Daqui ele sai e volta no horário, mas pode deixar que pego ele de jeito!

Lá pelas tantas, Franklin retornou. A porta do barraco estava aberta para melhor ventilar, e ele entrou despreocupadamente. A mãe já o aguardava no meio do cômodo, e ele mal teve tempo de acostumar a vista à diferença da luz do sol e a penumbra do barraco, quando o primeiro tapa estalou violento sobre seu rosto. Ele para um lado, muletas para o outro.

Jandira, tomada por uma fúria insana e descabida, passou a mão em uma cinta de couro que já estava separada e começou a bater no menino. Não importava onde as pancadas caíam, por reflexo e com as mãos preservando o rosto, Franklin deu as costas; quanto mais implorava para que a mãe parasse aquele suplício, ela mais lanhava suas costas. Mais uma vez, os vizinhos tiveram que intervir antes que o garoto fosse massacrado.

– Para, mulher! Desse jeito você mata o menino.

– Melhor que fosse assim, isso aí não presta para nada mesmo.

Estava ofegante, o coração disparado. O esforço fora muito para aquele corpo gordo, disforme.

Uma vizinha próxima recolheu Franklin em casa. Não queria correr o risco de deixá-lo à mercê daquela “louca”. Esperaria Jaqueline chegar do trabalho para entregá-lo à irmã.

Já uma moça, ela trabalhava como doméstica em uma casa de família. Tinha a função de arrumadeira e fora indicada para aquela casa por Matilde, figura bastante conhecida na região, por ser lavadeira havia anos de várias famílias que moravam nas cercanias da favela. Há quase dois anos naquele emprego, estava contente. Os patrões eram bons, a família unida. Na casa, nunca ouvira um grito sequer ou uma discussão, e tratavam-na como igual. Quanta diferença sentia ao afastar-se daquela ilha de paz e aproximar-se de sua própria casa!

Os palavrões, os gritos ofensivos entre os pais; mas o que mais a incomodava, eram as surras que sua mãe aplicava em seu irmão. Sem motivo, a não ser por algumas travessuras de criança, as surras eram injustas. Apanhara, ela própria, bastante quando pequena, mas, à medida que foi crescendo e com a chegada do irmão, parecia que a mãe a tinha esquecido. Fazia tempo que não era tocada.

Recordava-se com carinho de uma noite em que, devido ao mau tempo, não pôde voltar para casa tendo que pernoitar no emprego.

Os donos da casa e o casal de filhos, após uma leve refeição da qual ela própria foi convidada a participar, explicaram que o quase jejum se devia ao fato de eles iniciarem, precisamente às oito da noite, o Evangelho no lar.

A principio, ela não entendeu nada. Ouvira falar vagamente do Evangelho e, embora não tivesse uma religião, acreditava em Deus, mas o porquê, também não saberia dizer. Talvez, por todo mundo falar Dele, usar seu nome. Quem sabe!

Precisamente às oito, todos se achavam acomodados em torno de uma mesa. Sobre ela, o Evangelho Segundo o Espiritismo e o Livro dos Espíritos, que estava sendo estudado durante aquelas reuniões semanais.

Feitas as preces de abertura, a reunião seguiu seu curso normal, com leitura e comentário do Evangelho e o estudo do Livro dos Espíritos. Encerrada a reunião, todos beberam da água de uma jarriinha que ali estivera para ser fluidificada.

Embora tivesse entendido muito pouca coisa do que fora lido e comentado, Jaqueline estava deslumbrada. Sentia-se tão bem que desejava que aquele momento se eternizasse nela.

– Jaqueline, Jaqueline – era a dona da casa que a chamava tocando seu ombro –
acorda menina.

– Tô dormindo, não, mas tava longe, longe – respondeu, com a fisionomia de quem estivesse voltando do paraíso.

Daquela noite em diante, sua vida não foi mais a mesma.

Apesar de nunca mais ter tido oportunidade de participar junto àquela família do Evangelho, não esquecia daquele abençoado momento.

O contato com aquela família espírita era proveitoso. Ali tinha os bons exemplos que faziam com que refletisse com serenidade e responsabilidade sobre a vida que levava e a que desejaria levar. Foi uma aluna mediana. Estudou por que quis; a mãe nunca a obrigou a nada em matéria de estudos, porém sabia que não queria ser doméstica pelo resto da vida, ou sabe-se até quando, ter que dividir aquele cômodo com os pais e o irmão. Sabia que sua única oportunidade de se livrar daquela sina seria através dos estudos, tinha muita vontade de continuá-los, mas, por enquanto, não tinha condições. Do que ganhava, boa parte ia para as mãos da mãe. Do que sobrava para ela, vestia-se, fazia pequenas despesas pessoais e ainda comprava roupa para o irmão. Tinha por ele um carinho todo especial e sentia-se mais responsável por ele do que a própria mãe. Naquele ano, tinha comprado até o material escolar do menino, o que lhe custara boas caminhadas até o emprego, por conta de não ter sobrado o suficiente para a condução. Sabia que, no momento certo, as coisas iam se modificar.

Ficava abalada cada vez que tinha conhecimento de alguma amiga que partira para a vida bandida, amigada a algum traficantezinho ou se prostituído por alguns trocados.

Embora o ambiente promíscuo em que fora criada e no qual vivera até os dias atuais, mantinha sua boa índole. Não se deixara, ainda, influenciar pelo meio que a cercava.

Do pai, totalmente dominado pelo vício por não ter noção das coisas, tinha pena. Homem de bom coração fizera uma união equivocada e, hoje, ambos, marido e

mulher, amargavam juntos seu destino. Típico caso de se falar que tinham sido feitos um para o outro.

Era bom pedreiro e, quando trabalhava, trazia para casa o que sobrava do boteco, era pródigo: dava dinheiro para os filhos, escondido da mulher, bem entendido.

Perdida em seus pensamentos, Jaqueline chegou a casa após um dia duro de trabalho. Fim de tarde e o calor permanecia sufocante no interior do barraco. Chamou pelo irmão, procurou a mãe e nada. Ia saindo para procurá-los quando sua vizinha, dona Inês, chegou.

– Jaqueline, o Franklin tá lá em casa. Tua mãe pegou ele de jeito com a cinta. Dá até dó de ver as costas do coitado.

Jaqueline tomou um choque.

– Vamo logo, dona Inês, que eu quero ver meu irmão.

Ele estava deitado de bruços, em um colchonete no chão. Mesmo depois de passado tanto tempo, ainda soluçava sentido. Doía mais a alma do que as costas, que apresentava vergões e lanhos. Dona Inês tinha limpado os ferimentos e aplicado sobre eles uma cataplasma de formulação caseira, que o aliviara bastante.

Diante da cena, a irmã chorou. Por que, por que, uma criança como aquela tinha que ser submetida a um tratamento brutal daqueles?

Sentou-se ao lado do irmão e, acariciando seus cabelos, disse:

– Vamos pra casa, irmãozinho, estou aqui, agora. Cuido de você.

capítulo dez

Um bairro operário, uma casa modesta abriga um casal e duas filhas.

No labor diário, ele sai em busca do sustento honrado para manter a prole. Trabalha como motorista de caminhão para o Estado e, embora ganhando pouco, está satisfeito por ter emprego fixo que, ao final do mês, lhe rende o bastante para pagar suas contas.

Quando toma seus aperitivos, invariavelmente comenta a falta de oportunidade para estudar.

– Por isso tô aqui marcando passo, fazendo serviço pesado, mas, com essas meninas, vai ser diferente. Ah, isso vai!

– Pelo menos uma delas eu formo – e continuava seu discurso sobre não ter estudado.

Sua mulher, com as tarefas de casa, tem o tempo todo tomado. Só o marido é que fala da falta de estudos; a mulher é conformada. Não concluiu nem o primeiro grau.

É simples e ignorante de tudo que ocorre no mundo. Uma única vez, quando adolescente, foi à Capital. A bem da verdade, carrega a casa nas costas e, quando

sobra algum tempinho, faz uns docinhos para vender, ajudando nas despesas.

Em compensação, se perguntada sobre novelas, sabe tudo.

É nesse ambiente doméstico que encontramos Laura na infância. Menina inteligente, curiosa, e que precisa de pouco estímulo dos professores para querer desvendar as coisas do mundo.

Com cerca de doze anos, Laura começou a sentir aproximações espirituais, sentia-se estranha e não saberia explicar o porquê. Isso começou a ter influência em seu comportamento.

Laura já era uma moça feita, de boa estatura, tinha um corpo bonito e bem torneado, o que lhe valia gracejos onde quer que fosse. Aparentava ter mais idade; nessa época começam a emergir de sua mente sonhos eróticos com toda sorte de apelo sexual. Eram como uma voz constante a dizer – “Vai, experimenta”. Os sonhos tornaram-se recorrentes, e quase não havia noite em que não era levada ao máximo do prazer. Não comentava com ninguém, pois, embora gostando do que sentia, tinha vergonha.

Mais de uma vez a mãe foi ao seu quarto ver o que estava acontecendo, pois a filha gemia alto e se contorcia sobre a cama. Aquilo devia ser coisa do demônio.

Depois de muito “assuntar” com as amigas e de ouvir aconselhamentos, optou por voltar com Laura à igreja do bairro. Voluntariosa, a menina não queria ir de jeito nenhum. Sabia que ia ser exposta. Brigou até não poder mais e, num determinado dia, a mãe perdeu a paciência e literalmente arrastou-a para o culto.

Ouviu a ladainha toda do Pastor e, em seguida, junto com várias outras pessoas, foi para a frente do modesto auditório para ser submetida ao descarrego.

Ao seu lado, pessoas entravam em transe, esperneavam, gritavam, proferiam impropérios contra o Pastor e seus ministros. Quando um deles encostou a mão sobre sua testa, foi subitamente arremessado a certa distância, fazendo com que os outros deixassem de lado as outras pessoas e iniciassem uma corrente dando-se as mãos, tendo Laura no centro do círculo. Oravam fervorosamente tentando expulsar o “demônio” que provocara tal reação violenta. Se Laura dissesse que sentira mais do que um arrepio estaria mentindo.

Terminado o culto, o Pastor chamou a mãe de Laura e recomendou que trouxesse a menina pelo menos uma vez por semana ao culto.

O resultado dessa ida à igreja foi positivo assim como o fora em sua infância. A frequência dos sonhos diminuiu bastante. Ela parecia estar mais tranquila e até gostava de frequentar o culto, e suas olheiras quase sumiram por completo.

Por dois anos mais, frequentou o culto por vontade própria.

Tinha quase quinze anos quando teve sua primeira experiência sexual. Durou pouco o namoro, e sua curiosidade fazia com que mudasse os parceiros rapidamente, como a maioria das de sua geração.

Admirava uma moça de nome Bianca, que morava na mesma rua. De família humilde como ela própria, prosperava a olhos vistos.

Sempre muito bem trajada, na moda, punha de tudo dentro de casa. A mãe viúva não poupava elogios à dedicada filha. Não era sempre que estava no bairro. A última vez que a vira, vinha dirigindo seu próprio carro. Foi um sucesso no pedaço, e todas faziam questão de se dizerem amigas dela. Era um exemplo para a maioria das meninas como Laura.

Comentavam entre si, após as aulas, sobre o sucesso de Bianca, quando uma delas, baixando a voz em tom de segredo, confidenciou:

– Gente, pelo amor de Deus, o que eu vou falar foi meu irmão que comentou com os amigos, e eu, sem querer, acabei ouvindo. A Bianca é menina de programa. Isso causou o maior alvoroço entre elas – e, parece que se deu bem, ganha muito dinheiro.

Isso foi motivo para as meninas pensarem. Comentavam agora das vantagens de ter a vida de Bianca. Tinha vida própria, carro, roupas maravilhosas, frequentava festas e saía com homens que, no imaginário delas, por causa do dinheiro, podiam oferecer o que ela queria. Bons restaurantes, uma viagem ou outra ou, até quem sabe, conhecer um príncipe encantado para ficar o resto da vida.

Então, isso não era melhor do que ficar saindo com um carinha ou outro sem ganhar nada?

Já nessa época a ideia de se dar bem na vida fazendo programas começou a fazer parte dos pensamentos de Laura e a acompanharia constantemente, alimentada convenientemente pelos prepostos de Valdez.

Cada vez que via uma pessoa mais bem arrumada, outra dirigindo um belo automóvel, consumindo, perguntava-se por que tinha que viver aquela vidinha medíocre.

Tudo na vida estava em aberto, e Bianca tomava conta de seus pensamentos.

Um interesse maior nos meninos mais velhos da escola, a roupa mais curta, mais justa. Andava afogueada, mas a educação que a família lhe dispensava impedia que desse um passo errado. Vontade não lhe faltava.

O tempo foi passando pelos namoricos dela e, quando abriu os olhos, em lugar daquela garotinha atirada, tinha surgido um mulherão com todos os atributos que a faziam levar esse nome.

Com o diploma de magistério, não foi difícil arrumar uma escolinha para trabalhar. O contato com crianças conseguiu afastar, mesmo que temporariamente, as más companhias espirituais que a assediavam, mas eles não tinham pressa. Sabiam que ela era uma deles e, mais cedo ou mais tarde, atingiriam seus objetivos.

A passagem pela escola não durou muito tempo, em virtude da oportunidade de um trabalho melhor remunerado em um shopping, em cidade maior, não distante de onde morava. Não pensou duas vezes. Assim que acertou sua situação, transferiu-se para seu novo emprego. Agora, morava em um pensionato para moças, em sua maioria estudantes universitárias, e a vida que levava era dura. Acordava muito cedo, pegava condução e tinha a responsabilidade de abrir e fechar a loja. Só retornava ao pensionato perto da meia-noite, tomava uma ducha e desabava na cama.

O dinheiro que recebia não era tão pouco como no tempo da escolinha, e chegava ao final do mês com uma sobra. O que a incomodava era ver as outras meninas que moravam no pensionato sempre com roupas novas, sapatos, coisas que não conseguia com o que ganhava. Às vezes, se revoltava com sua situação.

A distância de casa trazia a sensação de total liberdade, o que tornava tudo mais fácil. Podia fazer o que bem entendesse da sua vida. Afinal, já passara dos vinte anos e se considerava dona de seu nariz.

Dentre as novas amizades que fizera, uma, em especial, chamava sua atenção. Assim como ela própria, trabalhava em uma loja no shopping, mas seu padrão de vida era bem superior. Gabava-se de frequentar bons lugares. Curiosa, certa feita, Laura perguntou como conseguia as coisas e, como resposta, ouviu que vez por outra, ela fazia um “programinha” para reequilibrar as finanças.

– Vamos lá, Laura. Isso não tira pedaço da gente, não. Tem um cara, um coroa, que tá doidinho por você, e olha que ele não é de se jogar fora, não dizia a colega, rindo. –Se você quiser, posso dar um toque nele. Pode lhe render uma boa grana.

Mais de uma vez ela quase topou. Já estava ficando cheia daquela vida, cheia de restrições, mas alguma coisa a impedia.

Em um final de semana, como fazia pelo menos uma vez por mês, pegou um ônibus e foi ver a família. O distanciamento era muito custoso para ela. Chegou animada como sempre, juntou a mãe e a irmã para contar as novidades. Falava bastante, mas notou certa expressão de tristeza nelas.

– Que cara de enterro é essa, gente? O que é que está acontecendo aqui? Foi a irmã que respondeu:

– O pai tá de caso com outra mulher, e vieram contar pra mãe. A talzinha tá tomando dinheiro dele, e as coisas já estão faltando aqui em casa.

Agora, todas falavam ao mesmo tempo, e ninguém se entendia mais.

– Chega, chega! – gritou Laura revoltada e, chorando, abraçou a mãe. – Mãe, juro por tudo que é mais sagrado que, enquanto eu viver, nada vai faltar pra você.

Nesse momento possuía um olhar difícil de se traduzir, mas que certamente não tinha nada de bom.

Quando as coisas estavam se acalmando, o pai chegou e então retomaram a arenga. Após muita roupa suja lavada, desaforos lançados, Laura, cheia de orgulho e soberba, decidiu junto à mãe e à irmã que o pai não mais deveria permanecer naquela casa. Ele que fosse cuidar da vida dele e daquela “zinha” em outro endereço. E ponto final.

– Da minha mãe, cuidado eu.

Mas como? O que ganhava na loja dava para suas próprias despesas. Quando as comissões eram um pouco melhores ainda dava para levar uma lembrancinha para casa. Ela era apenas mais uma sobrevivente.

As entidades ali presentes se deliciavam com aquela situação e lançavam vibrações de discórdia sobre aquela família.

A intenção da Ordem é desestabilizar os espíritos encarnados, induzindo-os aos vícios, desvio de caráter, trabalhando com sugestões modestas em cima das deficiências morais, próprias de cada um.

Nesse caso, significava Laura cair no engodo, sendo induzida à prostituição, primeiro com grandes perspectivas, depois, decaindo gradualmente até, se possível, jogá-la na sarjeta. Mas não é tudo. A verdadeira posse do espírito pela Ordem se dá quando do desencarne em condições vibratórias, as mais baixas possíveis, não dando chance para que mentores ou benfeitores espirituais acolham a alma decaída.

Aí, sim, pode-se dizer que se inicia o “processo de julgamento” e penas aplicáveis aos espíritos assim resgatados pela Ordem. Esse é o verdadeiro inferno da literatura católica.

Os suicidas são seus preferidos, por não necessitarem de julgamento: eles próprios já se condenaram. Metem-nos nos mais tenebrosos vales, submetendo-os a toda sorte de tormentos.

Naquela mesma noite, já deitada, começou a pesar os prós e contras que enxergava na proposta que sua colega fizera – “É só um programinha, não tira pedaço” – podia vê-la falando. Pensou com incrível frieza. Sabia que aquilo ia ser uma decisão de vida. Cansou de pensar, desligou o abajur, ajeitou-se e, antes de pegar no sono, ainda pensou como era bom dormir em sua própria cama.

Durante seu desdobramento de pouco valeram os apelos de duas companheiras espirituais que estavam envolvidas com ela na tarefa de ajudá-la a reequilibrar-se no decorrer da presente reencarnação. Davam-lhe proteção na tentativa de que ela não voltasse a cometer os mesmos erros de outras existências. Caso se confirmasse a tendência que ora assaltava os pensamentos de Laura, não ia ser a primeira vez que cairia no mundo da baixa sensualidade, sempre carregado de pesadas consequências.

As entidades que a acompanhavam estavam decepcionadas. Todo trabalho conjunto desenvolvido desde sua última passagem na terra estava perigando ir por água a baixo; e pior: por seu livre arbítrio, sem um fato que fosse determinante para tal. Camuflado pela briga em casa, pelas acusações pelo comportamento do pai, pela proteção incondicional à mãe, escondia-se o verdadeiro motivo: queria ter dinheiro, sentir o poder que o dinheiro traz. Tinha inveja e uma raiva muda de pessoas ricas. Que ódio em atender todos os dias aquela gente rica que ia gastar por gastar, sem ter que se preocupar no fim do mês. Queria muito ser um deles e, enquanto não o fosse, sua raiva permaneceria. Acordou com tudo planejado na cabeça. Quando voltasse, iria procurar a colega.

Poderia ganhar muito mais do que o magro ordenado no final do mês, ter as coisas que invejava nas moças do pensionato, frequentar bons lugares com boas companhias, onde só o dinheiro poderia levá-la. Queria uma vida melhor. Ah... já ia se esquecendo: ia poder também ajudar a mãe!

capítulo onze

Logo que retornou, começou a criar uma estratégia. Foi procurar a colega que tinha comentado sobre os programas. Queria saber direitinho como funcionava o negócio. Depois de longo bate-papo, sentiu-se realmente atraída, vendo ali a oportunidade de ganhar um bom dinheiro. Ficou sabendo de uma cafetina que agenciava algumas garotas que trabalhavam no shopping, e ficou surpresa com a quantidade de meninas que, sob uma fachada de aparente normalidade, se prostituíam. Também a surpreendeu quem eram algumas das garotas. Ela jamais teria desconfiado. Por intermédio da colega, marcou uma entrevista com a agenciadora dos programas. Foi muito bem recebida em um flat, que servia de local para encontros. A mulher foi bem objetiva:

– Os motivos que você tem para vir me procurar não me interessam, nem pergunto, pois já ouvi de tudo. Comigo, você pode se dar bem e é só seguir as minhas regras. Aqui não tem horário. Os meus clientes são homens muito bem postados na vida, ricos em sua maioria, casados e alguns têm estranhos caprichos aos quais você terá de se submeter. Nunca esqueça que na hora em que você vai para o quarto, vira mercadoria. Estão pagando por você, e muito, então, trate de agradar sempre.

Feitas estas primeiras recomendações, acertaram que o dinheiro seria dividido em duas partes iguais. No princípio, ela financiaria as roupas e o que mais se fizesse necessário. Laura pediu um tempo para avisar na loja que iria deixar o emprego. Não queria fechar uma porta atrás de si. Refletiu com calma sobre a proposta e concluiu que, embora tendo que dividir o dinheiro, era vantajoso. Teria a vantagem de sair com homens conhecidos da cafetina, o que faria com que se sentisse mais segura.

Mesmo antes de ter terminado seu aviso prévio, já estava fazendo programas depois que saía da loja. O dinheiro funcionava como uma anestesia moral: ela não sentia o menor constrangimento em sair com qualquer homem. Dava a impressão de que sempre fizera aquilo.

O dinheiro entrava rápido, e logo tinha em suas mãos seu primeiro objeto de desejo: um celular dos mais caros e modernos. Motivo de orgulho e status. Como, no empreguinho anterior, teria um daqueles? Levaria um ano para comprar. Pagou à vista.

Em seu quarto no pensionato, diante do espelho, simulou estar falando ao telefone. Fazia caras e bocas, dando-se ares de importante. Em determinado momento, virou o telefone e fotografou-se. Olhou bem o resultado da foto, e uma sensação de poder tomou conta dela. Estava pronta para encarar o que viesse pela frente.

As moças que moravam no pensionato começaram a notar sua transformação. Tornava-se dia a dia mais arrogante. Agora, podia ter coisas que as próprias meninas não podiam. Não demorou muito e foi morar em um flat, junto com outras meninas que trabalhavam para a Odete. Por essa época, seus hábitos de vida estavam mudados e não refletiam em nada a vida apertada que levara até então.

Precisava pensar em alguma coisa para dizer à mãe e à família e que não deixasse transparecer a que tipo de trabalho vinha se entregando. O dinheiro que estava entrando era muito alto e, por sua vez, ficava ansiosa, querendo comprar tudo que até então não pudera. Sabia que a exposição demasiada de dinheiro iria gerar comentários maldosos entre parentes e vizinhos.

Pouco mais de um mês trabalhando para a Odete, fez uma visita à família. Sua

mudança era evidente: cabelos mudados, roupas caras no lugar do jeans desbotado e do tênis surrado. Desceu do táxi que a trouxera da rodoviária e teve que contar com a ajuda da mãe e da irmã para descarregar o tanto de pacotes que trazia. Em casa, foi uma festa.

– Filha, que exagero é esse?

– Nós bem que merecemos – disse Laura em tom de euforia.

Já acomodada, contou do novo emprego que arrumara como gerente de uma grande cadeia de lojas de departamentos. Sua vida era muito atribulada e pouco tempo tinha para ela mesma. Em breve mudaria do pensionato para um apartamento pequeno.

– Quando estiver instalada, faço questão que vocês vão passar uns dias comigo.

Não é preciso dizer que a notícia da triunfal chegada de Laura correu como rasilho de pólvora e, nos dias que se seguiram, recebeu a visita de familiares, curiosos e desconfiados, que queriam ver as mudanças, mas, principalmente, de amigas que queriam saber detalhes de sua vida no novo emprego.

Antes de retornar, deixou dinheiro suficiente para pagar aluguéis, que não eram pagos desde que o pai saíra de casa, e mais algum dinheiro para as despesas.

Agora, ela era motivo de inveja, o que a deixava bastante feliz.

O disfarce de Laura como gerente de uma grande loja durou pouco tempo. A rápida mudança em seu estilo e a súbita melhora material da família começaram a levantar suspeitas. Os parentes se perguntavam de onde vinha tanto dinheiro? Do emprego em uma loja é que não podia ser.

Até que o boato começou a correr: Alguém falou para alguém que disse pra fulana, que contou que a Laura, aquela lá, filha da fulana, é garota de programa.

Então, estava explicado! O caminhão da loja na porta da casa descarregando móveis novos e a nova cadeira? A máquina de lavar, a TV? Essa, nem se fala. A curiosidade e a inveja que isso causava na vizinhança eram evidentes; mal cumprimentavam a fulana.

Na família, a princípio, a reação foi de indignação, mas um presente aqui, uma ajudazinha com dinheiro ali, e pruridos morais foram sendo amenizados. Interessante como as consciências podem ser neutralizadas e línguas caladas com pequenos favores.

A mãe, por sua vez, nunca teve uma conversa direta com a filha sobre ela ser prostituta. Sabia o que a filha fazia, tinha visto aquilo tantas vezes na televisão que achava até normal o fato se dar com sua própria filha; tinha até um certo charme de novela, mas, afinal, as coisas estavam indo tão bem, então, por que mexer nelas? Deixe estar.

Há quase dois anos trabalhando no esquema da cafetina Odete, o que era inevitável começou a acontecer.

Trata-se de um fenômeno mais que natural nas casas de prostituição, sejam elas

as mais refinadas ou as mais desvalidas: os clientes querem novas prostitutas para saciar seus desejos mais baixos.

O número de interessados em Laura começou a cair gradualmente. Não que ela os desagradasse, ou estivesse engordando ou coisa que o valha, mas, sim, porque seu tempo ali passara.

Dia a dia a coisa se complicava, e não foi com grande surpresa que ela recebeu o chamamento de Odete para conversarem.

– Olha, Laura, o movimento que você faz atualmente não justifica mais o que investimos em você. Sendo assim, você vai estar fora do esquema.

Laura gelou. Sentiu o sangue fugir de suas faces e lábios, ficando branca como cera. Odete notou o impacto que a notícia teve sobre a garota.

– Calma, calma, menina; o mundo não acaba aqui. Não se preocupe tanto, pois vou te indicar para um amigo meu, que tem uma casa muito boa.

Laura sabia que as coisas não andavam bem pro seu lado, mas não esperava aquela reação da Odete. Onde estava, só fazia programas agendados ou no flat que alugavam para as meninas ou em ótimos motéis. Tinha status, afinal, era uma garota de programa e não “uma qualquer”, dessas que existem por aí. Era muito mais bem aceita socialmente do que uma prostituta que fazia salão bebendo com clientes, disputando homem a tapa. Não, até ali não se considerava uma prostituta, mesmo vendendo o corpo como a mais desgraçada daquelas que frequentava a calçada das avenidas movimentadas, as esquinas sujas e sórdidas das áreas degradadas das cidades. Respirou fundo e tentou apagar esse tipo de

pensamento da cabeça.

Talvez ela não se dessa conta, mas, mesmo estando há pouco tempo na prostituição, já não possuía o frescor de uma jovem mulher de sua idade.

Sabia que não lhe restava alternativa e teve que aceitar o determinismo dos fatos. A cafetina estabeleceu um prazo razoável para ela retirar seus objetos pessoais do flat e colocou em sua mão um papel onde constava o endereço da tal casa.

– Procura o Gaúcho e fala que você é a garota de quem eu falei. Beijou as faces de Laura em despedida.

Durante os dias que antecederam sua saída, Laura telefonou desesperadamente para seus clientes, na esperança de que alguns ligassem para a cafetina agendando programa com ela. Tinha esperança que, se melhorasse o número de programas, poderia até permanecer no esquema. Tudo em vão. De todos os clientes para quem telefonou ouviu invariavelmente a mesma resposta negativa:

– Não tenho tempo!

– Essa semana não dá!

E pior, a maioria nem se deu ao trabalho de retornar a ligação.

Agora, via como se iludira em pensar que alguma vez, da forma que fosse,

tivesse tido importância para qualquer daqueles homens. Para eles não passava de mercadoria descartável, usada, dispensada. O único vínculo, o dinheiro.

Dia imediato, chamou um táxi e passou o endereço ao motorista, que a olhou de esguelha, como se pensasse o que uma mulher bonita e tão bem vestida ia fazer num muquifo daqueles.

– Você tem certeza que é este endereço mesmo? Recebeu resposta afirmativa.

Rodaram até a periferia da cidade, para os lados do grande mercado de abastecimento, indo parar diante de uma antiga casa que, dava pra ver, prolongava-se em um galpão coberto de brasilit. A paisagem era cinzenta, degradada. Na rua, intenso movimento de carrinheiros, que, naquele horário, transportavam de tudo: engradados vazios, restos de frutas, papelão e toda sorte de detrito que podiam recolher para vender. A paisagem era desanimadora.

– Quer que espere? – Perguntou o motorista.

– Não, obrigada. É aqui que eu fico – arrematou, pagando a corrida.

Desceu do táxi, tocou a campainha e após algum tempo foi atendida por uma negra com cara de poucos amigos. A negra mediu-a de cima abaixo. Laura então explicou o que estava fazendo ali e quem a tinha indicado.

– Ah... Você era menina da Odete? – disse mais amistosa – muito bem, me acompanha, vamo entrando.

Passaram por um pequeno jardim e entraram em um salão com vários sofás, cadeiras e mesinhas, espalhados por todo canto. Embora fosse uma hora da tarde, fregueses já se faziam presentes, bebericando com as garotas. Um deles, quando percebeu sua presença, foi logo falando:

– Ei, gente, tem carne nova no pedaço – chamando a atenção de todos sobre ela. Ela gostou.

Laura atravessou todo o salão e foi ter num espaço que aparentemente era usado como o escritório do dono do lugar. Não demorou muito e um homem na casa dos quarenta anos, bem vestido, correntes de ouro penduradas no pescoço e anel de brilhante no anular veio ao seu encontro.

– Oi, Laura. A Odete me ligou falando de ti. Vens muito bem recomendada guria, mas aqui, como tu já deve ter percebido, é bem diferente de onde tu estava. Tens que beber com o cliente o mais que der, pois tem a comissão no drinque; tua bebida pode ser sem álcool.

– Lá na Odete a freguesia era bem outra, como tu deve ter notado; não era de se recusar. As coisas por aqui funcionam diferente: se quiser recusar cliente por que não gostou até pode, mas tem que pagar multa para casa no dobro do preço do programa.

– Tem os que vêm todo dia a fim de namorico. Já te aviso, toma tento, que guria minha não namora nem aqui nem lá fora. Namoro atrapalha os negócios, e o que eu e você fazemos é negócio.

Para encerrar, falou em tom de brincadeira:

– Beijo na boca, nem pensar. Apaixona.

– Diana – chamou a negra – mostra a casa toda pra ela.

Solícita, Diana pegou Laura pela mão e voltaram para o salão. Neste se estendia um longo balcão de bar com muitas banquetas e, além, um corredor onde havia várias portas, umas à frente das outras, indicando que atrás delas é que rolavam os programas.

Abriu uma das portas; no chão, coberto com forração barata, encontrava-se um colchão baixo com uma cadeira ao lado. Sobre o assento, um rolo de papel higiênico pela metade, denunciando que mesmo àquela hora do dia o quarto já tinha sido usado várias vezes.

– O esquema é o seguinte: depois de acertar o programa, você passa no fim do balcão, pega uma toalha, a chave e vai para o quarto esperar o cliente. Programa aqui é rapidinho. O banheiro é logo ali – disse, apontando uma porta no final do corredor.

Laura estava quase entrando em parafuso; quanta diferença do flat, dos bons hotéis que frequentara. Ali não ia dar para faturar nem metade do que estava acostumada e, pelo tamanho da casa, deviam se espremer por lá umas quarenta meninas. Sabia que tinha a seu favor ser “a carne nova do pedaço” e iria tirar proveito disso enquanto desse.

Passou uma borracha no pensamento. Era hora de trabalhar, não de ficar se lamentando e voltou à realidade.

Foi ao balcão com Diana e pediu ao barman um copo americano cheio de conhaque que virou quase que num trago só, depois outro. Tinha que esquentar um pouco para aguentar a barra. A negra olhou para ela com certa desconfiança, deu de ombros e foi cuidar de outros afazeres.

Já no salão, escolheu uma das mesas onde se encontravam clientes e sentou-se ao lado de alguém que julgou mais apresentável, passou um braço pelo seu pescoço e balbuciou em seu ouvido:

– Paga uma bebida, amor?

Na voz pastosa e no olhar a promessa de bons momentos de prazer. O primeiro dia de trabalho foi bom. Agradou em cheio a clientela. Acordou de ressaca, pois bebera demais acompanhando os homens que faziam questão que tomasse alguma coisa com eles, e eram muitos. Bebeu de tudo: caipirinha, vinho, cerveja, uma misturada total e não era à toa que sua cabeça parecia que ia estourar. Foi dormir pelas quatro da madrugada, quando a casa fechou e nem se lembrava com quantos homens se deitara.

Naquela noite dormiu em um dos quartos com mais cinco meninas, em colchonetes espalhados, e só se deu conta do fato quando acordou, pois fora deitar totalmente bêbada.

Sentiu a diferença na carne. Aquela gente com quem se deitara era rude. Mãos grossas pelo trabalho duro tocaram seu corpo em todas as partes e ela saciou o

desejo de todos que a procuraram. Não que não tivesse gostado – gostou sim do jeito bruto, direto, como foi tratada; sentiu prazer e, afinal, viesse de quem viesse, o dinheiro tinha o mesmo valor, sendo do branco, negro, anão, amarelo. Enfim, ela estava recebendo, e isso era o que realmente importava.

Depois de um reconfortante banho e duas aspirinas, já mais esperta, começou a pensar em arranjar um lugar ali por perto para morar. Os tempos de apart-hotéis estavam definitivamente sepultados.

capítulo doze

Resolveu falar com a “nega Diana”, como a chamavam.

– Você sabe de algum lugar por perto que alugue vagas ou um quarto?

– Por aqui é que não falta. Mas, diga lá, aconteceu alguma coisa pra você não querer ficar com as outras meninas?

– Não, não. É que eu quero um cantinho.

Dias depois, com alguns endereços anotados em um papel, iniciou a procura. Já tinha visitado duas casas de cômodos e não gostado. Na terceira foi atendida por uma senhora gorda, de ar bonachão, que lhe mostrou o local bem asseado, se comparado às outras casas, e que tinha um quarto no porão para alugar. Podia não ser a melhor coisa, mas diante da situação de dormir junto a uma porção de meninas, e mais, em cima de um magro colchonete, era a melhor opção. Olhou bem e, por fim, falou:

– É meu a partir de hoje – tornava-se naquele momento a mais nova inquilina do casarão.

Dona Graciosa concordou sorrindo. Sabia o que aquela menina estava pensando. Quantas iguais a ela já tinham alugado seus quartos. Assim que as coisas

melhorarem saio desta espelunca; vou para um lugar melhor. Em suas observações, ela não tinha registrado nenhum caso de menina que tivesse conseguido sair dali para melhores lugares. Aquela região era o início do fim para muitas meninas iguais a Laura.

Fim da tarde daquele mesmo dia, Laura ocupou o quartinho com sua mudança: uma mala de roupas.

Deitou-se sobre o colchão, um colchão de verdade com roupas de cama limpas. Virou-se de um lado para outro procurando a melhor posição de descanso e deixou-se relaxar. Deu uma leve cochilada e logo estava se arrumando para ir trabalhar.

O casarão não era longe da boate e dava até para ir andando se disposição houvesse. Sentia-se bem acomodada.

Nos primeiros meses, as coisas iam correndo bem para o seu lado, embora o que chegava a faturar em três, quatro dias era o equivalente ao trabalho de um dia com a Odete. Dos velhos tempos, apenas dois clientes voltaram a procurá-la, mas, em compensação, tinha fãs que agora iam a boate e saíam exclusivamente com ela, admiradores do tipo que se encontra na noite.

Fazia salão das sete até o último cliente ir embora. Andava com os pensamentos embotados, pois estava bebendo muito; era porre quase todo dia, milagre é que ainda não tivesse entrado no tóxico, embora tivesse sido induzida por suas companheiras de trabalho.

Domingo era o dia de folga e deixava-se ficar jogada sobre a cama, pensando.

Cruzava os braços atrás da cabeça e deixava o olhar se perder no teto até que tudo o que via era um grande borrão.

Desde que mudara de emprego não fora para casa. Meses tinham passado e até mesmo os telefonemas tinham se espaçado. Resolveu que na segunda falaria com o gaúcho, pedindo uma folga para ir pra casa. Fingiria que precisava ir, pois a mãe estava doente, e o Gaúcho fingiria que acreditava, dando-lhe a folga pedida.

Acertou com o Gaúcho que ficaria uma semana fora. Afinal, a viagem era longa. Iria pegar o ônibus na rodoviária às onze da noite e só chegaria no outro dia às seis da manhã.

No dia da viagem, ajeitou algumas peças de roupa em uma mochila, logo cedo, pois estava ansiosa por rever a mãe. Pela primeira vez ia para casa sem levar um presente para a irmã ou para a mãe. Quem sabe alguma lembrancinha barata na rodoviária.

Na hora certa, chamou um táxi e foi para a rodoviária. Identificou alguns rostos conhecidos, mas em vão tentou contato. Não obteve sequer retorno aos seus cumprimentos. Era como se não existisse ali. É... coisas da profissão!

Foi feito o aviso de embarque, e ela acomodou-se em confortável poltrona, na janela. O ônibus arrancou lento, entrecortando as ruas estreitas do centro antigo da cidade. Laura observava pela janela as prostitutas que faziam ponto nas imediações. Verdadeiros arremedos de gente, quase indignas de serem chamadas humanas. No que tinham se transformado!

Expressavam no rosto as marcas do mau trato que o tempo estampara. Embrutecidas, mal ajambradas, a boca borrada com o vermelho do batom barato e o rouge em excesso contrastando com o negro das eternas olheiras.

Refletiu: – Deus me guarde de um dia eu própria estar em uma situação dessas. Em seu íntimo, sabia que, se não arrumasse algo mais digno para fazer, iria, com o passar dos anos, acabar lá mesmo, no fundo do poço, como aquelas sombras mais mortas que vivas. Já estivera mais distante daquela situação tanto geográfica como profissionalmente.

Comigo isso não vai acontecer, consolou-se. Enganava-se, achando que havia grande diferença entre ela e as que ali se expunham. Afinal, não faziam a mesma coisa? Não mercadejavam os corpos em busca do mesmo dinheiro?

O ônibus finalmente ganhou a estrada e seu balançar fez com que Laura adormecesse.

Às três horas da madrugada, fez uma parada em um posto para os passageiros esticarem as pernas. Laura desceu e percebeu que a madrugada estava bastante fria; mesmo assim, jogou água no rosto para despertar melhor, pois já tinha dormido o suficiente. Foi ao balcão de uma lojinha que permanecia aberta e escolheu umas bijuterias baratas para presentear a mãe e a irmã, assim não chegaria de mãos abanando.

Voltou ao ônibus, acomodou-se e seguiram viagem.

A imagem daquelas mulheres na rodoviária agora martelava sua cabeça. Causara tão forte impressão, que ela começou a pensar em mudar de atividade. Reciclar a

vida.

Tinha consciência de que a tentativa de retomar a uma vida dita “normal”, socialmente aceitável, não seria tarefa fácil. Afora o problema do dinheiro e a reintegração no seio da família, os antigos círculos de amizade, formados nos sonhos e devaneios da adolescência, como a receberiam? Será que a aceitariam normalmente?

Sua impressão era de que o tempo não passara; um ano, seis meses, o período em que se prostituiu não era computado em sua contagem de vida. Efêmera e fugaz, era essa passagem de vida que Laura, agora mais sofrida e lúcida, queria deixar para trás. Mas será que as pessoas que reencontrasse pensariam como ela? Ela tinha a resposta: Não!

O estigma da prostituição era muito forte, ainda mais numa cidade do interior. Sabia que teria pela frente situações desagradáveis; contudo, em compensação, sentia uma força envolvê-la e soprar em seus ouvidos: siga em frente. Confie, você não está sozinha – isso trazia autoconfiança ao seu espírito.

Quando chegasse, iria procurar ajuda.

O ônibus estacionou na baía que lhe era destinada, e os passageiros começaram a se preparar para descer. Pareciam estar todos com pressa para chegar a algum destino. Ela, ao contrário, espreguiçava-se, e só quando o último desceu, resolveu ir também.

A manhã estava chuvosa, com uma garoa fina, daquelas que não deixam enxergar longe e bastante fria. Pegou sua minguada bagagem e, num táxi, foi

para casa.

No caminho já ia sentindo o prazer de tomar um cafezinho quente, feito na hora. Trazia no peito o sentimento de que estava se encaminhando para um outro mundo, precisava de um pouco de paz e o aconchego que só a família dá, para decidir sua vida.

Quando chegou, foi uma festa; a mãe e a irmã já a esperavam no portão. Entraram em animada conversação. Sentou-se em um cadeirão surrado, mas confortável que era o seu preferido e, poucos minutos, depois saboreava um delicioso café.

Aquele dia seria destinado ao descanso; nada para fazer, vadiar. Teria uma semana inteira para ela, sem ter de aturar homens, bebedeira. E como estava precisando disso!

Em conversa com a mãe, falou do período ruim que estava vivendo, lastimando não poder enviar dinheiro como no passado recente. Adiantou que, do jeito que as coisas iam, pretendia largar seu serviço e retornar para casa, causando espanto à mãe, que não a encorajou, pois, em seu íntimo, pensava em como iriam se sustentar, ela e a filha com quem morava. Quem pagava aluguel, comida e mantinha tudo era Laura, e onde iria arranjar dinheiro para tudo isso se Laura parasse? O marido, depois que brigara, não ajudava quase nada em casa. Seria um caos. Pensaria em alguma coisa para falar com a filha.

No dia seguinte, após um sono reparador em um colchão de verdade, com a mãe e a irmã, foi às compras. A família morava em um bairro da periferia, com seu mercadinho, açougue, farmácia, tudo muito característico. As pessoas se conheciam, se cumprimentavam. A presença de Laura causava olhares desconfiados de algumas mulheres, que evitavam até falar com sua mãe. Os

homens eram bem mais condescendentes e a atendiam cheio de medidas. Ridículo, pensava Laura. Fantástico, pensava a mãe.

Aproveitou ainda a ida ao “centrinho” para passar no posto de saúde e marcar consulta com o ginecologista. Andava se sentindo meio incomodada e o médico era bastante conhecido, sendo ele que sempre lhe dera atendimento. A última vez que o consultara já ia longe.

Mesmo fazendo uso de camisinha, por precaução tomava pílulas anticoncepcionais. Era uma garantia a mais para evitar surpresas. Nos anos de profissional do sexo nunca engravidara, e era, sobretudo, contra o aborto. Perdera a conta de quantas vezes no meio de uma relação a camisinha estourara, colocando-a em contato direto com os fluidos do parceiro do momento. Quando isso acontecia, sua noite estava estragada. Ficava irada, brigava por qualquer motivo, e já tinha arrumado muita confusão por conta disso.

Ficava na expectativa da próxima menstruação, mesmo que às vezes fizesse uso da pílula do dia seguinte; quando ela finalmente vinha, era um alívio, embora as fortes cólicas que sentia a afastassem do trabalho durante uns três dias. Muitas das colegas de profissão usavam expedientes e, mesmo nesse estado, continuavam trabalhando, fosse por necessidade, fosse por vício.

Dia seguinte, por uma deferência do médico, seria atendida às sete horas da manhã. Pontual, meia hora antes já estava lá na companhia da irmã.

Foi a primeira a ser chamada.

– Então, Laura, como vão as coisas? – perguntou Dr. Lourenço – Pela sua ficha,

– Você não vem aqui há bastante tempo.

– É doutor, muito corre-corre, compromissos, e a gente vai deixando a saúde de lado.

Depois das perguntas de praxe, uma enfermeira encaminhou para ser examinada. Já na sala de consultas, o médico falou:

– As notícias poderiam ser melhores. Você está com HPV, e vamos marcar uma data rapidamente, pois é necessário fazer uma cauterização. Quanto antes, melhor. Vou ainda solicitar alguns exames de sangue, inclusive HIV.

– Mas, doutor, como pode ter acontecido comigo? Faço questão absoluta do uso da camisinha. O senhor não pode estar enganado?

Com o cenho fechado, respondeu:

– Você tem lesões, verrugas, bem desenvolvidas, que não deixam dúvida nenhuma quanto ao seu diagnóstico. Se você tivesse procurado um médico há mais tempo, não teria chegado a este estágio.

Chamou a enfermeira e mandou marcar para dali a três dias a cauterização.

– Mais uma coisa, ‘Dona Laura’, a senhora não mantenha nenhum tipo de relação sexual até voltar aqui – falou, levantando da cadeira e despedindo-se.

Aquilo foi um choque. Ela não queria admitir para si mesma, mas quantas vezes, já bastante embriagada, sucumbira ao apelo do dinheiro e transara sem preservativo? Na volta para casa não trocou nem uma palavra com a irmã.

– O que aconteceu? Você tá toda amuada, filha?

– Depois a gente conversa – e foi direto para o quarto.

Ela, e só ela, tinha a noção exata do que significava aquele: “Dona Laura, não mantenha nenhum tipo de relação sexual.”

O dinheiro que ainda tinha no banco não era muito e calculava pelo menos uns vinte dias sem trabalhar. Precisava pensar em alguma coisa. Começou a avaliar como teria de agir se estivesse com algum problema mais grave. O que faria se tivesse obrigatoriamente que deixar de se prostituir. Tinha que colocar a cabeça no lugar e só então iria procurar por dona Zilá, dona da escolinha que fora seu primeiro emprego.

Os dias que antecederam a cauterização passaram lentos, com ela dentro de casa sem vontade de nada, jogada. Nesse meio tempo recebeu a visita do pai; já mais madura, reconciliou-se com ele. A vida tinha mostrado que o problema pelo qual a família passara não era nada, diante da miséria humana com que ela convivia.

No dia marcado, lá estava ela com a mãe. Internou-se cedo no ambulatório e, no meio da tarde, já estava em um táxi retornando para casa. Apesar de certo desconforto, podia-se dizer que estava bem. Tinha como prescrição uma

pomada, antibióticos e repouso.

A primeira coisa que fez ao chegar foi telefonar para o Gaúcho, colocando-o a par da situação e contando com a compreensão dele.

– Olha, gurria, se tu não vem logo, outra toma teu lugar. Não vacila que tá cheio de gurria querendo subir na vida. Recado dado, desligou o telefone.

O prazo para sua recuperação estava dentro do que calculara. Não sentia falta de sexo, mas o ambiente promíscuo da casa em que trabalhava ainda a atraía e muito. Uma força tendia a arremessá-la para aquele lugar e, por mais que lutasse, saía sempre perdedora.

Já recuperada, resolveu que era hora de visitar dona Zilá. Foi bem recebida por aquela senhora de cabelos branco-azulados, já perto dos setenta anos.

– Faz tempo que não nos vemos, mas vejo que você está bem, menina.

Explicou o motivo de sua visita, queria saber da possibilidade de poder voltar a trabalhar na escolinha. Zilá falou que no momento isso seria impossível. O quadro de funcionários estava completo, mas que não perdesse a esperança e, caso surgisse alguma vaga, a preferência seria para ela.

Dona Zilá realmente gostava de Laura e estava pronta para ajudá-la, não dando grande importância à sua conduta condenada socialmente. Nunca entendera porque Laura se lançara naquela aventura.

A visita à escola e a visão das crianças trouxeram uma doce recordação de tempos mais inocentes e causaram um nó em sua garganta.

Laura ainda bateu em outras portas e nem de longe teve o mesmo tratamento dispensado pela velha educadora.

Sentia-se condenada a permanecer à margem da sociedade. Em uma conversa informal nessa procura por trabalho mais dignificante, chegou a ouvir que deveria voltar a fazer o que entendia bastante, para o lugar de onde saía e não se misturar no meio de “gente de bem”.

Frustrada, começou a se preparar para retornar. Na véspera da viagem, fez uma grande compra no mercadinho, deixando a casa da mãe abastecida, deu um cheque pré-datado e depois ganharia dinheiro para cobrir o cheque; fez o mesmo no açougue. À noite reuniu a irmã, algumas tias, gente humilde que não se importava com o que Laura fazia, desde que isso trouxesse algum tipo de vantagem a eles, e fizeram um bota-fora. O pai deu uma chegada para se despedir.

Ela não sabia quando poderia estar de volta. Talvez muito tempo, talvez, não!

Às dez da noite, pontualmente, chegou o táxi que a levaria à rodoviária. Despediu-se da mãe, que ficou com os olhos lacrimejantes, beijou a irmã e partiu.

Ao pisar o cimento frio da plataforma de embarque sentiu um aperto no peito; ali

terminavam os dias gostosos com a família, qual sonho bom interrompido. Ficou triste, nunca sentira tal sensação. Será que estou amolecendo? pensou.

Na manhã seguinte desembarcou logo cedo e foi voando para o bordel, temendo que seu lugar já fosse de outra.

capítulo treze

Foi recebida por Diana.

– Pensamos que você tinha ido dessa para melhor – falou a mulher, com uma xícara de café na mão e um cigarro bambo no canto dos lábios. Laura serviu-se de café, tossiu e virou o rosto – detestava a fumaça do cigarro. “Pois é, como tava te contando, a coisa foi brava”, falou, querendo criar empatia com a negra. Queria sondar para saber se ainda estava na turma.

– Você é sortuda; várias meninas vieram aqui, inclusive uma da Odete, dizendo que te conhecia. Ficaram duas, mas não aguentaram o tranco. A da Odete nem quis experimentar e comentou que não entendia como você aceitou trabalhar nesta espelunca – palavras dela. Vai se preparar que não demora muito e a “função” já começa.

Um bom banho, depois, já produzida, foi ao balcão, pediu um conhaque e virou-o de um trago, fazendo careta.

O relógio não tinha marcado ainda onze horas.

Seu retorno não poderia ser mais triunfal, foi super festejada, e todos queriam pagar uma bebida para ela. Perdeu a conta de quantas vezes teve de ir à ponta do balcão para pegar toalha. Aquela noite dormiu por lá mesmo, pois a bebedeira fora a grande demais.

Acordou em meio a várias meninas que, como ela, se espalhavam sobre os magros colchonetes, e lembrou-se do primeiro dia em que trabalhou ali. Como passara o tempo e ela não tinha conseguido nada a não ser uma saúde meio arruinada pelos excessos cometidos!

O dia estava bonito e resolveu ir a pé para o casarão. Por estar próxima ao mercado, o movimento dos carros de mão era intenso e deles exalava o doce aroma das frutas. A variedade de cores era um caleidoscópio que a hipnotizava. Respirou fundo; aquilo lhe fazia bem. Um homem que empurrava um carro carregado de caixas, atraiu sua atenção, queixando-se:

– Sai da frente, pô! Em vez de atrapalhar, volta pro Gaúcho, que é teu lugar.

Desviou-se rapidinho para o lado, evitando assim o choque. Voltou à realidade. Que pena durar tão pouco aquela boa sensação. Ia responder à altura, mas achou melhor não; o homem já devia ter estado com ela e a reconheceria. É, não se pode agradar a todos. Para ela, impossível se lembrar com quem já se deitara; só no “Gaúcho” chegavam a centenas. Apressou o passo, queria estar logo em casa.

Ao longo do caminho, ainda teve tempo de refletir sobre os últimos tempos. Da euforia e glamour do início da carreira aos malfadados dias atuais. Quando trabalhava, tinha a impressão de que cada hora valia por quatro, e o tempo não passava nem com a ajuda das altas doses de álcool que bebia. Fazia um esforço danado para agradar os clientes da casa. Punha no rosto um sorriso:

– Vamos fazer um programa? É baratinho.

Chegou ao casarão e foi diretamente para seu quarto. Estava suada pela caminhada, enrolou-se em uma toalha rala e foi para o chuveiro. O que ela não teria dado por uma boa banheira de hidromassagem! A água que descia sobre seu corpo era reconfortante. Tinha o poder de fazer com que sua mente se esvaziasse; naquele momento era como se ela tivesse deixado de existir.

Não passara um mês e as coisas começaram a piorar. Aquela noite, em especial, tinha sido bastante fraca. Também pudera! Dia de clássico, homem vai pro campo ou vai assistir ao futebol no botequim da esquina, encher a cara e, como consequência, fregueses em falta.

Ontem, anteontem, dias atrás, as coisas não iam bem para ela. Parecia que algo estava afastando a clientela; sentia-se travada. Mesmo os programas que ela fazia por fora da casa estavam rareando. Não tinha arrumado o dinheiro nem para pagar o aluguel.

Vamos encontrar Laura no porãozinho que habita à guisa de quarto, refletindo sobre sua solidão, a que ponto tinha chegado. Deitada de costas, contemplava o teto que, num mosaico de tons castanho-acinzentados criado pelo bolor, parecia um céu pronto a irromper em tempestade sobre sua cabeça.

Contava as peças que decoravam o espaço exíguo do aposento: encostado na parede um espelho sem moldura, bastante oxidado, o que denunciava quanto tempo já passara para ele; um abajur, uma cadeira, uma banquetta e sobre um armário baixo, um fogareiro de duas bocas, alguns objetos de cozinha e, amarfanhadas dentro de uma mala, suas roupas. E só!

Poderia até ter comprado uma TV, mas para quê?

Além de ter pouco tempo para assistir a programas, sua própria vida já dava pra fazer uma novela.

Do lado oposto do seu aposento, no fim de um corredor, um banheiro coletivo até que limpinho, a não ser pelo encardido na cortina plástica que vedava o boxe e o limo que já se insinuava entre os azulejos antigos, uns gastos, outros quebrados.

Virou de bruços, afundou a cabeça no travesseiro e chorou muito. Sabia que seu choro de nada adiantaria. Ninguém a ouviria. Queria muito mudar as coisas. Ah... se pudesse voltar, mas como? Impossível. Ela se lançara em uma aventura. Há pouco tempo, é verdade, mas o bastante para não mais suportar o que se propusera a realizar.

A essa altura da vida, trabalhava em uma casa de prostituição de segunda categoria, frequentada em sua maioria por homens que bebiam cachaça e cheiravam mal.

Três anos tinham se passado desde que escolhera aquele tipo de vida num arroubo de orgulho e amor próprio. Onde, estava agora?

Sempre ouvira falar que a vida era grata, mas não para ela. Que ódio, como se deixara iludir daquela maneira? Onde, a vida promissora que um belo e jovem corpo lhe traria? Estava procurando.

Certificara-se de que o dinheiro da prostituição não era fácil como todos diziam, mas, em compensação, vinha muito rápido e, com a mesma velocidade, ia embora.

Enquanto foi novidade, tinha dias de perder a conta dos programas que fazia e ficava eufórica não só por acumular um bom dinheiro como também por se achar a preferida de tantos homens. A promessa que fizera à mãe, tornava-se cada dia mais difícil de ser cumprida.

Resignou-se. O que está feito, feito está. Tentaria dormir, pois o dia já ia clarear. Virou-se de lado e, aos poucos, foi sentindo o corpo desfalecer, tomado pelo cansaço.

Durante esses momentos raros de reflexão, o pensamento menos afinado com vibrações pesadas nas viciações do sexo, as entidades amigas podiam se aproximar de Laura. Duas protetoras estavam constantemente alertas, aproveitando esses momentos para uma maior aproximação.

Desligada do corpo que adormecia, seu espírito encontrava-se em pé ao lado da cama; embora as entidades estivessem bem próximas, ela não as percebia.

Rogando recursos ao mais alto, uma das companhias espirituais impôs a mão sobre a fronte de Laura e orou pedindo auxílio, uma vez que, após tanto tempo, ela por vontade própria pedia por socorro.

A pressão que o ambiente daquele porão causava, mais as vibrações de Laura, que já retornava ao seu baixo padrão, causavam muito desconforto àquelas duas servidoras que, sem poderem suportar mais tempo, foram se afastando.

Toda claridade que haviam produzido no ambiente era agora absorvida pela

densa e escura névoa, que trazia junto os companheiros de infortúnio daquela pobre moça.

Juntaram-se vários e assim, em grupo, foram atraídos para locais no mundo espiritual onde a decadência e a viciação se fortalecem e se alimentam daqueles que, encarnados, vibram em tal sintonia.

O corpo da mulher adormecida se contorcia em convulsões. Gemia baixinho, angustiada, como se quisesse se livrar de um peso que a oprimia.

Acordou de sopetão com um grito dela mesma. Fosse ainda madrugada e teria acordado as pessoas que dormiam nos outros cômodos. Suava em bicas, e seu coração estava disparado. Tinha a impressão de não ter dormido nada, de ter sido arrancada do sono logo quando ia “apagar”: – Caracas, não dormi nada, esbravejou. Só se conformou quando viu no relógio que já eram mais de cinco da tarde.

Estava zozna, nauseada.

De repente, um forte enjoo. Pulou da cama e cobrindo a boca com uma das mãos, abriu a porta do quarto, projetando-se em desabalada carreira pelo corredor. Por sorte, naquele momento, o banheiro não estava sendo usado por ninguém. Então, vomitou até não poder mais. Seu corpo todo doía. “Belo jeito de começar o dia,” pensou.

Sentia um gosto acre na boca. Escovou os dentes, enxaguou o rosto e voltou cambaleante, apoiando-se nas paredes. A dor de cabeça estava forte e cada batida que seu coração dava, repercutia como o badalar de um sino em suas têmporas.

Chegou ao quarto com os olhos semicerrados, foi até a mochila sobre a banqueta, tateou e achou uma aspirina, que tomou de imediato. Aquilo iria dar um jeito na dor.

Mal deitou, ouviu batidas na porta.

– Quem é?

– Sou eu. Graciosa.

– Entra – autorizou Laura.

Dona Graciosa, atenta a tudo, ouviu os ruídos que Laura fizera no banheiro e foi verificar se tudo tinha ficado bem.

Entrou e sentou-se na beirada da cama, olhou a menina com ternura – essa menina está um trapo – pensou. Perguntou o que estava ocorrendo, e Laura abriu o coração como não conseguia fazer há muito e chorou.

Graciosa observava sem nada dizer. Era o seu modo de mostrar que respeitava os sentimentos daquela menina, agora transformada em criança desamparada.

– Nada mais está dando certo na minha vida e ultimamente só tenho problemas.

Dá vontade de sumir, de morrer. Parece até que fizeram macumba contra mim. Durmo mal, e se consigo pegar no sono logo vêm os pesadelos. Tá tudo ruim. E continuou num choro convulsivo.

Graciosa pensou bem antes de falar.

– Filha, não sei se você crê nessas coisas de encosto, de espírito, mas se você quiser posso arrumar o endereço de um Centro Espírita que não fica muito distante daqui. Quem sabe você indo lá fazer uma consulta, tomar um passe, as coisas possam começar a se esclarecer para você?

A princípio, Laura não gostou muito da história, afinal, sua formação religiosa fora feita em igreja evangélica. Tinha tido consistente evangelização e essas bobagens de espiritismo eram ridicularizadas nos templos. Em contrapartida, o desespero que estava se apoderando dela era mais forte que qualquer convicção religiosa, e ela não podia desprezar qualquer possibilidade de melhora.

Por desencargo de consciência anotou o endereço e os dias de funcionamento do tal Centro em sua agendinha. Despediu a senhoria com educação, pois tinha que começar a se arrumar para ir trabalhar.

Pegou no chão, ao lado da cama, um espelho e olhou-se.

– Estou horrível – balbuciou.

O ritual para se produzir hoje seria mais trabalhoso, demorado. Do jeito que ela

estava, ia ter de melhorar muito para ficar mais ou menos.

Tinha que vestir sua melhor cara, ficar atraente, e isso era demorado. Começava a produção cedo e, lá pelas sete da noite, já estava pronta. Passou a mão na mochila onde levava a roupa que usaria no salão aquela noite e ganhou o mundo.

Os dias subsequentes não foram melhores, tendo, por vezes, que bancar a própria bebida para aquecer. No desespero, aceitou ir para cama com um sujeito mal encarado que propôs transar sem camisinha. Já tinha bebido bastante e, a essa altura valia tudo. O cara ia pagar três vezes mais, por fora, o “michê” que a casa cobrava. Tinha caído do céu o que sobraria para ela.

No outro dia, quando acordou, nem quis pensar no assunto e foi correndo procurar um abortivo.

A rotatividade de mulheres nas casas de prostituição é muito grande e, na casa do Gaúcho, não era diferente. O mercado, com a promessa de altos ganhos, atraía moças de todas as classes sociais. Se outrora trabalhar em bordel era para pessoas de classe social baixa, em níveis de pobreza, o que se observava ali era o grande afluxo de moças de classe média que, deixando para traz um subemprego, iam procurar ganhar mais.

Laura, sempre simpática, passava confiança a essas iniciantes que iam lhe confidenciar fatos, situações que as tinham levado até ali. Ouvia de tudo;

– Fui com minha filhinha ao mercado e não tinha dinheiro para o “danoninho” que queria, o que a fez chorar muito, me revoltando. Ai pensei: sou moça, bonita, e o pai dela sumiu, me deixou na mão. Porque não cair na vida e ganhar o

meu? Decidi que nunca mais faltaria nada pra minha menina.” Mais: “Meu pai é doente. O que eu ganhava no balcão da lanchonete não dava nem de longe para os remédios dele. Então, resolvi me prostituir para ajudar em casa. Ou ainda: – No consultório do médico em que eu fui recepcionista era muito assediada, mas nunca me interessei muito. Foi o próprio “doutor” que me fez. Daí para frente as coisas mudaram. Eu gostei e hoje estou aqui unindo o útil ao agradável.

Na maioria dos casos, diziam que ficariam naquela vida por pouco tempo. Até acertar uma situação, pagar contas e, na maioria, juntar recursos para abrir um negócio próprio.

Laura as ouvia com paciência, apenas ouvia. Não aconselhava, pois o maior exemplo era ela mesma. O que falar se já estava naquele tipo de ambiente havia tempo?

Com raras exceções, todas possuíam um mecanismo de defesa que transferia de certa forma o fato de serem prostitutas para alguém próximo: pai doente, mãe carente, melhores condições de vida para a família, abandonada pelo marido..., quase nunca assumiam a própria responsabilidade pelo que estavam fazendo consigo mesmas. O motivo comum a todas era o dinheiro. Nada mais. Simples, não é?

A chegada de novas meninas sempre representava ameaça às mais velhas, ou antigas. A clientela quer sempre novidades e, pouco a pouco, a euforia dos primeiros dias se transforma em indiferença. Os programas começam a rarear, a oferta de bebidas, idem.

Espiritualmente fraca e com a saúde abalada, começou a considerar por fim à própria vida.

Não seria melhor? Ou mesmo mais fácil? Assim acabaria com tudo de uma só vez. Chegou a comprar veneno de ratos e às vezes pegava a embalagem e ficava olhando fixamente. Uma voz soturna soprava em seus ouvidos: – Toma logo, sua boba, assim acaba esse sofrimento, essa miséria em que se tornou a sua vida. Toma, vamos... toma...

Pensava na mãe, na família e se segurava, jogava fora o veneno, mas dias depois já estava com outra embalagem comprada.

Vendo que as coisas iam de mal a pior, dona Graciosa resolveu insistir com Laura:

– Menina, você está cada dia que passa mais abatida e deprimida. Não conversa mais, se fecha nesse quartinho, e eu ouço constantemente o seu choro. É hora de você se cuidar. Tire essas coisas da cabeça e vá ao Centro de onde te dei o endereço. Amanhã à noite tem reunião, e eu insisto: Vá!

Pela primeira vez ela considerou seriamente ir ao tal Centro Espírita. Iria, decidiu num repente. Terça à noite não teria trabalho para ela.

capítulo quatorze

Por essa época em que Laura lutava por sobreviver às pressões que a “vida bandida” lhe cobrava, em sua cidade natal, não longe da casa em que habitavam sua mãe e sua irmã, outro drama familiar se desenrolava.

Já com onze anos de idade, submetido a uma pancadaria junto à irmã, moça feita, não se conteve. Quando a mãe largou dele para pegar a irmã, Franklin viu que sobre o fogão tinha uma panela fumegante. Num reflexo rápido, pegou a panela e despejou o conteúdo sobre a cabeça da mãe. O líquido desceu, fundindo a pele com o tecido da roupa. Instantaneamente ela gritou:

– Maldito... maldito... ele quer me matar. Ai, como isso arde... estou queimando – berrava, saindo correndo para fora do barraco.

A sopa quente tinha escorrido pelos cabelos de Jandira, e um pouco tinha atingido seu rosto, que, em algumas partes, estava em carne viva.

Foi um alvoroço, as mulheres saindo de seus barracos, deixando de lado a novela para acudir a vizinha.

– Cadê teu homem? – perguntavam a ela, que parecia estar em estado de choque. As mais agitadas entraram no barraco à procura de Norton. O que ninguém podia imaginar naquele momento é que o autor da agressão era o Franklin.

No meio daquela confusão alguém lembrou de chamar o resgate. Veio rápido, talvez por conhecer tão bem o trajeto que levava àquele lugar esquecido de todos.

A essa altura, Franklin já ia longe. Depois do que fizera, ficou apavorado, pensando nas consequências do seu ato. Não tinha conseguido se conter. Há muito que virara saco de pancadas da mãe. Do pai, quase não se recordava de ter apanhado. Quando chegava bêbado em casa, dava preferência a encher Jandira de bordoadas.

Franklin pegou o rumo para o centro da cidade. No estado de excitação em que se encontrava, poderia andar quilômetros que nem se daria conta. Ao sair do perímetro da favela, ainda pode ver o pai bebendo em uma biboca.

Sabia que tinha andado muito e, quando parou, estava numa praça escura, perto da região central da cidade. Só então, começou a sentir-se cansado; foi até um banco, sentou-se, recolheu as muletas e chorou. Estava muito assustado e só.

Jandira foi levada e teve que ser internada, pois seu estado inspirava cuidados urgentes. As queimaduras tinham sido sérias e o risco de infecção era grande. Seu cabelo saía aos tufos, junto com a pele do couro cabeludo. As costas, até a linha da cintura, também estavam em carne viva. A “brincadeira” iria lhe custar quase um mês no hospital.

Na pressa com que saíra, Franklin portava só a roupa do corpo. Estava sentado em um banco, recuperando-se da correria quando começou a sentir frio. Acomodou-se como pôde e, encolhendo-se, ficou na posição fetal para se aquecer mais. Adormeceu.

No meio da madrugada foi acordado. Alguém estava sacudindo seu corpo.

– Ei, o que você tá fazendo aqui?

Sentou-se de um pulo só e divisou um bando de moleques como ele próprio.

– Fugi de casa, mas quero voltar – falou, choramingando.

Foi uma risada só. Alguns o imitavam dando à voz uma entonação caricata. Agora o observavam para ver se portava algo de valor. Nada.

– Vamos sair logo daqui – disse o que parecia comandar o bando – aqui não é nossa área. Você pode vir conosco se quiser.

Tinham razão de sobra em querer sair dali. Ali, onde se encontravam, há pouco tempo tinha acontecido uma chacina em que três de seus companheiros tinham sido executados. Franklin passou a mão nas muletas e ágil como um azougue pulou para o chão. Só então perceberam que o novo companheiro era aleijado. Com a característica crueldade infantil, saíram em disparada na intenção de deixar Franklin para trás. Movido pelo medo e não querendo ficar só, desenvolveu uma corrida quase tão rápida quanto a dos outros. Quando pararam nas cercanias de um galpão abandonado, estavam todos ofegantes e, menos de um minuto depois, surpresos, viram Franklin chegar botando os bofes pra fora. Seu pai teria ficado orgulhoso da façanha.

Esse fato conferiu certo respeito por parte dos novos companheiros.

Acomodaram-se como puderam no interior do galpão e se cobriram com pedaços de papelão. Ia ser sua primeira noite na rua.

Franklin foi bem aceito por quase todo o grupo. De certa forma, seu defeito físico conferia a ele um ar diferenciado. Dia a dia ia se firmando e fazendo-se respeitar, respeitando os demais. Exceção feita a um tal Maurinho, que cismava com ele. Anos mais velho, quando cruzava com ele tinha mania de dar “croques” em sua cabeça. Franklin só ficava olhando, cabeça baixa, até o dia em que cansou.

A total liberdade alcançada e o novo ambiente a que se ligara, pouco a pouco deixavam aflorar sua verdadeira personalidade, do torturador e assassino frio de outros tempos. O próprio lar onde reencarnara e onde incompreensivelmente sofria maus tratos nas mãos maternas, até então tinha funcionado como correntes que o seguravam e intimidavam. Era uma criança retraída, porém, dentro dela, silenciosamente, se represava todo ódio de uma vida.

Maurinho passou por ele e, bem mais alto, soltou-lhe a mão sobre a cabeça, fazendo troça. Assim que lhe deu as costas, despreocupado, Franklin passou a mão em uma barra de cano e, reunindo todas as suas forças, atacou-o por trás. O primeiro golpe acertou em cheio pouco abaixo da nuca. Maurinho assimilou o golpe, mas tonteou feio e começou a cair e, antes que chegasse ao chão, um segundo golpe o atingiu. Esse, na cabeça. Vieram golpes com mais e mais violência sobre o já inerte corpo do outro.

Ninguém interferiu até que Franklin se acalmasse e parasse de atacar o corpo morto, estendido no meio de uma poça de sangue.

Agora, todos o olhavam e em seus olhares não havia recriminação, mas, sim, admiração. Daquele momento em diante foi conferido a ele um lugar de

liderança em meio àquela organização marginal. O corpo ficaria ali onde estava, abandonado, à espera de que alguém o encontrasse e avisasse a polícia. Seria enterrado como indigente, sem família ou alguém que o reclamasse. Para a polícia, o conveniente argumento de que se tratava de briga de gangues. Era menos um para criar problemas.

Franklin, agora com o novo status conferido, foi ficando por lá mesmo.

Durante o dia, praticavam pequenos furtos e pediam dinheiro em cruzamentos movimentados. À noite, com o dinheiro arrecadado, compravam um “rango” e iam à procura dos pequenos traficantes atrás de cola e, de vez em quando, de pedra de crack. Chapavam-se com aqueles venenos até ficarem inconscientes, jogados pelas calçadas.

Franklin mostrava grande desenvoltura para liderar e bolar ações para o grupo, mas destacava-se mais em arrumar dinheiro nos cruzamentos. Sua figura magra e o defeito que portava contribuía para seu sucesso. Seu método era usar apenas uma das muletas e ir aos pulos até a janela dos carros com a mão estendida pedindo “uma moedinha”. Isso sempre funcionava.

Desse seu modo de abordagem surgiu o apelido que iria acompanhá-lo pelo resto da vida: Tiziu.

Nos arredores de onde se reuniam, havia uma praça bastante arborizada na qual existia uma quantidade muito grande desses pássaros. Pretos e quase azulados, muito ariscos, ficavam ciscando em movimentos rápidos antes de repentinamente alçarem voo, o que trazia certa semelhança aos movimentos deles nos cruzamentos. Foi uma amiguinha que notou:

– Ei... o Frank quando vai nos carros não parece aquele passarinho lá da praça, o Tiziu?

Tiro e queda: o apelido pegou na hora. Embora não gostando, teve que aceitar e, dali pra frente, a turma só o chamava pelo novo apelido.

Após quase um mês internada, Jandira voltou. Jaqueline tentou deixar a casa em ordem na ausência da mãe.

Jandira ainda inspirava cuidados. Vinha com um lenço cobrindo a cabeça, onde parte do cabelo tinha se perdido. No caminho até o barraco, as pessoas a olhavam com espanto. Algumas até soltavam exclamações de pena, de conforto ou sussurravam à sua passagem. E não era para menos: por onde o líquido escaldante da sopa escorrera na região do rosto, parecia ser o caminho percorrido por duas grossas lágrimas de chumbo derretido que tivessem escorrido de seus olhos de mãe, como a se desculpar pela criatura que trouxera ao mundo. Sua revolta contra o filho era grande, e ele iria pagar caro pelo que fizera. Disso ele podia ter certeza, pensava.

Os dias de hospital pareciam ter feito bem a ela. Visivelmente mais magra, desinchada pela abstenção do álcool, tinha a face mais tranquila, mas era só aparência.

– Jaqueline, Jaqueline – já entrou aos gritos.

– Tô aqui, mãe – disse, indo ao seu encontro.

– Então, cadê teu pai?

– Deve estar bebendo em algum boteco.

– E o coisa ruim do teu irmão?

– Sumiu desde aquele dia. Disseram que viram ele junto com um bando de moleques lá pros lados do centro da cidade.

– É... só podia dar nisso mesmo. Melhor ele ficar na rua e não voltar para cá – falou alto, brandindo na mão uma faca que pegou sobre a mesa – “mato o peste.”

Pelos próximos meses não iria vê-lo mesmo.

No mês em que estive internada, Frank não apareceu na favela. Não sabia nem que a mãe estava hospitalizada. Da irmã, e só dela, sentia falta; afinal, quem cuidara dele até aquela data tinha sido ela. Não descansava atrás de notícias do irmão e não demorou muito, ela veio de uma forma crua.

– Jaqueline, vi o Franklin ontem.

– Onde?, quis saber com ansiedade.

– Lá no centro da cidade. Tava com um bando de moleques mal encarados, cheirando cola.

Aquilo foi um choque.

– Você tem certeza que era ele mesmo?

– Pô, Jaqueline, com aquelas pernas secas dele você acha que eu ia me enganar?

A notícia, embora ruim, trouxe novo alento a Jaqueline, que não descansava em sua busca pelo irmão. Embora o horário que cumpria em seu emprego de doméstica a fizesse ter o dia todo tomado de segunda a sábado, aos domingos arriscava uma ida a bairros mais afastados e até cidades vizinhas já havia visitado.

Juntava centavo a centavo para ter uma sobrinha para suas expedições. Ai, se a mãe soubesse onde ela se metia quase todo domingo.

Nos primeiros dias que o irmão saiu de casa, ela própria não ligou muito. Até concordava em parte com o pai que falava:

– A hora em que tiver fome ele volta. Filho meu não é de mendigar na rua.

Ambos estavam enganados. O cotidiano da rua afastava o menino cada vez mais de casa. Para ele, a troca não tinha sido tão ruim. Sem obrigação de ir à escola,

fazia seu próprio horário. Enfim, aos doze anos, era senhor de sua própria vida. Tinha liberdade para tudo, e o que já aprendera com suas novas companhias, em tão pouco tempo, representava mais do que nos seus dias de vida até então.

O tempo foi passando, e a irmã começou a ficar preocupada. Ela amava o irmão. Desde o dia em que chegara do hospital estivera praticamente sob seus cuidados. Sua dedicação chamava a atenção dos vizinhos, que comentavam:

– Parece até que ela é que é a mãe... e o pai também.

Quando Jandira ouvia um desses comentários – feitos propositalmente perto dela – era certo que, mais tarde, quando já estivesse tocada, iria descarregar o ciúme e a raiva em cima da filha, na forma de pancadas. Não faltou ocasião que, em sua loucura, tentou agredir o filho ainda de colo, obrigando Jaqueline a se curvar, protegendo o irmão com seu próprio corpo.

As semanas se passaram, fechou o mês e nada de ele aparecer. Em casa, Norton continuava sua rotina, conformado com o sumiço do filho. Em seu embotamento, não tinha como avaliar a situação. Gostava do menino, isso era certo, mas não possuía condições para ir atrás dele e trazê-lo de volta para casa que, aliás, vivia dias mais tranquilos. Só mesmo Jaqueline estava preocupada e ansiosa para achar o irmão.

Ficou mais preocupada após o comentário feito por uma conhecida que o havia visto no centro comercial da cidade junto a um bando de meninas e meninos que até cola cheiravam. O impacto foi grande, fazendo com que ela não acreditasse, mas a identificação precisa, o defeito nas pernas, fez com que acreditasse.

Já o havia procurado em vários locais, sem jamais pensar que ele pudesse estar onde estava. Talvez por saber o tipo de gente que ficava perambulando no centro, em seu pensamento, não incluía sequer a possibilidade de procurá-lo por lá. De posse da informação, na primeira oportunidade, iria atrás dele.

– Dona Leda! Dá pra eu sair mais cedo hoje? É que quero ver se encontro meu irmão.

– Vai, filha. Almoça e depois pode ir.

Com as informações que tinha obtido por intermédio da colega, já sabia onde procurar o Franklin.

Mal almoçou, tamanha sua ansiedade. Tinha a clara intuição de que aquele era o dia de revê-lo.

Tomou a condução e, às quatro da tarde, chegou à parada final. Bateu perna até ir dar no cruzamento de duas avenidas onde, naquele horário, o trânsito era intenso.

Ficou observando os carros que paravam, aguardando o sinal verde e o movimento dos pedestres que, sempre com pressa, cortavam as avenidas.

Aquele movimento todo a estava deixando nauseada. Fixou o olhar no lado oposto de onde estava e teve a impressão de ver um bando de crianças. Prestou mais atenção e, então, pôde enxergar que eles aproveitavam quando o sinal

estava vermelho e se dirigiam aos carros para pedirem dinheiro. Só podia ser ali. Assim que deu, juntou-se ao magote de gente que cruzava as pistas e deixou-se levar como em uma onda.

A princípio, não viu o irmão. Logo, chegou-se a ela uma menina.

– Tia, dá uma moeda? Tô cum fome.

– Moeda, não tenho não, mas quero te perguntar uma coisa.

A menina, desconfiada, começou a se afastar.

– Espera... tô procurando meu irmão. O nome dele é Franklin.

A menina estancou.

– O Frank não tem ninguém, ele nunca falou de você.

Isso a entristeceu, mas não quebrou seu ânimo, ao contrário, a menção ao seu nome foi estimulante; estava no caminho certo.

– Tem, sim, e eu sou a irmã dele. Vai procurar ele e diz que a Jaqueline tá aqui. Vai, que, na volta, eu te dou mais do que uma moeda.

Esse era o estímulo que faltava. A menina se virou e saiu correndo. Não demorou muito e Jaqueline pode ver o irmão que vinha caminhando em sua direção com Tati ao seu lado, gesticulando e falando ao mesmo tempo.

Quando já se encontrava próximo, ela correu ao seu encontro e estreitou-o entre os braços, sentindo sua magreza.

– Quanta saudade – já eram quatro meses sem notícias.

– Vim te buscar, você não precisa ficar aqui na rua, pedindo na janela dos carros.

– Não dá pra voltar. Minha vida mudou muito e minha casa agora é por aqui – disse, erguendo a cabeça e olhando ao redor.

Suas feições tinham mudado, parecia ter amadurecido anos em meses. Perdera a feição inocente de um menino de sua idade. Seu semblante agora era ríspido. As roupas não eram mais aquelas com as quais saíra de casa. Encontrava-se mal arrumado: um casaco de tricô laceado que lhe descia quase até o joelho; a gola em V, no umbigo; chinelo de dedo; e um boné surrado, encardido, finalizava o figurino.

– Se você quiser, trago umas roupas pra você, elas estão todas lá em casa. Não deixei mamãe dar.

Nessa hora, ele abriu um sorriso.

– Precisa, não, isso aqui é roupa de trabalho – disse, esticando mais ainda o casaco pra baixo dos joelhos – se ficar arrumadinho, quem vai me dar dinheiro? Se liga.

Jaqueline estava chocada. Sabia que a chance de ele retornar para casa com ela era zero. Seria inútil insistir. Estava estática, olhando para o irmão e nem percebeu que outros meninos estavam se juntando a eles. Um mais encorpado já chegou perguntando:

– Quem é a tchutchuca? Mor tezão, meu...

– É minha irmã.

– Desculpa, mano, tá limpo. Vamo abri, moçada – falou para os outros que formavam aquele pequeno grupo.

Virou-se para a irmã e, num apelo, disse:

– Me faz um favor: não volta mais aqui. Não é legal, é perigoso pra você, já deu pra sentir, né? Os cara cresce o olho. Eu prometo que vou te procurar logo.

Despediram-se e, do jeito que chegou, ele se foi com a Tati ao seu lado, que continuava a falar e a gesticular como a querer compreender o que tinha se passado ali.

Jaqueline, plantada ali na calçada, não sabia o que fazer. As pernas estavam chumbadas no chão. Por fim, tomou coragem e se foi.

– Cala a boca Tati. Pô, num vê que tá demais? Vê se me erra.

– Tá legal, Tiziu, num falo mais nada – e deu por encerrada a sessão de perguntas sem respostas a que vinha submetendo-o.

– Vaza, que eu quero ficar sozinho!

O dia para ele estava acabado. Não esperava ser visto pela irmã naquele estado. Tinha roupa de bacana, tênis de marca e até relógio dos caros. Quer mais, pô?

Voltar para casa? Nunca mais. Onde estava já era respeitado, mais ainda depois que detonou o tal do Maurinho. A fama cresceu. Era vivo e inteligente e, por isso, exercia liderança no grupo. Fazer o que em casa? Tomar porrada? Isso nunca mais.

Naqueles meses, sentia falta só da irmã. Aliás, de certa forma, saíra de casa por causa dela, tentando evitar que a mãe a surrasse. Pensava em crescer, juntar uma grana e aí, sim, buscar a irmã pra morarem juntos. Ainda ia dar a ela uma vida melhor.

Jaqueline chegou em casa já noite. Não saberia dizer durante quanto tempo ficara parada na calçada.

Estava exausta. Colocou uma camisola e ajeitou-se no colchão em que dormia. Tinha sido presente da patroa. Não tinha comido praticamente nada o dia inteiro, e seu estômago roncava, porém, mesmo assim, não tinha coragem para levantar e saciar a fome. Pouco depois dormia profundamente.

Durante a madrugada, em seu desdobramento, livre do entrave da matéria, foi ter nas cercanias de um terreiro de onde vinham sons de atabaques e cantorias que lhe eram bastante familiares. Vez por outra, uma voz se sobressaía das demais, buscando resposta em um refrão monocórdio.

Ela não se encontrava só. Vários espíritos desencarnados e encarnados como ela própria, caminhavam a passos lentos para a festança. A pouca distância, ela e mais alguns pararam, outros se precipitaram céleres, indo se juntar ao folguedo.

Ali tinha de tudo: cachaça, comida, muito batuque e dança sensual que, invariavelmente, unia os casais, que se afastavam sorratamente para práticas sexuais. Alguns nem mesmo esse cuidado tomavam e faziam sexo uns diante dos outros sem darem a menor importância.

No meio do terreiro, em dança frenética, vestida com diminutos panos vermelhos, uma mulher de porte avantajado dava voltas com o corpo, lançando a cabeça para os lados. Parecia estar tomada por uma força sobrenatural. Ao seu lado, outras negras e negros entravam no seu ritmo. Jaqueline reconheceu naquela mulher, Jandira. Sim, sem dúvidas era ela.

Em sua mente começaram a aflorar recordações do tempo da escravidão, da senzala, das festas e batuques que ela não perdia nunca. Nesses dias, também cultuavam seus ancestrais, Santos e Orixás deixados há tanto tempo na distante

África, mas jamais esquecidos.

Reconhecia rostos de pessoas que tinham vivido no mesmo tempo em que ela na Casa Grande, no Engenho da Estrela.

Queria se aproximar e falar com Jandira, mas uma força maior evitava que ela se movesse.

Foi desligada dessas vibrações com a aproximação de um grupo de irmãos socorristas que a encaminhariam, junto aos demais, para o local onde, através de passes e vibrações, seriam orientados na tentativa de refazimento moral.

Aqueles tantos conhecidos que ela observara em meio ao folgado eram irmãos ainda muito ligados à matéria. Estavam estacionados no campo das vibrações de baixa sensualidade, agarrados às sensações que sentiam quando encarnados.

Ela já conseguira dar alguns passos na direção oposta, mas ainda não se encontrava firme o suficiente para dispensar constante monitoramento por parte dos benfeitores.

Naquela manhã acordou mais cedo do que normalmente fazia. Tivera uma boa noite de sono, apesar de tudo por que passara no dia anterior. Sentia-se fortalecida e pronta para tocar a vida. Sabia que não tinha o poder de modificar o que já estava feito e, em sua simplicidade, entregou o caso a Deus. Orou antes de sair para mais um dia de trabalho.

Diferentemente da irmã, os dias que se seguiram foram angustiantes para Franklin. Tinha os pensamentos confusos e chegou a pensar em voltar para casa, mas como? Sabia bem o que estaria à sua espera.

Estava muito agressivo e ficava mais cheirando cola no galpão do que qualquer outra coisa. O único que se chegava a ele era o Alemão, seu amigo de fé em meio a tanta bandidagem.

capítulo quinze

Terça-feira, dia de ir ao Centro Espírita, aconteceu de tudo. Acordou tomada por fortes cólicas, sua menstruação tinha descido. –“Que saco!” Quando ficava assim, sua irritação e impaciência iam aos limites de intolerância e, para piorar as coisas, ao levantar-se da cama deu uma topada no pé; dessa vez xingou alto para quem quisesse ouvir. Foi tomar banho, e a resistência do chuveiro estava queimada. Era demais. Tudo parecia conspirar contra ela.

Resolveu que não sairia até a hora de ir ao Centro Espírita. Bem antes das oito horas saiu para pegar o ônibus.

Reunidos em proveitosa palestra nas cercanias do Centro, um grupo de espíritos socorristas observava a chegada de irmãos, tanto encarnados como desencarnados.

Dalmo, o orientador do grupo, discorria sobre a dificuldade em encontrar novos trabalhadores para engrossar as fileiras da Luz. Afora a dificuldade cada vez maior na aproximação dos umbrais terrestres devido à gama de vibrações pesadas emitidas por irmãos ainda presos às sensações materiais mais baixas, as pessoas pareciam ter perdido a motivação em ajudar seu próximo.

– Vive-se um momento em que o egoísmo se traduz na materialidade quase total. Quantos de nossos companheiros, com tarefas acertadas aqui em nosso plano, já na matéria, sucumbem ao orgulho, egoísmo, sensualidade, deixando verdadeiras clareiras onde o exemplo do amor e da fraternidade deveriam estar sendo cultivados.

No grupo que orientava, alguns eram destacados para observar e avaliar pessoas que detinham no coração possibilidades de um dia virem a colaborar em tarefas socorristas. Não iam atrás de perfeição, por longe dela estarem todos, mas um sinal de boa vontade para com o próximo era suficiente. A palavra de consolo, um pensamento de amor, o perdão, o recurso para um miserável.

Naquela terça-feira, lá estavam Dalmo, Amanda e Clarisse, observando, quando a chegada de uma mulher chamou sua atenção, e foi Clarisse que falou:

– Olhem aquela mulher que está chegando – e todos viraram para olhar.

Não era sua aura ou seu semblante carregado que a destacava, mas, sim, as vibrações de amor que duas entidades femininas lhe dispensavam. Clarisse cruzou o olhar com ambas e foi correspondida. Nunca as tinha visto por lá.

Em rápida análise constataram que o campo magnético que a envolvia era maculado por pesadas vibrações de sensualidade. Entidades em desajuste, sumariamente vestidas e tomando posições menos respeitadas a acompanhavam como seu séquito e tentavam entrar no recinto do Centro com ela. Quando se aproximaram, foram repelidas. Pequenas centelhas de luz pareciam surgir do nada, atingindo-as, o que lhes causava grande desconforto. Então, recuavam, dando continuidade à pantomima erótica a que se entregavam.

Laura entrou e estancou. Uma angústia e um aperto no peito quase a sufocavam. Voltou sobre os próprios passos e saiu. Quase na rua, subitamente sentiu-se sem forças para continuar a fuga; ao lado dela, as entidades que a acompanhavam naquele instante intensificavam ao máximo suas vibrações para dissuadi-la de ir embora. Fora muito difícil trazê-la até ali e não podiam perdê-la agora.

Voltou e procurou um lugar bem à frente e, acomodando-se, aguardou o início dos trabalhos. Pouco depois, a palestrante da noite apresentava-se aos presentes no pequeno auditório.

À medida que iam fazendo a prece de abertura, sobre sua laringe ia se formando um halo de luz azul prateada. Com voz modulada, rogava às entidades componentes da cúpula da casa proteção necessária para os trabalhos que iriam se desenvolver naquela noite.

Após os avisos de praxe, tomou nas mãos o “Evangelho Segundo o Espiritismo” e abriu-o, iniciando a leitura.

As palavras pronunciadas com profundo amor despertaram um bom sentimento no coração de Laura.

Acabada a palestra, as pessoas começaram a ser organizadas para adentrarem à sala de passes. O ambiente era imantado por forças vibracionais que formavam um anel de proteção no perímetro da câmara em tons que variavam do branco ao azul. Grande número de desencarnados ali estava para usufruir daquele benefício. Na vez de Laura, o passista impôs as mãos sobre sua cabeça e um fluxo iluminado se formou. Em vão. Ela estava totalmente refratária, e os fluidos magnéticos não conseguiam penetrar sua organização sutil. Seus pensamentos estavam confusos e, naquele momento, achava uma palhaçada o que estava acontecendo. “O que é que eu estou fazendo aqui?”

Findo o passe, o senhor que o havia aplicado abaixou-se e sussurrou em seu ouvido que ela necessitava passar por consulta e que deveria se informar. Na saída, ofereceram um copinho com água fluidificada, que não bebeu. O que

queria mesmo era sair dali. Aquela atmosfera a estava sufocando.

Já na rua, sentiu-se melhor. Entidades que a tinham acompanhado até a entrada do Centro e foram impedidas de nele ingressar, retomavam sua companhia. Ao se afastar mais do Centro, um vulto escuro aproximou-se e enleou-a em um abraço. Laura estremeceu e sentiu-se estranha; os zombeteiros que até ali a acompanharam se dispersaram em respeito.

Logo atrás de Laura, sem serem percebidos, irmãos socorristas observavam o estranho consórcio que ali se estabelecia. Sensíveis e experimentados, deduziram que aquilo ou o que a havia envolvido era poderoso o suficiente para não se deixar identificar por eles. De agora em diante, sempre algum deles estaria ao lado de Laura.

Já em seu quarto, sentiu-se melhor. Menos pelo passe que recebera, mais pelas nefastas presenças de companheiros das esferas mais baixas. Sob forte sugestão, resolveu sair de novo e ir para o bordel; afinal, ainda era cedo. Fazer programa não dava, mas podia fazer algum dinheiro bebendo com os clientes. Retornou depois das três da madrugada, bêbada.

No dia seguinte, após sua ida ao Centro, dona Graciosa foi conversar com ela.

– Então, menina? Como foi lá?

– Sinceramente, achei tudo uma palhaçada, mas não posso negar que voltei um pouco aliviada. A única coisa que prestou mesmo foi a palestra. Gostei.

Comentou o que o passista lhe dissera, no sentido de fazer uma consulta, e ouviu a amiga falar sobre a importância que tinha; aquilo era importante.

–Vamos ver. Semana que vem talvez eu volte lá.

O que ia se iniciar ao redor de Laura era uma luta pelo seu espírito. Se, por um lado, as correntes socorristas iriam trabalhar tentando estimular os sentidos mais sublimes de Laura, os prepostos da Ordem de Valdez se empenhariam em destruir sua vontade de melhorar e, assim, mantê-la refém do esquema que a levaria a total ruína física e moral. Tinham seu comprometimento com a vítima de Laura, Julião, e a justiça deles tinha que ser feita.

Casa, trabalho, casa. Por vezes, recebia um convite para almoçar fora, o que queria dizer uma quentinha em um bar localizado em qualquer esquina. Aceitava de bom grado. Eram homens simplórios, que viam em Laura a realização de “possuir” seu objeto de desejo.

Sempre existia a figura do cliente mais romântico, que vinha com a pergunta pronta, ensaiada:

– O que uma mulher bonita como você está fazendo em um lugar como este?

Nessas horas, podia dar asas à sua imaginação. Fazia cara de arrependida e, quando ia começar a contar sua vida, dizia: Paga mais um drinque, amor? O que invariavelmente acontecia. Então, lá ia: Uma vez era a mulher traída que, de bronca, transou com todos os amigos do marido e, não tendo mais aonde ir, acabou sendo obrigada a cair naquela vida; tinha a menina inocente do interior que, com a mãezinha doente e sem ter muito dinheiro para os remédios, viu na

prostituição a única solução para salvar a vida da mãe. Essa, em geral, agradava muito e já tinha feito muito marmanjo chorar. Mas sua preferida era a noiva desvirginada às vésperas do casamento e, em seguida, abandonada pelo noivo. Vendo-se grávida, foi expulsa de casa pela própria mãe. Teve o bebê, mas como sustentá-lo? A única saída era aquela: virar prostituta.

Teve até gente que se dispôs a dar um corretivo no cafajeste, se ela assim o desejasse.

Durante uma sessão dessas, tomava brincando uns quatro drinques, que o cliente pagava sem perceber.

Entre elas, as meninas brincavam e chamavam esse tipo de “repórter da prostituição”. Interessante frisar que esse tipo era mais de conversar do que de fazer programa. Às vezes, até ia para o quarto, mas só rolava papo mesmo.

Não era raro que recebesse uma boa caixinha com a recomendação:

– Olha, esse é para o remédio da mãezinha” ou ”toma aí pro leite do garotão.

Um certo Paulo, todo dia quinze, recebia o vale da firma onde trabalhava e a levava para comer em um boteco que servia um PF (prato feito) afamado na área: feijão, arroz, bife a cavalo, fritas e salada de alface e tomates. Mais tarde, já à noite, ia até o bordel, barba feita, banho tomado para pagar uma bebida e fazer um programa com sua predileta, como a chamava. Isso a sensibilizava, pois calculava o quanto aquilo podia ser dispendioso para ele.

Não faltava também quem desejasse que ela fosse morar junto, amigação, coisa para ela totalmente fora de cogitação.

Pensava com nostalgia no tempo em que os jantares se davam nos melhores restaurantes e boates da cidade. Depois, um luxuoso flat ou a bem decorada suíte de um motel.

Os clientes antigos tinham sumido de vez. Chegou a ouvir de um deles:

– Como você pensa que uma pessoa na minha posição vai se envolver com alguém como você? Esses caras com quem que você sai, cheiram mal.

Em vão, aguardava alguma mensagem ou uma ligação para seu celular. Às vezes, tinha vontade de arremessá-lo contra a parede.

Dalmo interessou-se pelo caso de Laura e achava que deveria ser objeto de estudos por parte do seu grupo. Conversando com as entidades que a haviam acompanhado ao Centro, ouviu:

– O que temos tentado é dissuadi-la da prática de atos escusos, por meio da sugestão. Até pouco tempo, estávamos conseguindo equilibrar as coisas e mantê-la um pouco afastada das péssimas companhias que a ela se agregam por seu campo vibratório. É o mesmo que deixar a porta aberta e convidar o ladrão para entrar. Além disso, existem os obsessores pertencentes à poderosa Ordem, que a acompanham desde a mais tenra idade, no intuito de destruí-la. Em várias ocasiões, na matéria, usou seu corpo e inteligência para tirar proveito e destruir quem atravessasse seus caminhos, criando, assim, inimigos. Na atual encarnação, tinha em seus planos uma recuperação no campo da sensualidade e,

mais uma vez, estava fracassando. O benefício do esquecimento de vidas anteriores não foi o suficiente para apagar nela as impressões gravadas em sua memória mais recente. Trabalhamos muito por seu aprimoramento e ainda temos fé em triunfar. Esperamos tê-la futuramente entre nós, renovada no amor de Jesus.

Amanda perguntou ao orientador:

– Sem as influências de seus obsessores, recebidas desde a adolescência, a vida de Laura poderia ter tomado outros rumos?

– Certamente. No plano reencarnatório dela, uma de suas falhas morais a ser combatida era justamente a tendência para o baixo sensualismo, justo onde atuam. As irmãs que hoje estão aqui sabem bem o que é a luta para minimizar o desequilíbrio instalado nas regiões genésicas de Laura.

– Para seus obsessores foi muito fácil manipularem-na como a um fantoche – disse Amanda, e concluindo: – Como disseram as irmãs, ela deixou as portas escancaradas.

Reconhecendo que estavam perdendo aquela batalha, suas protetoras solicitavam auxílio ao grupo socorrista comandado por Dalmo para, o mais breve possível, afastarem-na do bordel. Só assim, teriam chance de salvar alguma coisa na presente encarnação.

Início da madrugada, noite escura, sem um raio de luar, três vultos se aproximam do casarão. Ninguém os observa quando entram e vão direto para o quartinho de Laura.

No quarto escuro, tênue luminosidade começa a surgir até iluminar todo o aposento.

– É aqui mesmo. O que pode ser feito?

É Dalmo, que pergunta para Glauco e André que providências podem tomar. Ambos eram técnicos em eletrônica quando encarnados. Os mesmos interesses na área os levaram a criar laços de amizade e estudarem juntos os efeitos magnéticos aplicados sobre o corpo sutil. A gama de instrumentos magnéticos a que tinham acesso era ilimitada e agora fariam uso de alguns.

Estudaram bem o recinto e optaram em instalar um gerador ligado a luzes que produziriam mal-estar a qualquer entidade em campo vibratório adensado como bem o era a maioria das companhias de Laura. Instalariam em todo o perímetro do teto um fio condutor de luz, muito semelhante ao néon, que emitiria ondas de espectro violáceo.

– Pronto. “O espanta mosquito” está instalado, disse Glauco, com seu constante bom humor. – Agora, vamos acalmar a mocinha.

Na cabeceira da cama, um fio condutor, emitindo uma luz rosa-amarelada, parecia trazer tranquilidade ao ambiente.

Vendo, mas sem serem vistos, os três observavam algumas entidades, já na expectativa da chegada de Laura, entrarem e logo saírem incomodadas dali. Elas vinham na esperança de se alimentar dos miasmas viciosos que Laura trazia em

abundância, grudadas ao seu corpo. Álcool, fumo, drogas e sexo. Um banquete.

Parabenizaram-se. A instalação tinha sido um sucesso. Iriam deixar André por algum tempo ali para monitorar e fazer algum ajuste se fosse necessário; era um serviço de grande utilidade.

Glauco já iria para outro ponto da cidade, onde teria nova tarefa. Eles não paravam.

O aparato instalado por Glauco e André ia cumprindo sua finalidade, mas não na velocidade em que seria necessária para a recuperação de Laura. Medidas mais drásticas teriam que ser tomadas. A essa altura, Dalmo já tinha encampado o caso e passara de simples observador ao seu responsável. Conseguira uma autorização especial para poder atuar com seu grupo junto àquelas duas irmãs que acompanhavam Laura desde sua última encarnação.

– Estamos prestes a perder Laura definitivamente – disse Dalmo, dirigindo-se à pequena assembléia que havia convocado não só entre os membros de seu grupo, mas também com irmãos especialistas em outras áreas, principalmente de saúde.

Durante a exposição dos fatos, deixou claro que os aparelhos instalados no quarto de Laura não surtiram o efeito desejado por total falta de sintonia dela com as ondas vibratórias emitidas. Se, por sua vez, o aparelho gerava ondas que repudiavam as suas más companhias espirituais, ela própria era refratária a essas ondas.

Narrou um fato a que ele próprio assistira pouco antes da instalação dos aparelhos, em um dia que Laura não iria ao bordel por não se sentir bem:

– E essa vagabunda? Não vai mais sair de casa? E nós, como é que ficamos? Ela tem compromisso com a gente.

Eram aqueles que se alimentavam das sensações dela, verdadeiros vampiros. Despejavam sobre seu corpo combalido fluidos poderosos, tentando transfundir forças que a fizessem levantar-se e ir para o bordel. Lá ela se reabasteceria do alimento de que tanto necessitavam.

Expostos os inúmeros problemas, falou:

– Apelo aos irmãos que nos ajudem a criar as condições necessárias para neutralizar em Laura o foco maior de suas perturbações: o bordel.

Trocaram, ainda, algumas observações e, após fervorosa prece, despediram-se.

capítulo dezesseis

Angel, dirigindo-se a Valdez, disse: – Problemas.

– Qual, dessa vez? – Como se não existissem em número suficiente.

– É o caso de Julião e Laura. Temos conhecimento de uma corrente socorrista que está atuando com muitos recursos e firmeza na tentativa de resgatá-la de nós. Até pouco tempo não estavam obtendo resultados, mas os ventos estão mudando. Vão acamá-la para que se afaste do bordel onde atua e, assim, os nossos, que a vampirizam, também se afastam. É preciso que se faça alguma coisa.

Intuitivamente, Valdez sabia que grupo socorrista estava envolvido e também da força que o grupo possuía. Não seria esta a primeira vez em que haveria enfrentamento entre ambos. Algumas vezes triunfara, outras fracassara. O escore de ambos estava equilibrado. Usavam armas diferentes e, naquele caso, as suas eram mais fortes.

Encarregou Angel para destacar alguém que se inteirasse do caso e seguisse os passos de Laura, diuturnamente.

Quando se inteirou dos artifícios usados para afastar a moça dos antros que frequentava, ficou possesso. Tomou o caso quase como uma afronta pessoal.

– Daqui para frente eu mesmo cuido do caso. E assim foi, quando teve a informação que Laura iria voltar ao Centro para ser submetida a uma consulta espiritual.

Dias antes, despachou equipe especializada para acompanhar os médiuns que participavam daquele tipo de trabalho. Ia ser um serviço de vigilância e tentativa de desestabilizar alguns deles, atuando com sugestão e insinuação em suas deficiências próprias. Fariam de tudo para miná-los, pois isso seria importante para que Valdez pusesse em prática o plano que elaborara.

Laura acordou indisposta e de ressaca, boca seca, travada, com a sede de quem estava perdida no deserto. E os olhos? Ah! Esses, nem se fala: teria chumbo pendurados neles?

Foi tateando até achar o interruptor do abajur e acendeu. Mesmo com os olhos fechados, a claridade feriu-os momentaneamente; ajeitou-se no travesseiro e só depois de alguns segundos conseguiu abrir os olhos.

Não acreditava no que estava vendo: como uma flor lançando pétalas vermelhas para todos os lados, lá estava ela, deitada em meio a uma grande mancha de sangue.

Conseguiu erguer-se e, cambaleando, abriu a porta do quarto:

– Dona Graciosa, dona Grac... – e tombou desmaiada no corredor.

Recobrou a consciência deitada em uma maca no corredor do pronto socorro. Estava lívida. Sentia que a vida estava querendo deixá-la. Mal teve forças para balbuciar:

– Não quero morrer.

Ao seu lado, dona Graciosa ouviu o apelo e não deixou de lembrar o tanto de vezes que tinha posto no lixo os saquinhos com veneno para ratos que Laura insistia em repor.

Em dois dias teve alta, com recomendações expressas para repousar. Nem álcool, nem bordel. Boa alimentação e uma prescrição de antibióticos potentes.

Nos dias que se seguiram, Graciosa tratou-a como se filha sua fosse. Muita canja de galinha, os remédios ministrados na hora certa, mesmo sendo tomados em meio à madrugada.

Com a insistência de Graciosa e o temporário afastamento das más influências, resolveu ir ao Centro para a tal consulta.

– Dona Graciosa, liguei para o Centro e, na quarta-feira, tem consulta. Não quer ir comigo?

– Quarta-feira? Está bem, irei contigo.

Às quartas-feiras um grupo de médiuns que reunia maiores possibilidades no estudo da doutrina, reunia-se pontualmente às oito da noite para trabalhos de consultas e desobsessão.

O grupo era bem afinado, pois seus participantes trabalhavam juntos há muito tempo e tinham por orientador, Alberto, médium experiente. Contava ainda com Rosa, Amélia e o senhor Geraldo, que possuía o dom da vidência. Dependendo do dia, participavam outros três ou quatro médiuns, prontos para fazer a canalização de irmãos que, de alguma forma, precisavam sentir o “choque da matéria”. Outros tantos ficavam logo atrás dos que se sentavam à mesa, praticando vibrações de amor para o bom andamento dos trabalhos.

No dia da sessão, Rosa acordou estranha, sentia-se deslocada de si mesma. Cumpriu a rotina do dia: o café, o banho, vestiu-se e pegou o carro para ir ao trabalho.

Começou a irritar-se no trânsito e chegou a discutir com outra motorista. O sinal amarelo de alerta acendeu imediatamente em sua mente.

– Opa, o que é isso? Logo eu, que sou tranquila discutindo no trânsito? Alguma coisa está errada.

Chegando ao trabalho, fechou-se em uma sala e orou.

As coisas não estavam diferentes na casa de Alberto. Logo no café da manhã, mãe e filha discutiram por futilidades.

Na casa de Amélia, a empregada não apareceu, e ela, com três filhos pequenos para despachar para a escola. O café do marido atrasado.

– Isso é para hoje? Não vê que já estou atrasado? Não sabe que tenho responsabilidades?

E ela, não? Por pouco, o marido não ouviu “poucas e boas” logo cedo. Esforçando-se, conseguiu se controlar. Deixaria para outra ocasião sua resposta. Estava ocupada demais, agora.

Todos que faziam parte dos trabalhos daquela quarta tiveram sua cota de aborrecimento. Se tivessem se comunicado e comentado seus casos uns com os outros notariam que algo de anormal estava ocorrendo, e teriam procurado se proteger mais.

Muito tempo em qualquer rotina nos torna menos prudentes, pois ficamos com a sensação de que sabemos de tudo, deixando de lado determinadas regras de ouro.

Aqueles que trabalham em casas espíritas, no intercâmbio com entidades em desajuste, muitas delas cristalizadas no mal, em dia de trabalhos devem orar e vigiar.

Desde cedo são acompanhados, medidos, analisados por espíritos que procuram neles brechas para insinuar maus pensamentos e sentimentos menos edificantes. Fazem de tudo para desestabilizá-los. Acompanham-nos, também, entidades em estado de perturbação, que veem neles um caminho que as leve até a porta de um Centro Espírita onde podem obter ajuda para mitigar seus sofrimentos.

Por sua vez, grande número de trabalhadores responsáveis, achando-se já experientes, não se preparam, caindo nas ciladas urdidas inteligentemente por seus antagonistas.

Não é fácil para um espírito perturbador ingressar em uma reunião se não for trazido ou convidado, mas também não é impossível.

Há varias maneiras de se disfarçar e insinuar e uma delas é justamente “se casar” vibratoriamente a algum médium que frequente a reunião.

Foi o que ocorreu. Fernando, o mais novo a fazer parte do grupo, entregou-se totalmente às sugestões de sensualidade lançadas sobre ele. Diferentemente dos outros, acordou naquela manhã se achando irresistível.

Esmerou-se ao fazer a barba, demorou a encontrar a melhor combinação da roupa e foi para o escritório onde trabalhava.

Chegando, foi logo elogiado, e seu ego, que amanhecera inchado, quase explodiu. Mais ainda: não é que uma colega do escritório em quem ele sempre botara os olhos veio de conversa para cima dele? Demais!

Ao seu lado, uma entidade ria às gargalhadas. Como era fácil influenciar as pessoas para o campo da sensualidade!

No final da tarde, combinou sair depois da reunião no Centro com a colega e foi

nesse estado de espírito que nosso Fernando se dirigiu para a reunião.

Muito fácil para Valdez, um espírito esclarecido no mal, vibrar com ele e adentrar o recinto da reunião, burlando, assim, a segurança magnética, não sendo percebido por não causar diferença vibratória.

No dia marcado para a consulta de Laura, os arredores do Centro apresentavam um quadro aparentemente caótico. Não que fosse diferente de outros dias, apenas um pouco mais tumultuado.

Um grande gerador abastecido por energias por nós desconhecida emitia um zumbido baixo e constante, que processava a desintegração dos miasmas causados pelas baixas vibrações emitidas no local.

Barreiras magnéticas invisíveis a olhos menos credenciados evitavam que o espaço mais próximo à entrada do centro fosse invadido, tomado de assalto. A turba de perturbados e perturbadores, ao se aproximar, recebia fortes descargas magnéticas que a faziam recuar.

Valdez, grudado a Fernando como se fossem siameses, não teve a menor dificuldade para ingressar pela porta da frente. Vibravam na mesma faixa, parecendo ser dois companheiros, não chamando assim a atenção.

Tudo estava saindo como planejara. Contava com o fator surpresa.

No dia marcado, saíram do casarão antes das seis horas. Mais ou menos às sete,

a porta do centro estava aberta e, mesmo tendo chegado cedo, foi a terceira a pegar a senha das quatro que foram distribuídas. Mais um pouco e adeus consulta para aquele dia.

Com a senha nas mãos, entraram no recinto do auditório, onde seria feita a palestra daquela noite. Identificou a palestrista como a mesma da primeira vez que lá estivera.

Laura e Graciosa se acomodaram em um longo banco que lhes foi indicado para que sentassem e aguardassem. Durante a palestra, uma jovem chegou junto ao banco e falou em voz baixa:

– Número um.

Um senhor de meia idade levantou-se e foi encaminhado até uma escadinha que dava acesso à sala de consultas. Antes de subir os degraus, olhou para a mulher que o acompanhava, com antipatia.

Quarenta minutos depois, foi a vez de Laura, que se levantou em um pulo, encaminhando-se para escada. Já na sala, indicaram uma banquetta localizada no centro de um círculo. Ao seu redor, oito pessoas estavam sentadas.

O grupo de consultas era composto por um doutrinador, um vidente, dois médiuns de psicofonia para receber mensagens ou dar passagem aos irmãos que tivessem alguma coisa a falar, e os outros quatro que se mantinham em profunda concentração, dando o suporte necessário aos trabalhos.

O espaço astral muito expandido deixava ver uma multidão de espíritos que, após terem acesso liberado ao recinto, ali iam, em busca não só da cura para suas chagas, mas também do consolo através de exemplos e palestras que eram ininterruptamente proferidas por espíritos esclarecidos. Há de se observar que, mesmo após o término dos trabalhos do Centro, no outro lado se estendiam indefinidamente.

Encontravam-se ali entidades das mais variadas faixas vibratórias, que se interpunham por todo o espaço, sem mesmo se darem conta umas das outras.

O doutrinador perguntou a Laura o porquê da consulta, sendo informado que tinha sido sugestão de um passista na primeira vez que lá estivera.

Havia no ar algo pesado, chocante. Os médiuns pareciam não ter acomodação nas cadeiras e se mexiam procurando conforto. Um movimento de braços mais brusco fez com que a jarrinha colocada em uma mesa lateral emborcasse, derramando quase toda a água a ser fluidificada sobre a toalha que guarnecia a mesa.

Os médiuns de incorporação estavam concentrados, aguardando para dar passagem a algum irmão levado pelos espíritos socorristas, quando Rosa falou:

– Estou sentindo uma aproximação muito forte. E começou a perder a consciência, coisa rara para ela.

– Não dê passagem ainda, não dê passagem...

O aviso de Geraldo foi em vão. Rosa sentiu-se arrebatada do próprio corpo, e a entidade comunicante, sem cerimônias, apoderou-se de seus recursos.

Médium consciente, acostumada a filtrar e a controlar as situações em que cedia suas faculdades para a manifestação de entidades necessitadas, desta feita as coisas estavam diferentes e, por mais que sua vontade quisesse controlar a manifestação, não conseguia interferir. Restava assistir a tudo passivamente.

O doutrinador fez então a pergunta padrão:

– O irmão sabe onde está?

Sem resposta, Rosa ofegava e transpirava. O tronco estava rijo, grudado no encosto da cadeira.

– Sabe o irmão porque foi trazido aqui? A resposta veio:

– Eu não fui trazido e não vejo ninguém aqui que pudesse me obrigar a nada. Digamos que vim a convite de alguém daqui mesmo.

Quando Valdez começou a falar, Rosa sentiu um soco na boca do estômago, e seu corpo gelou. Sentiu que tal entidade não estava ali para brincadeira. A força magnética que o acompanhava era extremamente forte e começou a balançar a proteção da casa que, naquele instante, não estava preparada. A maléfica expansão fluídica estava sendo alimentada por verdadeira legião de espíritos que geravam força, parecendo querer esmagar os médiuns em suas cadeiras.

Rosa tentava de todas as formas tomar o controle da situação e, apesar de sua experiência e dos apelos aos seus protetores, não estava conseguindo. Sentia-se mal.

– Então, afinal, o que procura aqui?

– Não procuro, sei onde está. Vocês estão mexendo com problema que não lhes diz respeito. A moça da consulta.

– Laura?

– Essa mesmo. Tem débitos pesados a serem pagos; não vai adiantar vocês quererem escondê-la embaixo da saia. Vim aqui deixar o recado claro: não mexam com o que não lhes diz respeito.

– O irmão precisa de preces, abra o seu coração. Não enxerga as entidades socorristas ao seu lado?

Valdez soltou uma expressão em língua desconhecida de todos e, em seguida, uma forte gargalhada. Com a voz rouquenha disparou.

– Entidades socorristas? Preces? O que vejo aqui é um amontoado de sofredores, de perturbados que nem imaginam o porquê de estarem aqui. Mulheres e homens, trapos choramingando pelos cantos e o que é que eles vão achar aqui? Hein? Respondam: Que tipo de consolo vocês estão dando a esses miseráveis?

– Damos o consolo da prece, o exemplo de amor do Mestre Jesus que lhes é mostrado.

– E é isso que eles buscam? Qual nada, pelo menos eu lhes dou a chance de verem reparadas as injustiças que sofreram. Verem seus algozes do passado em situações constrangedoras, em sofrimento brutal. É isso que eles desejam, JUSTIÇA.

– E vocês próprios? Dizem para eles belas palavras, mas vivenciam aquilo que pregam? Têm consciência do quanto estão endividados? Vocês são os modernos hipócritas de que falam os Evangelhos. Pregam para essa massa de ignorantes, dando-se ares de quem já atingiu a perfeição. Acham-se sábios porque estudaram essa ou aquela doutrina; ou um benfeitor deixou uma palestra para ser realizada. Eu próprio existo mais em função dos erros que vocês cometem do que por qualquer outra sorte de coisa, bando de convencidos arrogantes.

Diante da argumentação de Valdez, o doutrinador se desequilibrou, fortalecendo a posição do outro.

– Em nome de Jesus, respeito. Você se encontra em uma casa de orações, em nome de Jesus, vá embora – e exortou todos a fazerem uma prece com fortes vibrações de amor.

Tranquilo, Valdez falou:

– Não me mandem embora assim, descortesmente. Eu não invadi sua casa de

Oração. Vim junto com esse aí, do seu lado – disse indicando Fernando – posso dizer que fui convidado. Falou com ironia. Vou embora, sim, e podem estar certos de que na hora em que a moça sair daqui, eu subo nas costas dela outra vez.

Como nunca ocorrera numa reunião, quando Valdez abandonou as faculdades de Rosa, ela foi projetada para trás com violência, sendo amparada pelo bom reflexo de Geraldo.

O diretor da mesa achou melhor não estender mais os trabalhos da noite. Nenhum deles tinha condições psicológicas para mais nada. Pediu proteção à cúpula espiritual da casa e, juntos, oraram a prece de Cáritas, dando por encerrados os trabalhos.

Do lado de fora, nas proximidades do Centro, um grande número de irmãos em desajuste formavam o séquito que acompanhava Valdez. Suas densas vibrações tinham dado a suficiente sustentação para ele desafiar as defesas do centro e afrontar os que participavam da reunião. Estavam prontos para fazer qualquer coisa que lhes fosse ordenada pelo líder. Encontravam-se em estado semi-hipnótico; apesar de terem vontade própria, eram magnetizados por mentes poderosas.

A cena assustava.

Laura saiu muito impressionada da consulta. Já na rua com Graciosa, perceberam que o senhor que entrara antes dela para consulta iniciava uma discussão com a mulher.

– Nunca mais me convide para vir a um lugar desses. Besteira por besteira, prefiro ouvi-las no bar, são mais alegres – disse, referindo-se à explanação do Evangelho.

– Carlos – disse a mulher – desculpe-me, mas pensei que você fosse gostar, sentir-se melhor neste ambiente do que no bar. Calou-se resignada, enlaçou o braço do companheiro e foram caminhando juntos.

Ao lado de Carlos, os “amigos espirituais” já começavam a se impacientar, afinal, tinham compromissos com seus iguais para ir correr os bares, tomar umas e outras.

– Por sorte, o número de bares é bem maior do que o dessas casas onde só se faz escutar besteira e pieguice – comentou um deles.

Nesse exato momento, Carlos teve o mesmo pensamento, assimilando a sugestão da entidade. Estava entrando em um processo obsessivo, que só Deus sabia onde podia levar aquela criatura.

Dalmo e seu grupo só foram alertados do ataque às estruturas do Centro quando Valdez já ia longe.

Tanto os médiuns do grupo de Rosa quanto os mentores espirituais dos trabalhos estavam aturdidos, sem entender bem como uma entidade do porte de Valdez conseguira burlar a segurança do Centro com tanta facilidade e ingressar nos trabalhos.

Reunidos após a malfadada sessão, Rosa quis saber de Fernando se algo de extraordinário tinha-lhe acontecido no decorrer do dia.

– Não. Que eu me lembre, não. Foi um dia normal.

Não queria dar o braço a torcer e tomar para si a responsabilidade do ocorrido. Mentiu descaradamente.

O que seus companheiros não eram capazes de perceber, o era pelos espíritos que estavam presentes.

– Não podemos induzi-lo a dizer a verdade? perguntou Clarisse.

– Não, a verdade virá por si mesma, questão de tempo. Por aí temos o exemplo de como o despreparo de um único integrante do grupo que opera na interação mente/espírito pode comprometer todo um trabalho. Fica clara a importância a ser dada ao padrão vibratório harmônico entre os trabalhadores do grupo. Sempre é bom bater na tecla do preparo que deve ser feito em dia de trabalho.

– O asseio não deve ser só do corpo, afinal, antes da reunião devemos estar de banho tomado, penteados, com uma roupa discreta, confortável. A profilaxia espiritual não deve ser diferente. Nos dias de trabalho devemos lutar, desde a hora em que nos levantamos, contra nossas imperfeições. As más companhias só vêm conosco quando convidadas. Somos observados, principalmente nesses dias, por irmãos que tanto querem nos induzir ao bem quanto ao erro. O que vimos hoje foi uma sucessão de erros e excesso de confiança. Quando nos sentimos muito confiantes, as falhas podem ocorrer, e somos pegos de surpresa. Mesmo sendo um Centro Espírita, aqui não ocorreu diferente. E não é fato que

na prece de abertura de uma sessão pedimos que todos deixem seus problemas pessoais do lado de fora da sala? Que mantenham uma concentração firme com pensamentos harmônicos de paz? E caridade?

capítulo dezessete

Quando se sentiu mais fortalecida, foi ao bordel despedir-se da turma.

– Guria, que arraso que tu fez contigo? Parece uma defunta!

Essa reação do Gaúcho ao vê-la refletia o pensamento de todos que estavam lá. Laura emagrecera muito. Estava branca como cera e tinha perdido por completo a vivacidade, que era sua marca registrada.

Abraçou o Gaúcho, a negra Diana e algumas meninas com quem travara maior intimidade. Aquela era uma despedida definitiva. Mais uma em sua curta vida. Saiu dali sem sequer olhar para trás.

Enquanto aguardava o táxi que a levaria à Rodoviária para comprar a passagem, respirou fundo o perfume das frutas, tão característico naquele local.

No dia de sua partida, ainda de tarde, jogava conversa fora com alguns moradores do casarão, quando uma mulher moça procurou dona Graciosa.

– Oi, meu nome é Débora. Lá no Gaúcho me disseram que vai vagar um quarto. Graciosa concordou com a cabeça. – Se é assim, ele já é meu a partir de agora. Ah! ia me esquecendo: é por pouco tempo...

Graciosa acompanhou Laura à Rodoviária. Foi uma despedida emocionada, as duas se abraçaram fortemente e choraram como se soubessem que dificilmente se veriam outra vez. Exatamente às dez para as onze, o ônibus estacionou. Laura foi a última a subir. Deixava para trás boa parte de sua vida naquela plataforma.

Ao lado dela, como que formando um cordão de isolamento, várias entidades comandadas por Dalmo, protegiam-na de uma turba de espíritos, antigos companheiros, que gostariam de acompanhá-la. As irmãs protetoras se acomodaram ao seu lado e, aproveitando o momento de emoção que era vivenciado, reforçaram seus pedidos por Laura.

Dessa vez, a bagagem era maior. Além de mochila, levava duas malas com roupas, sapatos e uns poucos pertences pessoais.

A bagagem emocional, ao contrário, caberia toda dentro de um envelope. Sentia-se vazia, oca. Nunca tivera sensação semelhante. O ônibus lentamente ia avançando pelas ruas estreitas e, quem sabe, pela última vez naquela vida, ela as estaria observando, sempre as mesmas prostitutas que faziam ponto nas imediações da Rodoviária.

Sentiu um nó na garganta. Precisava muito chorar, mas não conseguia. Acomodou-se melhor na poltrona, e antigas recordações começaram a assaltar sua mente. Durante a viagem, teria tempo suficiente para fazer uma retrospectiva de sua vida até então. Nem se deu conta de como foi rápida sua viagem de volta à sua terra natal.

No horário previsto, o ônibus ocupou o lugar na plataforma a ele destinado e, dessa vez, Laura foi a primeira a descer. Queria deixar tudo para trás o mais

rápido possível, romper laços com o passado recente e aquele ônibus e a Estação Rodoviária, de certa forma, representavam o seu eterno ir e vir, sempre a reencontrar com uma realidade que ela queria tirar da cabeça.

Tomou um táxi e logo estava em casa.

Desta vez não levava presentes. A única coisa que permanecia tal e qual era o café quentinho, reconfortante, feito na hora, como um aceno de boas vindas.

– Minha filha – exclamou a mãe ao vê-la – como você está passada! Como é que você se deixou ficar deste jeito?

– Mãe, tô cansadíssima da viagem. Vou tomar um bom banho e ver se consigo dormir um pouco. Depois a gente conversa bastante. Dito e feito. Quando acordou, pelas três horas da tarde, a mãe já tinha almoçado há muito.

– Quer comer alguma coisa, filha?

– Agora não, mãe; estou sem apetite.

Tiraram o resto do dia para conversar. Laura, então, contou para a mãe tudo o que tinha passado. Não dissera nada antes para não preocupar a família. Nem com a irmã falara. Destacou o carinho com que fora cuidada por dona Graciosa, para ela uma segunda mãe; comentário que gerou uma pontinha de ciúme na mãe verdadeira.

Mais à noitinha a irmã chegou do trabalho, e as três juntas puderam colocar em dia toda a conversa atrasada. Recolheram-se tarde.

No dia seguinte, cedo ainda, Lídia levantou-se para ir trabalhar. A mãe também, para preparar o café da manhã. Laura, por sua vez, dormia a sono solto. Acordou com a movimentação, deu uma espiada e voltou a dormir. Precisava, e muito, refazer-se. Sua saúde estava em estado precário; sentia-se enfraquecida, sem ânimo para nada. Precisava urgente passar por consulta médica.

Sabendo que Laura havia chegado, uma de suas tias foi visitá-la. Quando a viu, teceu quase o mesmo comentário que sua mãe fez ao vê-la. Entre um cafezinho e uma fatia de bolo de fubá, Laura externou a preocupação em arrumar emprego.

– Agora que vou ficar por aqui, preciso trabalhar; amanhã vou falar de novo com dona Zilá e ver se tem alguma coisa pra mim lá na escolinha. Tia, se você souber de alguma coisa, me fala. Não vai esquecer. Ah, outra coisa: a senhora sabe de algum Centro Espírita bom aqui por perto?

Nessa hora sua mãe gelou.

– Você perdeu o juízo, filha? Vai se juntar a essa gente da macumba?

– Não, mãe. Não tem nada de macumba. Eu sei bem o que faço. Viu tia, vê pra mim, ta?

A tia concordou e ficou de trazer uma resposta no dia seguinte. A mãe estava

inconformada com a postura da filha. Não foi na Igreja Evangélica que ela se curou e por duas vezes? Porque então não voltar lá? Tentaria convencê-la por todas as formas.

À noite, quando Lídia chegou, a primeira coisa que a mãe fez foi se queixar de Laura.

– Mãe, a Laura já é bem grandinha e sabe o que é melhor para ela. Portanto, fim de papo. Não se fala mais nisso.

Os dias passavam, e Laura se recuperava lentamente, apesar de todo cuidado e dedicação de sua mãe. O dinheiro que restava no banco agora era pouco e, assim, resolveu ir ao encontro de dona Zilá. A recepção como sempre foi bastante afetiva.

– Pois é, dona Zilá, como já havia falado com a senhora, estou de volta a minha casa e, agora, espero que em definitivo. Queria saber se tem como eu trabalhar aqui na escolinha.

– Atualmente, não – respondeu com voz pausada – mas para breve, certamente terá, pois estamos com uma jovem que engravidou e logo deixará de trabalhar. Se até lá você não tiver conseguido nada, me daria prazer tê-la conosco outra vez. Eu mantereí contato.

Despediram-se. Seria mentira dizer que ela não ficou frustrada, mas, diante das circunstâncias, era levantar a cabeça e seguir em frente.

Aproveitou o tempo que restava do dia, indo até ao Posto de Saúde para agendar uma consulta com doutor Lourenço. Dessa vez, foi marcada para dali a dez dias. “Se fosse algo grave, certamente estaria morta antes de consultar-me” – pensou.

Quando chegou a casa, a tia já a esperava.

– Rueira você, hein! – brincou – consegui o endereço do Centro para você. Não é muito longe, porém não dá para ir a pé. Depois te explico a condução que tem de pegar. E o emprego, conseguiu alguma coisa?

– Não, tia. Dona Zilá ainda deu uma esperança, mas em dois outros lugares que fui, nem isso. Disseram que eu não tinha o perfil para o emprego, e olhe que era pra balconista!

– Veja, não sei até que ponto vai a necessidade de você trabalhar. É que andei falando aqui e ali e, se te interessar, tem uns lugares para você fazer faxina. Depende de você. É casa de gente de família boa para quem até eu já trabalhei.

Embora ainda combalida pela anemia, topou na hora.

– É comigo mesmo, tia, me dá o endereço que amanhã vou lá.

– Calma, menina. Não é assim, deixa que eu falo com a patroa e te aviso quando é para ir.

Laura sentiu alegria quase infantil. Ia poder ganhar seu dinheiro outra vez, de forma bem diferente do que ganhara. Começava já a fazer planos, quando foi chamada à realidade pela voz da mãe:

– O jantar está pronto.

Durante o jantar, a mãe iniciou uma ladainha contra o Espiritismo. Tinha ido ao Pastor da Igreja saber de que forma tiraria da cabeça da filha a idéia de ir ao Centro.

– Basta, mamãe, chega por hoje. Tenha paciência, a senhora não enxerga que a Laura já está cheia de problemas? Tem mais é que ajudá-la a resolver e não ficar criando mais. Lídia falou forte e fez com que a mãe se calasse, não sem antes asseverar:

– Depois, não diz que sua mãe não avisou.

A fixidez dos hábitos daquela cidade, quando comparados à agitação da cidade onde ela morou, era grande. O agito em que esteve envolvida durante os últimos anos perdia espaço para sua nova rotina. Notou que tinha mudado até o modo de se espreguiçar. Quando acordava, era mais lento, cadenciado: primeiro uma perna, a outra, um braço, o outro e, por fim, tudo em conjunto, como se tentasse encostar mãos e pés nas paredes contrapostas do quarto.

Nos dias que antecederam à consulta médica, esteve em vários locais à procura de emprego, conseguindo nada mais que promessas. Estava conformada em iniciar o trabalho pelas faxinas que a tia estava arrumando, pois, desde que se entendera por gente, trabalhara.

Fosse onde ou de que maneira fosse, sempre ganhara seu dinheiro sem onerar a família. Agora, não ia ser diferente.

No dia da consulta, foi sozinha. Chegou ao posto com o dia clareando e, por volta das nove horas, foi encaminhada à sala do doutor.

– Então, Laura? Já de volta? Vamos, me fale o que te aconteceu.

– É, doutor; eu não posso dizer que segui à risca o que o senhor me recomendou depois da última vez que estive aqui. Meu tipo de vida, os compromissos não deixaram.

Narrou a violenta hemorragia que a vitimou, a internação e o tratamento a que se submeteu. O médico ouvia circunspeto; uma sobrancelha mais alta que a outra denotava sua preocupação.

– Vamos para a mesa fazer o exame.

A enfermeira ajudou-a a vestir um avental e acomodou-a em posição ginecológica.

Terminado o exame, vestiu-se e foi ter com o doutor.

– Não chega a ser preocupante o seu estado, mas preste atenção: requer certos cuidados rotineiros. Vou te receitar uma pomada e uma fórmula para tomar uma vez por dia – e passou para o talão de receituário as prescrições.

– A vida sexual como é que vai?

Laura esboçou um sorriso amarelo.

– Isso não existe há algum tempo, estou até me esquecendo como se faz – ironizou.

– É bom que continue assim, mesmo. Muito bem, então...

Laura já ia levantando.

– Calminha aí, moça, ainda não terminamos.

– Enfermeira: vá ao arquivo e traga os envelopes com os exames de Dona Laura.

Só então ela lembrou que, da última vez, colhera material para os exames de HIV e hepatites e, na correria, não voltara para pegar os resultados.

O pouco mais de um minuto que a enfermeira demorou a voltar com o envelope

e depositá-lo sobre a mesa do médico, pareceu uma eternidade.

O doutor estendeu para ela o envelope e perguntou se ela gostaria de abri-lo.

– Não, não. Prefiro que o senhor mesmo o faça.

Mecanicamente, pegou um estilete e abriu o envelope.

– Hum, hum... vejamos o que temos aqui. Colocou os óculos e, ainda com o papel suspenso entre as mãos, olhou-a por cima do aro fixando-a e disse:

– É, você tem sorte. Tudo negativo; eu te conheço desde criança e, só por isso, vou dizer o que lhe digo: aproveite esta oportunidade que está recebendo da vida e mude-a.

– É o que estou tentando, o impedimento de saúde que tenho está me empurrando para procurar outro tipo de vida. Tem sido muito difícil, inclusive se o senhor souber de algum trabalho, por favor, me diga.

– Certamente. Levantou-se, deu-lhe um abraço fraterno e acompanhou-a até a porta do consultório.

Tinha muita sorte em não ter contraído nada mais grave, pois a quantidade de parceiros tinha sido incrivelmente grande e menor não foram os seus descuidos.

A notícia tinha sido revigorante para seu espírito, sentia-se fortalecida. Viesse o que viesse, estaria preparada para encarar.

Aproveitou o tempo que tinha antes do almoço para passar na farmácia e aviar as receitas.

Foi atendida pelo filho do dono da farmácia, um rapagão de seus trinta e poucos anos.

Após ler a receita da fórmula prescrita e não tendo entendido a letra, chamou o pai para traduzir. Um homem de jaleco branco aproximou-se e, tomando o papel das mãos do filho, começou a ler. Acabando, levantou os olhos para Laura e, por um instante seu olhar ficou parado nela.

Entregou a receita ao filho, dando instruções, e pediu que Laura passasse na farmácia em três dias para retirar o remédio. A pomada levaria na hora. Resolveu deixar tudo pago e, pegando o talão de cheques, perguntou quanto dera o total. A quantia a surpreendeu, fez o cheque e voltou caminhando para casa. Embora o dia estivesse bonito, no horizonte, nuvens carregadas, negras, podiam ser vistas.

Quase chegando a casa, apressou o passo, tentando fugir da chuva que começava a cair. Inutilmente.

A chuva desabou forte e, enquanto corria, seus cabelos longos balançavam ao ritmo de suas passadas ligeiras, espalhando os pingos de chuva como se não quisessem ser molhados.

Era um espetáculo bonito ver aquela moça cheia de vida correr sob a intensa chuva. Finalmente chegou, molhada da cabeça aos pés.

– Mãe, você está aí?

– É você, Laura? Respondeu da cozinha.

Ao ver a filha, foi correndo buscar uma toalha.

– Tira logo essa roupa e vai pro chuveiro quente, enquanto eu fervero um copo de leite com canela para esquentar o peito.

Após o banho, voltou à cozinha enrolada em um cobertor grosso. Sobre a mesa, uma caneca de cerâmica grossa expelia o odor característico da canela junto à fumaça do leite fumegante.

Encolhida e enrolada no cobertor, sorvendo a pequenos goles o leite da caneca fumegante, era observada pela mãe, que, nesse instante, mais com os olhos do coração, viu nela a criança desprotegida com olhar súplice de carinho. Não se contiveram e, abraçando-se, choraram juntas.

Mais tarde, entre um espirro e outro, colocou uma camisola de algodão quentinha, enfiou-se na cama sob o edredon, acomodou-se recostada aos travesseiros e pegou seu único livro de cabeceira, o “Evangelho Segundo o Espiritismo”, que ganhara de dona Graciosa um dia antes da partida.

Abriu o livro aleatoriamente e começou a ler. Aos poucos, as letras começaram a embaralhar, e ela foi perdendo a consciência. Um sono gostoso estava se apoderando dela e, por mais que desejasse manter os olhos abertos e continuar a leitura, não dava conta e ainda pode ouvir a mãe aconselhando-a.

– Laura...filha...toma uma aspirina, tá me ouvindo?

A mão afrouxou, e o livro tombou suavemente ao lado dela. Caiu em sono profundo.

A manifestação de amor materno e afeto tinham aberto um canal para maior aproximação de irmãos socorristas.

O assédio dos companheiros de Laura, em contrapartida, estava sendo intensificado. Não se conformavam em estar perdendo uma companheira de seu quilate. Ela própria, em desdobramento, ainda era atraída para atmosferas pesadas onde imperava a viciação sexual, mantendo-se em grave desequilíbrio no campo genésico.

Membros da equipe de Dalmo, que a acompanhavam constantemente, nessas horas tinham que se afastar, deixando-a com as companhias que ela própria escolhera. Mas não podiam se queixar – devagar iam fazendo algum progresso. O processo de harmonização dela no meio da família, e as trocas afetuosas no lar, ajudavam a criar ambiente propício para promover o afastamento daquelas infelizes criaturas que a vampirizavam e, ao mesmo tempo por ela eram vampirizados, em perfeita simbiose. O espírito de Laura, em si, pouco tinha progredido e só o que a estava afastando da prostituição era a sua condição física; não fosse isso, estaria no bordel do Gaúcho ou outro lugar mais decaído,

fazendo o que gostava. Já tinha se tornado um vício, uma obsessão. No seu caso, obsessores e a obsessa se fundiam. Não dava para determinar até onde ia a influência deles e onde começava a vontade dela!

Aquele dia, em particular, houve lances interessantes no mundo espiritual que merecem ser relatados.

Assim que caiu em sono profundo, foi arrebatada por irmãos socorristas da falange de Dalmo, entre eles Amanda e Clarisse.

Os seus cuidadores, pertencentes à Ordem, ficaram atônitos com a rapidez da ação; nada puderam fazer diante do fato.

O espírito de Laura, semiconsciente, foi levado para um centro especializado em distúrbios do sexo e lá submetido a tratamento magnético, impossível de ser ministrado no plano terreno.

Há dias vinha sendo submetida a vibrações sugestivas de amor, na tentativa de “quebrar” a armadura de vibrações pesadas que a envolviam. A manifestação daquela tarde entre ela e a mãe facilitou as coisas, tornando possível encaminhá-la para aquele tratamento.

Como em um sonho, ela via ao seu lado mulheres e homens que impunham as mãos sobre seu corpo deitado em descanso sobre uma espécie de maca. Luzes difusas nas mais variadas tonalidades pareciam emanar da palma das mãos daquelas pessoas. Ouvia o que falavam entre si, sem conseguir identificar o que queriam dizer. Era um modo de falar muito rápido. Impotente para tomar qualquer iniciativa, deixou-se abandonar e começou a curtir a boa sensação que

estava sentindo.

Acabado o procedimento, as entidades se afastaram e, aos poucos, Laura foi recobrando parte de sua lucidez. Sua última recordação era a de estar ainda deitada, tendo à direita e à esquerda duas moças, jovens como ela, cada uma segurando uma de suas mãos. Ambas sorriam e, instantaneamente, Laura sentiu-se atraída por grande simpatia por aquelas que pareciam ser amigas de longa data. Não era bem assim, mas poderia sê-lo no futuro. Cerrou os olhos e, quase que imediatamente, recobrou o controle do corpo físico, acordando em sua cama; olhou o relógio no criado mudo, já eram cinco horas da tarde.

Levantou-se e foi à cozinha beber um copo de água. Abriu a torneirinha do filtro e saboreou a água fresquinha com o sabor característico do barro.

– Já estava preocupada, você não é de dormir tanto assim à tarde. Tá resfriada?

– Não, mãe, tô, não, foi preguiça mesmo, justificou.

Do sonho, recordava com clareza apenas os rostos das moças, seus nomes, não.

Com a chegada da noite, depois do jantar, os maus pensamentos começaram a se insinuar na mente de Laura, como acontecia toda noite. Só que, dessa vez, vinham débeis como se aquela ideia fixa sobre sexo e os ambientes depravados que frequentava estivessem diminuindo de intensidade.

Antes de apagar a luz do abajur, ainda leu algumas páginas do “Evangelho”,

tendo retomado a leitura no exato ponto em que fora interrompida pelo inexplicável sono que a acometera.

Naquela noite, sua alma, depois de liberta da cadeia do corpo físico, não saiu à procura do prazer e manteve-se em casa e nos arredores, sem vontade de se afastar do corpo que dormia.

capítulo dezoito

No primeiro dia que Laura foi ao Centro, o fez em companhia da tia Hilda. Deixou em casa uma verdadeira revolução montada; a mãe não se conformava:

– Por tudo que tem de mais sagrado no mundo, desista já de ir pra essa macumba. O demônio está com você, volte para Jesus enquanto é tempo, minha filha.

As palavras eram ditas em alto som, acompanhadas por largos gestos com as mãos espalmadas para o alto. Em sua defesa, Laura tinha a tia e a irmã:

– Péra lá, mãe; isso já é exagero.

– Deixa, deixa – disse, dirigindo-se à irmã. Vamos logo, tia, senão a gente perde a condução.

Saíram ligeirinho de casa e, já na calçada, ainda ouviam os lamentos de dona Antônia.

O Centro Espírita Esperança estava localizado em uma rua de pouco movimento, em um bairro comercial. Durante o dia, a movimentação era grande. As ruas em seu entorno trocavam a agitação do dia pela tranquilidade da noite.

Instalado em uma casa acanhada, tinha a identificá-lo uma placa pouco iluminada.

Um grupo de pessoas conversava, aguardando a hora de entrar, quando Hilda e Laura se aproximaram.

– E aí, Hilda, há tempos não vem nos visitar. Que surpresa agradável!

– Quem é viva sempre aparece – respondeu e, em seguida, apresentou: essa é a minha sobrinha.

– Não é a filha da Antônia?

– Ela mesma.

O senhor que se dirigia a ela era Durval, homem já avançado em anos.

Laura sentiu logo a diferença entre o Centro que estivera e aquele. Alí começava a sentir-se em casa, entre amigos, embora os tivesse conhecido naquele momento.

Mais uns minutos e o grupo se desfez, ingressando na casa. Laura e a tia entraram no recinto das palestras e se acomodaram. Deviam caber ali umas

oitenta pessoas sentadas e, mesmo antes dos trabalhos serem iniciados, já havia pessoas em pé, no fundo da sala.

Talvez por ser mais acanhado que o outro centro é que transmitisse aconchego e intimidade fraterna aos seus trabalhadores. Podia-se dizer que ali se encontrava uma família espiritual. A palestrista daquela noite era Leny.

Integrava o grupo de trabalhos desde quase a fundação do Centro. Subiu ao estrado, cumprimentou os presentes e, antes da prece de início dos trabalhos, fez os avisos de praxe:

– Oi, pessoal. Vamos ter a promoção de um chá bazar para daqui a um mês. Quem quiser colaborar pode pegar os convites na secretaria depois da reunião. Precisamos também da doação de alimentos não perecíveis para as cestas básicas que distribuimos.

O centro mantinha uma creche com crianças de zero a sete anos, umas trinta, que mantinha em regime de semi-internato e, embora contasse com as subvenções recebidas dos poderes públicos, com as mensalidades de associados, lutava com muita dificuldade para fazer frente às despesas.

Leny fez a prece inicial rogando a proteção para os trabalhos daquela noite e, tomando às mãos o “Evangelho” abriu-o na página da parábola da mulher adúltera.

Começou a discorrer sobre o tema e, enquanto trazia elucidação para os ouvintes, formas e pensamentos se sucediam diante dela, projetadas sobre uma etérea tela, como um monitor de TV. Mostrava cenas da parábola nas quais o

Mestre Jesus exortava o povo a “atirar a primeira pedra aquele que estivesse livre de pecado”. Na sua clarividência, podia ver a fúria e a ignorância estampada no rosto de cada um dos membros da turba que desejava sangue inocente derramado. A frustração após as palavras do Mestre enquanto cabisbaixos e vencidos se dispersavam, soltando das mãos assassinas as pedras com que iriam punir a mulher adúltera. “Como o mundo mudara tão pouco nos últimos dois milênios” – pensava Laura.

Tudo inspirava e iluminava a narrativa. Na tela, fixou-se o rosto da pecadora que, com olhar cândido de profundo agradecimento, fitava Jesus. Ele, com a mão sobre sua cabeça, perguntava:

– Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?

– Não, Senhor.

– Também eu não te condeno. Vai e, no futuro, não peques mais.

Encerrada a leitura do “Evangelho”, foram encaminhados para a sala de passes. Antes de deixarem o centro, várias rodas se formavam, nas quais os frequentadores trocavam ideias sobre a palestra da noite.

Laura e a tia foram juntas até o ponto do ônibus, comentando sobre a noite que tiveram. Laura mostrava-se bem impressionada com o pessoal que trabalhava lá e, em especial, sentiu simpatia pela palestrista Leny.

Acertou com a tia de voltarem na semana seguinte. Despediram-se, pois cada uma ia pegar rumo diverso. Laura foi a primeira a ir-se. Voltando para casa, olhava pela janela do coletivo a favela que não parava de se alongar à margem da estrada que levava ao bairro onde morava. Imaginava os dramas que deviam se desenrolar em cada um daqueles barracos paupérrimos e, então, agradeceu a Deus a condição que podia manter e, por um instante, desprezou tudo que fizera até então, na busca desenfreada do dinheiro. Iria vencer. Virar aquela página de sua vida.

Chegou a casa e, para sua surpresa, a mãe ainda estava acordada em frente à TV.

– O que aconteceu, mãe? Tá com insônia?

A resposta foi um resmungo curto e bastante mal humorado. Viu que a mãe não estava para conversas e, por outro lado, precisava descansar, pois logo cedo iria a um apartamento para fazer faxina: a primeira que a tia conseguira.

Foi à cozinha, amornou uma caneca de leite e bebeu. Sentiu-se reconfortada, vestiu uma camisola de algodão barato e foi deitar-se na cama de casal que dividia com a mãe; mal fechou os olhos, adormeceu.

Lentamente, seu espírito começou a se livrar de laços que o mantinham jungido à matéria, ficando ligado apenas por tênue fio prateado. Percebeu-se em pé ao lado do corpo adormecido e, lúcida, começou a encaminhar-se para fora da modesta habitação. A noite negra de breu deixava apenas transparecer silhuetas de árvores que entrecortavam o horizonte, mas sob a visão espiritual de Laura o cenário que se descortinava era outro.

Um extenso gramado com plátanos espalhados por toda a sua extensão oferecia abrigo a quem o desejasse. Pontilhavam jardins de flores exóticas, rodeados de bancos e caramanchões.

Ao seu encontro vinham três mulheres, sendo duas bastante jovens e a terceira já com cabelos grisalhos; as jovens conversavam alegremente uns passos à frente de Maria Angélica, que trazia seriedade na expressão. Clarice e Amanda abraçaram-na e beijaram-na.

– Você está ótima – disse Clarisse.

Laura esboçou tímido sorriso.

– Tenho me sentido melhor e mais fortalecida.

Maria Angélica tomou-a pela mão, e, caminhando juntas, foram sentar-se sob um dos caramanchões carregado de flores que emitiam um olor de menta, despreendendo pequenas emanações magnéticas que se esvaeciam ao tocar o seu corpo.

Isso era parte importante do tratamento a que ela se expunha para seu reequilíbrio. As emissões a que ela se expunha atuavam sobre seu perispírito, trazendo o benefício necessário para que aos poucos se operasse uma catarse. Era um processo lento que dependia em grande parte da vontade dela própria em abandonar determinados hábitos, arraigados há muito tempo. Aparentemente, vinha se saindo satisfatoriamente.

Finda a terapia, conduziram-se a uma praça com banquetas dispostas em semicírculo.

Espíritos encarnados e desencarnados, aparentando todas as idades, ombreavam-se e, só o que os distinguiu era o fio de prata que alguns traziam junto ao corpo etéreo, denunciando assim sua condição de encarnados em desdobramento, enquanto seus corpos materiais descansavam.

Ela se acomodou e, em poucos minutos, surgiu a figura de uma benfeitora, trajando uma túnica alva de giz, que apresentava tênue luz vinda da área de seu coração. A instrutora tinha sob sua responsabilidade os que não estavam preparados o suficiente para fazer parte do grupo.

Em pé, em meio aos irmãos e irmãs, deu início à palestra, cujo tema seria o sexo como construção do amor.

Todos os que faziam parte daquela assembléia sabiam bem porque estavam ali, e as palavras da instrutora tocavam fundo. Em maior ou menor grau tinham se afundado nas areias movediças do sexo irresponsável, da sensualidade barata. Estavam tendo ali, talvez, a última oportunidade em muitos anos para iniciarem um processo de regeneração.

O mal que haviam produzido a si mesmos e a terceiros estava plantado em suas organizações perispirituais, como tumores a aguardar o combustível da lascívia e da concupiscência para se desenvolver.

Terminada a palestra, Amanda e Clarisse juntaram-se a Laura.

– Está na hora de voltar, nós te acompanhamos.

Às cinco horas da madrugada já estava em pé e não recordava absolutamente nada do que se passara durante seu sono. Tomou um banho revigorante e bebeu um café quase frio que ficara na térmica.

Era só animação e, antes das sete, já estava no endereço que a tia havia lhe dado. Apresentou-se ao porteiro do condomínio, que pediu a ela para aguardar enquanto comunicava sua chegada. Enquanto aguardava, observava a altura das torres que compunham o conjunto de prédios. Entrou e caminhou até o elevador de serviço por uma vereda ajardinada que passava por uma grande piscina, vazia àquele horário.

Pensou com certa ironia nos tempos em que entrava em prédios até mais elegantes que aquele pela porta da frente, para prestar outros tipos de serviços.

Foi recebida por uma mulher ainda moça, que dava a impressão de ser a governanta. Indicou onde encontraria apetrechos e produtos de limpeza e determinou por onde iniciar a faxina. A área privativa só poderia ser limpa mais tarde depois que o casal e os filhos tivessem se levantado.

Com vigor e determinação, como em tudo que fazia, colocou mãos a obra.

Fora o intervalo para o almoço, só parou às sete da noite. Tomou banho no banheiro dos empregados, que, por sinal, era muito melhor do que o de sua casa. Recebeu não só o combinado pela faxina, mas também o aviso para retornar na

outra semana. A patroa tinha gostado do trabalho dela.

Desse seu primeiro trabalho surgiu a indicação para um outro e mais outro apartamento e, quando se deu conta, tinha trabalho quase todos os dias.

Trabalhava muito e, embora com a saúde debilitada, parecia que o trabalho dava tempero para que enfrentasse o desgaste.

Suas hemorragias não haviam cessado por completo, e ela precisava dar continuidade ao tratamento. Tendo voltado ao doutor Lourenço, recebeu das mãos dele nova receita com a fórmula que tomava, para aviar na farmácia.

– Aqui está – disse, estendendo-lhe a receita – você deve tomar por mais trinta dias e, certamente suas hemorragias cessarão de uma vez por todas. Qualquer mudança em seu quadro não deixe de me procurar.

– Mas doutor, não tem um remédio genérico ou algum semelhante que possa substituir essa fórmula? O preço é muito alto para mim.

– Infelizmente, no seu caso, não. Fique sabendo que vale o sacrifício.

Resignada, pegou a receita da mão que a estendia e foi embora. Não ia passar imediatamente na farmácia. Ia aproveitar o resto do dia para “vagabundear” em casa. E ela bem que merecia.

No final da tarde, colocou uma roupa arejada e foi até a farmácia. Quem a atendeu foi o mesmo moço da outra vez que lá estivera.

– Você por aqui? O que vai desta vez?

Laura notou que ele tentava tratá-la como se fossem velhos conhecidos. Estranhou. Pegou o papel da receita e entregou. Ele leu com os olhos de entendido e disse:

– Para trinta dias? É, isso não vai sair barato, não.

Encaminhou-se até a ponta do balcão, fez alguns cálculos e retornou, mostrando o total para ela.

– Tudo isso? – disse Laura assustada – Não, não tenho dinheiro para pagar agora, devolve a receita, que não vou fazer por enquanto.

Ele pegou na mão de Laura que, estendida, esperava a receita de volta, dizendo:

– Não, não, digo eu. A gente dá um jeito!

Laura gelou. Quantas e quantas vezes já tinha ouvido aquilo. O olhar dele direto no seu, não deixando nenhuma dúvida do que viria depois.

– Olha, daqui a três dias fica pronto. Você vem pegar comigo. A farmácia costuma fechar as oito e sou eu que fecho. Você vem lá pelas nove, que aí eu já vou estar sozinho e então a gente acerta tudo.

Laura ouviu numa boa. Nenhum sentimento de revolta, raiva; nada de reação. O fato a remetia de volta a um mundo do qual estava tentando se distanciar.

– Ei? O que você tem? – disse, sacudindo a mão dela ao vê-la estática, pálida.

– É que você me assusta, falando desse jeito. Não vê que não estou bem?

Soltando sua mão da dela, um sorriso cínico se estampou em seu rosto.

– Que indignação toda é essa? Você, melhor do que qualquer mulher, sabe como satisfazer a um homem, afinal, é uma profissional. Sei bem de onde você veio.

Diante de tal situação, ficou passiva. Palavras não mais eram capazes de ofendê-la; já estava acostumada àquele tipo de coisa e, ademais, precisava muito do remédio. Procurando não ser rude e fechar uma porta atrás de si, baixou o olhar e retirou-se da farmácia, deixando a receita com ele.

Aquilo era como se ela estivesse selando um acordo, aceitando as condições impostas.

No retorno a sua casa, uma sucessão de pensamentos e imagens iam se

projetando em sua mente, como em um filme. À época em que mercadejara o corpo, existia uma ética entre suas iguais, frequentadores e quem trabalhava por lá. O meio em que sua personalidade se consolidou era sórdido, mas as pessoas se respeitavam e sabiam medir limites. Conviviam prostitutas, traficantes, alcoólatras, drogados, ladrões e toda gama de desviados morais.

Tudo muito normal, ético – na ética delas – desde que pago de acordo com o grau de dificuldade exigido. Falta de ética é o cara contratar um programa e não pagar, roubar um cliente de outra garota baixando o preço do programa, pequenos furtos a clientes bêbados. De onde ela tentava regressar era um outro mundo, e estava difícil se readaptar ao dia.

Laura estava querendo muito apagar da vida o “dou para que me dê”, que usara até bem pouco tempo. Quanta falta fazia a dinheirama que faturara nos primeiros anos na vida. Aquilo, sim, é que era poder, a ética do dinheiro que tudo pode comprar, até a consciência.

Logo agora que as coisas pareciam estar se encaminhando, surgia aquele fato para desestabilizá-la. Lembrou do que ouvira em recente palestra no Centro:

– Sempre que estiver em dificuldade, peça ajuda ao seu protetor espiritual, que ele estará ao seu lado.

Assim fez e, antes de chegar a casa, já estava de ânimo novo, com a cabeça mais centrada para solucionar seu problema. Sua atitude permitiu uma maior aproximação das irmãs que sempre estavam a acompanhá-la, frustrando, ainda que em parte, o incansável trabalho de enleamento que prepostos da Ordem estavam querendo estabelecer entre ela e o jovem da farmácia.

Entre elas, comentavam como, por vezes, as pessoas, sem terem o menor conhecimento, são usadas por espíritos para servirem a propósitos baixos. O exemplo claro estava ali, o trabalho de envolvimento em torno daquele rapaz desavisado.

O dia marcado para ir à farmácia buscar seu remédio começou mal. Acordou mal humorada e, por incrível que pareça, quase perde a hora da condução. Chegou atrasada para a faxina. Não bastasse isso, ao descer do ônibus, teve uma pequena torção no pé, que a incomodaria pelo resto do dia.

Nos dias anteriores, nem pensara no problema de ir buscar o remédio, mas hoje teria que resolver. Na pior das hipóteses, iria lá às nove da noite e se submeteria aos caprichos do rapaz e levaria seu remédio para casa. Nada que um bom banho não desse jeito.

Um outro lado seu dizia para que resistisse. Depois de meses de sacrifício sem se prostituir, isso seria uma derrota para ela, pois, afinal, queria ou não mudar de vida?

Um primeiro passo no sentido errado a levaria a outros. Disso não tinha dúvida – a experiência que vivenciara já lhe ensinara bem a lição.

Acabou seu trabalho naquele dia um pouco mais cedo e, já no ponto do ônibus, sua atenção foi chamada para um carro que buzina e alguém lá dentro chamava por seu nome:

– Laura, Laura... – era dona Zilá, que fazia sinal para que ela entrasse no carro.

Cerrou os olhos e só então viu quem a chamava; foi até o carro e debruçou-se na janela.

– Sobe Laura, vamos... anda, que te dou uma carona pra casa.

Laura agradeceu e subiu. Havia um tempão que não andava de carro.

– Então, menina? Já arrumou trabalho?

– Não é como eu queria, mas era o que tinha. Tô fazendo faxina – respondeu, sem constrangimento.

Dona Zilá ficou surpresa com o que ouviu.

– Faxina? Você precisa de coisa melhor – falou e olhou para Laura, reparando que ela tinha lágrimas nos olhos.

– O que está acontecendo? Abra seu coração, confie em mim! É coisa de namorado?

Laura deu um sorriso breve.

– Não, não. Estou numa encruzilhada e não sei bem como agir – e passou a narrar o que estava se passando.

A cada novo lance que ouvia, a indignação da senhora crescia.

– Chega – disse, diminuindo a velocidade do seu velho fusca – Vou fazer o retorno e vamos agora mesmo desbancar esse cafajeste junto ao pai. O Durval é muito amigo meu.

– Pelo amor de Deus, não. Esse tipo de coisa, quanto mais mexe mais fede.

Zilá acabou cedendo aos apelos de Laura, mas, mesmo assim, rumou para a farmácia. Estacionou bem em frente, desceu e foi até o balcão.

– Valzinho, seu pai está aí?

– Não, senhora, dona Zilá. Ele não volta mais hoje, posso servir a senhora?

– Pode. Vai me buscar o remédio que a Laura encomendou e ia ficar pronto hoje.

Valzinho perdeu toda a segurança que aparentava. Olhou por cima dos ombros da mulher e, na janela do fusca, olhando fixamente, estava Laura.

Sumiu para dentro e voltou com o remédio em sua mão.

Dona Zilá pegou o embrulho, a nota fiscal e sacando da bolsa um talão de cheques, pagou. Sem se despedir, deu-lhe as costas e voltou para o carro. Valzinho tinha certeza agora que sua atitude imprudente iria chegar aos ouvidos de seu pai, como realmente chegou.

– Ufa!... essa foi por muito pouco – era Amanda que estava falando.

Desde o dia em que fora à farmácia, Laura vinha contando com o apoio contínuo de Clarisse e de Amanda. Não tinha sido fácil estabelecer contato com dona Zilá, em desdobramento, para que fosse peça importante na operação que ambas estavam coordenando, na tentativa de evitar que Laura entrasse novamente em queda. Dalmo e seus socorristas já tinham investido muitos recursos e iriam fazer de tudo para não permitir que tudo fosse posto a perder.

De uma coisa, porém, estavam certos: Laura ainda não se encontrava forte para se desvencilhar sozinha das tentações da matéria. Já tinha progredido bastante, mas não o suficiente. Tinha ainda um longo caminho a percorrer.

A ideia de colocar Zilá no caminho foi de Amanda:

– E se a gente fizer contato com aquela senhora para nos ajudar? Afinal, ela tem muita afeição por Laura.

Para a alegria de todos, o plano tinha sido um sucesso. Quem não estava nada

contente e temendo ser punido era Átila, que gastara energia e tempo para bolar e realizar as aproximações.

Na primeira oportunidade que teve, Zilá conversou com Durval, narrando-lhe o que havia ocorrido entre seu filho e Laura. Homem de bem e de moral elevada, ficou passado pela atitude do filho, mas as coisas tomaram maiores dimensões para ele quando Zilá contou sobre a vida de Laura e o esforço que ela estava empregando para sua mudança interior. Indignou-se.

– Não me lembro de tê-la visto na farmácia, mas tenho vaga ideia de tê-la visto no Centro.

Sentiu-se tocado pela história daquela moça e, em seu pensamento, começou a se instalar a ideia de ajudá-la. Fosse por intuição espiritual ou por sentir-se de certa forma responsável pela atitude do filho, queria compensá-la de alguma forma.

– Pode deixar, Zilá; vou chamar a atenção do Valzinho. Agiu mal sabendo da situação em que essa moça se encontra.

Dessa forma, pelas linhas aparentemente tortas, estava se estabelecendo um contato. Durval tomara conhecimento da existência de Laura.

O incidente com Valzinho não seria o único. Embora um pouco judiada, Laura permanecia uma mulher bonita. Agora que estava mais magra, suas curvas não se destacavam tanto, mas continuava a chamar a atenção de homens e mulheres pelo seu porte. Transpirava sexualidade mesmo sem querer, era seu carisma.

O que outrora a servia bem, agora era motivo para problemas. Era constantemente assediada onde fosse. Ela ia resistindo como podia. O que mais a incomodava eram as cantadas feitas, mesmo que raramente, com feitiço de chantagem velada, do tipo:

– Sei que você era garota de programa, por que tanta frescura? Abre o preço.

Nunca respondia. Engolia em seco a mágoa, não queria se expor e piorar as coisas para seu lado. Em compensação, gostava quando era notada e assediada de maneira gentil, bem humorada. Nesses momentos, sentia-se mais mulher, valorizada. Uma mulher pronta para namorar, casar, constituir uma família. Seria possível uma Laura sem passado maculado? Será que aquilo nunca teria um fim?

Certa ocasião, foi fazer faxina em uma casa. Chegou cedo como de costume, tomou um cafezinho e deu início ao seu trabalho. Do nada, sentiu-se agarrada com força pelas costas:

– Você pode ganhar muito mais que essa faxina se vier comigo agora.

Era o dono da casa, que aproveitava a ausência da mulher e não deixava dúvida do que queria.

– Vamos lá, eu sei do que você é capaz. Sei de onde você vem... aproveite para ganhar o teu, que não tem ninguém em casa.

O sangue subiu-lhe pelas faces; deu-lhe uma cotovelada na barriga, o que o fez

afrouxar o abraço, conseguindo se desvencilhar e correr.

– Volta aqui, vagabunda. Vem fazer o que você sabe... – gritava furioso.

Pegou como pôde a mochila, largando a faxina pelo meio e foi embora. Se não tivesse se desvencilhado, certamente seria estuprada. Chorou o caminho todo de volta pra casa. Homem era tudo igual, pensou.

– Aconteceu alguma coisa, filha?

– Nada não mãe. Tô um pouco resfriada – falou, na intenção de disfarçar os olhos vermelhos e o rosto inchado de tanto chorar.

Mas o pior ainda estava por vir. O marido rejeitado e com receio que Laura o denuncia-se à mulher, durante a noite comentou sobre o fato de a faxineira ter ido embora antes do término do trabalho.

– É, muito cuidado com quem a ‘senhora’ põe dentro de casa. Essa talzinha que te deixou na mão hoje, não é boa bisca não. O zelador falou que até garota de programa ela foi. Bem que eu notei que ela me olhava com olhar estranho.

Foi o que bastou para a novidade se espalhar e ela perder algumas faxinas que fazia. Fatos assim, colocavam-na à prova. Os obsessores, destacados pela Ordem, que estavam constantemente ao seu lado, procuravam provocar todo tipo de situação constrangedora, enfraquecendo sua vontade de se recuperar. Havia meses que nem olhava para homem. Na fase de vida em que se encontrava sentia

nojo de si mesma, sentia-se suja.

Tinha dias em que mal saía de debaixo do chuveiro, como querendo trocar de pele. Tirar a sensação de ter sido tocada por tantos homens diferentes. Pobre espírito que se iludira, hoje pagava um preço alto, tentando se reabilitar.

Pelo menos uma vez por semana ia ao Centro. Sua tia já não a acompanhava com frequência. Laura fizera novas amizades e sentia-se aceita naquele grupo, passo importante para sua reintegração social.

Suas protetoras estavam satisfeitas com o rumo que sua vida tomava e o pessoal de Dalmo, atento, não deixava de tê-la sob rédea curta.

Em certa ocasião, ao chegar ao Centro, foi chamada por Leny.

– Ei, Laura, a Alda telefonou avisando que teve um contratempo e não pôde vir. Você não quer ficar na recepção para encaminhar as consultas?

A proposta fez com que sentisse um frio na espinha.

– Mas eu não sei o que fazer.

– É fácil. Senta lá na entrada que eu já vou te explicar.

E, assim, teve a oportunidade de começar a desenvolver sua primeira tarefa no Centro. Com o passar do tempo, demonstrava responsabilidade e dedicação nas tarefas que lhe eram apresentadas, o que gerava sempre novos desafios para cumprir.

Entre uma pequena tarefa e outra, começava a se integrar mais no ambiente do Centro. O que era para ter sido um tratamento à base de passes magnéticos semanais tornou-se um saudável hábito.

Findo o tratamento, ela continuou a frequência semanal. Ouvia o “Evangelho”, tomava o passe e retornava para casa sentindo-se bem. Nesses dias, saía direto de onde estivesse trabalhando e, às vezes, tinha de tomar duas conduções para ir à reunião.

Leny, reparando na assiduidade de Laura, mesmo depois de terminado o tratamento, foi conversar com ela.

– Estou gostando de ver. Você não perde uma reunião.

– É, terça-feira para mim é um dia sagrado. Saio de manhã já pensando no que vou ouvir à noite, na palestra.

– Se você está tão interessada, seria bom pensar em frequentar as aulas preparatórias para médiuns. É super interessante e estou certa de que você iria gostar.

– Para o futuro, quem sabe? Agora estou muito apurada, e minha saúde não anda lá essas coisas. Ainda me canso muito.

A experiente Leny sentiu a boa vontade que havia na moça, o que já era um grande passo e, assim, pediu a Laura que a aguardasse.

– Me dá um minutinho que já volto – e encaminhou-se para a biblioteca, voltando com um exemplar do “Livro dos Espíritos” na mão. Toma, leva pra casa e vai lendo quando puder.

– Brigadão – disse, manuseando o livro.

Começou a lê-lo naquela mesma noite, ainda no ônibus quando regressava para casa.

Não se passou muito tempo e Laura, ao final dos trabalhos, foi ter com Leny.

– Leny, é sobre o curso para médiuns que você me falou. Estive pensando e acho que está mesmo na hora de começar a estudar. Você tinha razão.

Nesse instante, o olhar de Leny brilhou.

– Que bom ouvir isso, bom mesmo. É só uma vez por semana, às quartas-feiras, e melhor ainda, é que vamos iniciar um grupo mês que vem. Posso então contar com você?

– Com certeza – falou Laura.

O trabalho que o grupo de Dalmo desenvolvia com Laura e tantos outros irmãos que passavam por dificuldades era compensado quando viam a melhora e novas possibilidades de esclarecimento entre eles.

As companhias de Laura, em desdobramento, começavam a mudar. Antigos companheiros, que durante tanto tempo estiveram em perfeita simbiose, não se conformavam ao vê-la partir para outros caminhos. Por mais que insistissem, não estavam conseguindo dissuadi-la de seus propósitos. Suas protetoras não se cansavam de agradecer ao grupo socorrista de Dalmo, que viera em seu auxílio na hora certa. Sem eles, certamente a batalha por Laura, estaria perdida.

Com o início do curso de médiuns, Laura passou a ir ao Centro às terças e quartas-feiras. Estava feliz. Aprendia com facilidade e seus professores viam nela capacidades a serem desenvolvidas.

– Devemos prestar atenção nessa moça, pois vejo nela possibilidades a serem exploradas. Aliás, peço a você, Marly, que, como diretora de espiritualização, avalie a moça, pois acho que já se encontra apta para trabalhar na sala de passes – falou Leny.

Durval, que presidia o grupo, concordou de pronto. Lembrou-se do nome: Laura. A mesma que tivera problemas com seu filho. É... Zilá tinha bom olho clínico para avaliar as pessoas e não era à toa que sempre que estava com ele insistia para que ajudasse aquela moça que passava por profunda reforma moral. Intuído por seus mentores, naquele instante, pensou em chamá-la para conversar. Quem sabe poderia fazer algo por ela?

Ao final da descontraída reunião, fizeram uma prece de encerramento, agradecendo aos mentores da casa o bom andamento dos trabalhos. Antes de irem embora, Durval chamou Leny de lado:

– Também tenho procurado observar essa moça. Verdade é que quem tem pedido por ela é a Zilá. Ela se interessa muito pela garota. Vou falar com a Nair para passá-la pela triagem e confirmar se está apta para trabalhar com o grupo de passes. Vai ser muito bom, ela precisa se firmar. Pelo que sei, a vida dela passa por transformações. Teve grave queda moral e está lutando para se recuperar.

– Disso eu também sei!

– Ela necessita não só de nossa ajuda espiritual. Não sei se o senhor sabe, mas atualmente faz faxinas para sobreviver dignamente e, com a saúde abalada como está, não vai muito longe.

capítulo dezenove

– Que é que tá pensando, mano?

– Seguinte: precisamos fazer alguma coisa maior, arrumar uma grana gorda. Tava pensando em fazer um assalto, descolar umas máquinas, breçar um “buzão no cano”.

– Peraí “m’ermão”. Isso é parada grande.

– Por isso mesmo. Vamos marcar pra falar com o “Velho”.

O Velho era um marginal com pinta de gente fina. Sempre muito bem trajado, barba escanhoadada, era uma espécie de consultor do crime. Vez por outra, contratava um dos meninos para arrombamento, serviço menor, só para não perder o hábito. Sabia das coisas.

Tiziu foi encontrá-lo para falar de suas pretensões, orientarse. Encontrou-o no balcão de um bar.

– Boa decisão de me procurar, mas tu não acha que tá muito mirrado pra saí detonando uma máquina por aí? Essas coisas não são assim rápidas, tem que planejar tudinho. Que que tu tá querendo fazer? – disse, medindo Tiziu.

Tiziu discorreu sobre seu plano em assaltar um ônibus.

– Não vale o aluguel das máquinas. Ônibus dá micharia. Pensa em outra coisa e depois me procura.

Criando coragem retrucou:

– Não é bem assim. O circular, antes de recolher, pega, lá no ponto final da cidade, o fiscal da linha que tá com a grana toda do dia.

– Isso é grupo, moleque. Como é que tu sabe disso e eu não?

Olhou para o Alemão que tava do lado dele e voltou a olhar para o Velho.

– A Tati, sabe, aquela menina que anda com a gente? Faz programa com o fiscal. Ele é que, um dia, bebum, deu o serviço pra ela. Garantido.

A Tati era irmã do Alemão e tinha doze anos de idade. Uma vez, no quarto do cortiço em que Tati ia transar com o “coroa”, ele abriu o zíper de uma pasta que tava cheia de dinheiro. Deu uma nota de dez pra ela que, curiosa, perguntou que grana louca era aquela. Ele, bebum, deu o serviço todo, talvez pra se sentir importante.

– Traz a mina aqui pra me bater esse serviço. Deu as costas pros meninos e, dirigindo-se ao balconista, ordenou: desce mais uma ‘breja’ gelada, a mais gelada!

Pensava se aquilo não era serviço pra gente mais especializada. Tinha gostado dos meninos, principalmente do “negrinho”, decidido, confiante..., ia estudar o caso e quem sabe financiar a operação. Se fosse como eles tinham falado ia render uma boa grana.

Antes do fim do dia, mandou localizar Tiziu para tratarem de fechar o negócio. Em tempo, ia ser procurado por alguém e levado ao “mocó” onde ficavam as armas, coincidentemente, na favela onde ele morara até pouco tempo.

A boca das armas era localizada estrategicamente num barraco em um ponto alto.

Durante a tarde do dia seguinte, Tiziu mandou Alemão e mais um garoto fazerem contato com o gerente da boca para acertar dia e horário para o encontro. Só um voltou com a resposta. Alemão ficou por lá mesmo, perambulando com instruções de aguardar a chegada de Jaqueline e comunicar que seu irmão iria encontrá-la no dia em que fosse à favela.

Lá pelas sete da noite, Jaqueline desceu do ônibus no ponto próximo à favela e ia caminhando despreocupadamente para casa, quando foi abordada.

– Moça...

A princípio, nem olhou para o lado, achando que não era com ela.

– Moça, moça – agora insistentemente chamada, o rapaz tocou em seu braço.

Ela tomou um grande susto.

– Que é isso? – disse, afastando-se para o lado, quase tropeçando nas próprias pernas – O que você quer? – falou, encarando o rapaz.

O susto dela assustou Alemão, que tinha instruções precisas para passar para ela. Ele era bem apessoado, alto para a idade que aparentava ter, pele muito clara. O olhar era meigo, o que a tranquilizou.

– Tenho um recado para te dar, do teu irmão.

Jaqueline gelou. Um misto de satisfação e preocupação tomou conta de seus sentimentos.

– Vai, fala logo.

– Seguinte... ele mandou avisar que na quinta-feira, daqui a dois dias, vem aqui no pedaço e quer te ver. Então você marca um lugar e a gente se encontra. Depois eu te levo onde ele vai estar. Tem que ser depois das onze da noite.

Ela avaliou a situação; ia ter que dar um jeito de sair tão tarde de casa. Pelo pai, sem problema, nessa hora já teria caído de bêbado. O problema era a mãe. Ai se ela desconfiasse que haveria um encontro entre eles. Ia querer ir junto para desferrar a humilhação que o filho a fizera e ainda fazia passar. O rosto marcado pelas queimaduras e o cabelo que em algumas partes nunca mais iria nascer.

Pensou um pouco e falou:

– Tudo bem. Quinta, lá pelas onze, a gente se encontra perto do Posto de Saúde. Ali é mais seguro para mim, tem um vigia. Você sabe onde fica?

– Sei, conheço bem a área. Já aprontei algumas por aqui.

Embora tivesse falado aquilo, ela não se lembrava dele por aqueles lados. Queria mais é se mostrar, coisa de moleque. Já ia se virando para ir embora quando ela perguntou.

– E seu nome?

– Nome mesmo eu não tenho, mas todo mundo me chama de Alemão.

Virou e sumiu na primeira esquina, sem deixar rastro.

Chegou à casa agitadíssima, mal conseguindo esconder seu ânimo.

– Chegou mais tarde por quê? Tá encontrando homem pela rua?

Jaqueline fez que não ouviu e não respondeu à provocação da mãe. Os comentários constantes a respeito de homens a revoltavam. Pela mãe, estaria se prostituindo, arrumando dinheiro na rua. Por mais incrível que possa parecer, morando em um lugar onde a frequência de estupros era alta e o sexo sem impedimentos morais, ela permanecia virgem.

Era uma moça do seu tempo, não ignorava o que se passava no mundo com os jovens, mas possuía sentimentos mais elevados que a maioria deles. Não aprovava o sexo pelo sexo para ter felicidade e isso até lhe custara um namoradinho de quem gostava muito...

Pegou um biscoito, um copo de leite e sentou-se no surrado sofá ao lado da mãe para assistir à novela. Por mais que tentasse se concentrar naquilo a que assistia, só uma ideia tomava conta de seus pensamentos: o encontro de quinta-feira.

Naquela noite, mal conseguiu conciliar o sono. Noite seguinte, idem.

Na quinta, chegou ao trabalho com os olhos fundos, o que não passou despercebido pela patroa.

– Menina, o que você tem? Tá muito caidinha. Senta aqui comigo e me conta o que está acontecendo.

Concordou. Sentou ao lado de dona Leda e, confiante, narrou o que estava ocorrendo; a ansiedade é que não a estava deixando dormir. Estava muito tensa, aguardando o encontro que iria ter naquela noite com o irmão, e o pior, não havia pensado em nada para dizer à mãe caso fosse flagrada saindo ou chegando a casa naquele horário.

Com calma, a patroa aconselhou-a a ter certos cuidados durante o encontro. Sabia da afeição que ela nutria pelo irmão e o tempo que eles não se encontravam. Não fosse por esse motivo e teria desaconselhado o tal encontro.

– Cautela, minha filha, muita cautela.

Jaqueline concordou com a cabeça. O dia no trabalho transcorreu normalmente.

Chegou a casa e cumpriu a mesma rotina de sempre. Pelas tantas, chegou o pai bastante tonto, encostou a cabeça no sofá e ferrou no sono.

Jandira estava eufórica. Pois não é que uma vizinha a presenteara com um garrafão de vinho?! Ela e o marido não bebiam e resolveram passar a prenda para os vizinhos beberrões.

Aquilo tinha caído do céu, no pensamento de Jandira. No de Jaqueline, também.

Sentadas lado a lado no sofá, ela ouvia os comentários da mãe acerca da novela e com tudo concordava. Da euforia e do tom de voz alto começou a passar para uma voz pastosa, em tom mais baixo, agora quase gutural, até que a cabeça

pendeu para o lado e as falas cessaram. Estava anestesiada, apagada profundamente e ainda eram nove e trinta.

Quando acabou a novela, sacudiu a mãe uma, duas vezes, não obtendo sinal. As coisas estavam saindo melhor do que se ela própria tivesse planejado. Esperou mais um pouco e levantou devagarzinho, indo vestir sua melhor roupa. Deu uma ajeitada nos cabelos crespos e, cautelosamente, saiu de casa.

Na boca já esperavam Tiziu e um de seus comparsas. Alemão, que viera junto, foi direto ao local marcado para o encontro com Jaqueline.

Depois de muita manobra de despiste, chegou à boca.

– E aí, mano, tá limpo?

– Total. Viemos desviando de tudo, só nas “quebrada”.

O gerente da boca era um cara de uns trinta anos. Pela idade, um sobrevivente daquele ramo de negócios em que se morre tão cedo. Da sua turma de início de carreira no crime só sobrara ele. Tinha estado na FEBEM ainda menino, mais tarde, regime fechado. Era um fugitivo.

Ouvira falar dos meninos, e não era à toa que eles estivessem ali na sua frente. Espantou-se com o porte físico do Tiziu: mirrado, puxando a perna. O tipo por quem ninguém dá nada, mas, olhando em seus olhos, a impressão foi outra. Neles havia um quê de ruindade, maldade. Era um olhar difícil de ser sustentado.

– E aí, mano? Qué que tu vai querer pra ação? É coisa pesada?

– Negócio médio. Um buzão. Vamo agir em quatro, duas máquinas tá bom.

Pedro deslocou umas tábuas do chão do barraco e de um fundo falso surgiram as armas.

Os olhos do Tiziu brilharam. Ali tinha de tudo, uma verdadeira Disneylândia: todos os brinquedos estavam ao alcance de suas mãos. Fuzis, submetralhadoras e até as “pinhas” – granadas, no jargão deles.

– Arma leve, mano. Que que tu tem aí?

Pedro apresentou uma automática nove milímetros.

– Aí, mano, essa já derrubou até tira - disse, exibindo a arma e fazendo malabarismo com ela – ela é boa pra tu. Já usou uma dessa antes?

Tiziu respondeu negativamente.

– É facinho, tu pega logo a manha.

– Essa vai.

– Que mais que tu precisa? Que tal um três oitão pro teu mano?

Apresentou duas armas mais antigas.

– Esse aqui com o número raspado foi ‘guentado’ de um PM. Já era – e soltou uma gargalhada.

– É esse, então. Vamo de automática e o três oitão. O preço do aluguel e a comissão no assalto já tinham ficado acertados com o “Velho”. Negócio fechado, mandou o companheiro com as armas de volta para o galpão que ocupavam na periferia da cidade e tomou rumo contrário. Caminhava lentamente para o encontro com a irmã.

Ia como uma sombra. A noite negra como ele disfarçava sua presença. Ouvia-se apenas um “toc” quando a ponta de sua muleta tocava alguma coisa sólida encravada no chão de terra das vielas por onde se conduzia.

Estava atrasado. Quando viu a irmã, seus olhos perderam a expressão de malignidade e se encheram de lágrimas.

– Vaza daqui, Alemão! – Não queria e nem podia demonstrar fraqueza ou sentimento diante de um comandado. Foi chegando mais perto; como Jaqueline estava bonita. Abraçaram-se.

Era um raro momento de ternura para aqueles dois espíritos em pesados resgates. Um momento único para que seus mentores espirituais pudessem tentar uma maior aproximação. Com relação a Jaqueline, não havia maiores dificuldades, mas, no caso de Franklin, era bem diferente. À sua volta não só espíritos afins em baixíssimas vibrações, como também guardiões da Ordem tornavam quase que impossível a aproximação de irmãos socorristas.

Franklin quase que sumiu no meio do abraço da irmã. Afastou-o de si, segurando-o pelos ombros e olhou-o de cima a baixo, avaliando.

– Você não está nada mal, está bem vestido, legal. Mas me conte: já resolveu voltar pra casa comigo? Eu convenço a mamãe.

Ainda mantendo a expressão doce nos olhos e um sorriso amarelo nos lábios, confidenciou a impossibilidade de retornar a casa fosse agora ou algum outro dia.

– Nesses meses tudo mudou. Minha vida agora é outra” – e pela primeira vez narrou para a irmã como era sua vida na rua, como se fizera respeitado no meio dos marginais. Omitiu que havia matado de modo cruel um cara, pouco mais velho do que ele próprio, sabendo que isso iria causar muito sofrimento a ela.

Jaqueline também queria falar, sobre ela mesma, sobre sua vida e já começava, quando surgiu o Alemão:

– Vão bora rápido que vai sujá.

Num abraço rápido falou à irmã:

– Volto logo pra te procurar.

E lá se foram Alemão e Tiziu se esgueirando entre as vielas que o emaranhado de barracos formava, sabe-se lá para onde.

Ao longe, soava a sirene de uma viatura da polícia. Pelo jeito, procuravam alguma coisa pelas redondezas.

Quando Jaqueline chegou a casa tudo estava como deixara. A mãe, largada sobre o sofá com a TV ainda ligada, e o pai, na cama. O ambiente recendia a álcool e fumo. Olhou o relógio sobre o aparador: quase uma da manhã. Estava feliz, contente por ter estado com o irmão, porém ficara preocupada após ouvir o irmão falando a respeito do modo de vida que levava nas ruas.

Como aquilo fora acontecer? Franklin nunca tivera má índole; ou será que ela, gostando como gostava dele, é que não notara? Tinha lá seus rancores, suas vingancinhas contra os colegas que escarneciam de seu aleijão, mas parava por aí.

Tirando o dia em que despejara sobre a cabeça da mãe a sopa fervente, não se podia falar nada sobre ele.

capítulo vinte

O dia da “operação” finalmente tinha chegado. Tudo fora planejado minuciosamente. Naquele dia, ninguém ia para o cruzamento arrumar um trocadinho, pelo menos os envolvidos diretamente.

Acordaram mais tarde que o habitual e deram dinheiro para Tati ir buscar uma quentinha pra forrar o estômago. Tiziu, de pouca conversa, já pensava no que fazer com a grana: assim que baixasse a poeira, iria procurar a irmã, dar algum pra ela comprar umas coisinhas.

Com a hora da ação se aproximando, começaram a ficar tensos. Uma pequena discussão por motivo fútil entre Alemão e Fininho fez com que Tiziu tivesse que tomar uma atitude enérgica para que as coisas não desandassem e a ordem se restabelecesse. A pressão era muito grande.

Nessas horas que antecederam ao assalto, foi várias vezes a um canto do galpão onde se abrigavam pegar um pó branco de um vidrinho de remédio. Arrumava meticulosamente em uma carreirinha e cheirava o pó. Presente do “velho”.

– Se tiver fraquejando, dá uma cheiradinha, que a coragem volta.

Bom conselho, aquele; aquilo é que era bom, não aquela cola vagabunda que cheiravam. Antes de saírem, sentia-se meio que dono do mundo, sua autoconfiança não tinha limites, tava com tudo.

– Alemão, Tati, Fininho... chega mais.

Sentaram-se em círculo e repassaram tim-tim por tim-tim, todos os detalhes da operação. Fez uma carreira generosa do pó para cada um deles, como um brinde ao sucesso.

Tiziu e Alemão saíram antes, pois só iriam subir no ônibus no ponto próximo à favela. Teriam que matar um pouco de tempo até perto das dez horas da noite, quando o ônibus deveria passar.

Tati e Fininho saíram depois, com as armas escondidas na mochila dela e pegariam o ônibus mais no começo da linha. Serviriam também de olheiros para o caso de algum policial ou suspeito de ser segurança da empresa estar por perto.

Assalto feito, já tinham o plano de fuga pronto. Escolheram o ponto perto da favela, porque naquele local era mais fácil de se esconder; tinham contatos e proteção. Se a coisa engrossasse, podiam ainda ganhar a densa mata que se estendia por trás dela.

Pouco depois das dez, os faróis do ônibus surgiram, apontando depois de uma curva. Tiziu identificou-o, e seu coração foi a mil. No ponto, junto a eles, um casal de meia idade aguardava a mesma condução.

O coletivo vinha com meia lotação devido ao horário; gente que saía mais tarde do trabalho, gente que ficava bebericando, esperando a hora do “rush” passar e tinham naquela linha a última chance de voltar para casa.

O casal fez sinal com a mão, e o ônibus parou junto da calçada. Segundo o combinado, puderam ver Tati sentada no primeiro banco, logo atrás dela, estava Fininho. Sinal de que tudo estava bem. Subiram. Alemão, depois Tiziu.

– Precisa de ajuda? Perguntou o motorista, notando certa dificuldade do garoto para subir os degraus do ônibus.

Olhou fixo nos olhos do motorista e nada respondeu.

Segundos depois, com a automática na mão, quem iria precisar de ajuda era o motorista.

Alemão encostou o cano do trinta e oito na nuca dele e, trêmulo, repetia:

– Num olha pra mim... Num olha pra mim.

O ônibus rodou mais alguns metros e parou.

Tiziu se aproximou do cobrador e anunciou o assalto:

– Num vacila e num se mexe, tiozinho, que nós só queremos a grana... todo mundo quieto, manero.

Esquadrinhou com olhar atento o interior do ônibus e nem sinal do fiscal. Ficou furioso.

– Tati, tu não falou que hoje era dia dele? Pô.

O fiscal costuma viajar nos últimos bancos. O que teria acontecido? Caguetagem? Só de pensar ficou mais irado.

Com o cano da automática enfiado dentro da boca do cobrador e totalmente fora de controle, berrava com a voz mal modulada.

– Cadê o fiscal? E olhava para aquele homem apavorado. Balançava a arma, fazendo com que a cabeça do pobre coitado oscilasse violentamente de um lado para outro.

Quando teve o cano da arma retirado da boca, o sangue escorria por conta de alguns dentes quebrados. Branco como cera e com as mãos espalmadas para o alto, com dificuldade, conseguiu balbuciar:

– Ele hoje recolheu na outra linha.

– Tudo planejado, certinho e o cara esticou pra outro lado – falou Tiziu.

Olhou para os parceiros que, atônitos, não sabiam o que fazer e restabeleceu a ordem:

– Vamo pegá o que der. Isso não vai ficar barato.

Alemão ainda mantinha o motorista sob a mira; não era a primeira vez que se via constrangido por uma arma. Ele, como o cobrador, tinham instruções de entregar valores e tentar manter a integridade dos passageiros que, naquele horário, não eram tantos. O que o estava deixando mais apreensivo era o evidente estado de consciência alterada em que os pivetes se encontravam. Inexperientes, estavam desequilibrados, e aí é que mora o perigo.

Agressivo e chapado de pó, dava coronhadas nos passageiros. Ele e Fininho iam arrecadando dinheiro, celular, relógio e passando pra Tati, que colocava tudo em sua mochila.

Foram chegando ao final do corredor e, onde supostamente deveria estar o fiscal, havia uma moça sentada.

Laura estava totalmente absorta em seus pensamentos e nem percebeu quando os meninos entraram no ônibus. Ia descer no próximo ponto.

Mal cabia em si de alegria. Não é que após assistir à aula do curso que frequentava Leny a chamara!

– Laura, venha cá um pouquinho; queremos falar com você – e fazia sinal para

ela entrar em uma sala onde já estavam o senhor Durval e dona Margarida, diretora da creche.

Foi Durval quem falou:

– Eu estava conversando dia desses com a Margarida, e ela me falou da necessidade de uma monitora a mais na creche. A Zilá já tinha me falado que você trabalhou na escolinha dela, tem experiência e jeito pras crianças. Então, estou convidando você para trabalhar na creche.

Laura, tomada de surpresa, sentiu os joelhos amolecerem. Era bom demais para ser verdade. Ficou estática.

– Laura... Laura... vamos menina... o que você diz?

– O que eu digo? Digo que é a melhor coisa que escuto nos últimos tempos! É lógico que quero trabalhar com as crianças. Quando começo?

– Ontem?

Não era só ela que estava feliz. Clarisse, que a estava acompanhando, também ficou feliz e não via a hora de poder contar a Amanda; afinal, iam as três estar reunidas mais tarde, quando Laura estivesse adormecida, em estação próxima, onde periodicamente Laura ia se submeter a tratamento.

Sentada em seu banco, radiante, já fazia planos para o futuro. Sentia-se revigorada só em pensar que o serviço estafante das faxinas estava chegando ao fim. Sentia-se esgotada com o esforço a que se submetia. Estava cansada.

Voltar a estar com as crianças ia ser gratificante; pensou nos tempos da escola de dona Zilá e se emocionou. Aquilo era como renascer. Pela primeira vez na vida pensou em ter sua própria família. Quem sabe! Casa, marido, filhos e... estudar, isso! No futuro, cursar uma faculdade. Nada é impossível quando realmente se quer.

Estava ansiosa por chegar a casa e contar a novidade para a mãe. Se ela já estivesse dormindo, iria acordá-la; afinal, era por uma “boa causa”.

– A bolsa, a bolsa... – gritou Tiziu, trazendo-a de volta de seus pensamentos e, instintivamente, começou a levantar os braços na intenção de se desvencilhar da bolsa e entregá-la ao pequeno marginal.

Isso foi o bastante para Tiziu se desequilibrar. Nunca se saberá o que passou por sua cabeça naquele momento. O certo é que, juntando as mãos na arma que portava, sem pensar duas vezes, acionou o gatilho.

Um barulho ensurdecedor ecoou pelo interior do ônibus e uma fumaça branca com forte odor de pólvora impregnou o ambiente. Tiro certo. Na testa. Quase entre os olhos de Laura surgiu um pequeno orifício ovalado. Instantaneamente, o sangue começou a jorrar pelo ferimento, a cabeça lançada para trás com violência e depois o corpo todo tombado para o lado, indo cair no corredor do coletivo.

– Sujô, sujô... vamo vazá – gritou um deles.

Aos trambolhões, uns por cima dos outros, todos queriam deixar o ônibus, fossem passageiros ou do bando.

Tiziu continuava parado com a arma na mão. Tudo para ele estava passando como um filme em câmera lenta. Sentia um prazer indescritível, aquilo era a obra de sua vida. Continuava ali parado com uma expressão idiota no rosto. Intercalava o olhar entre a arma e aquele corpo muito branco caído ali aos seus pés, a mancha de sangue crescendo, alimentada pela forte hemorragia que partia da cabeça de Laura. Ali a vida física se extinguiu por completo.

Ficou assim até perceber que o líquido grosso e pegajoso começou a ilhar seus pés, manchando seu tênis de marca. Só aí voltou a si e praguejou pelo tênis sujo.

Diante do trauma, o espírito de Laura separou-se violentamente do corpo, sendo amparado por entidades socorristas, que imediatamente iniciaram o processo de desligamento que a uniam ao corpo físico.

Embora em profunda inconsciência, seu espírito registrava todo o trauma por que estava passando. Após muito trabalho, as últimas ligações iam sendo desfeitas, determinando naqueles instantes a separação definitiva do corpo que por anos o servira. Laura teve então um sobressalto, como se estivesse sendo desligada de uma corrente elétrica que a animara até então e caiu em um estado de total abandono de percepções. Estava acabado.

Ao seu lado, as duas entidades que sempre estiveram com ela: sua tia Júlia e Jacinta, a dedicada mucama que a servira à época em que era a sinhazinha do

Engenho da Estrela. Oravam fervorosamente, agradecendo a Jesus o benefício que estavam recebendo em poder estar ao lado de Laura ajudando no seu resgate.

Dalmo, à frente de pequena embaixada, estava conformado com o rumo que as coisas haviam tomado. Ele e seu grupo conseguiram ganhar aquela batalha. Conseguiram que Laura, dado aos progressos que vinha fazendo no campo moral, fosse resgatada por correntes especializadas que a encaminhariam para alguma colônia hospitalar no espaço.

Seu refazimento certamente seria longo, o tempo suficiente para que seu espírito descansasse, e as feridas que trazia abertas no campo das emoções pudessem cicatrizar. Quanto tempo levaria? Ninguém poderia responder a essa pergunta.

Frente a frente, olhos nos olhos, Dalmo e Valdez se encaravam. Valdez, com posição tomada atrás de Tiziu, não queria crer naquilo a que estava assistindo. Sem poder interferir dada a solenidade que irmãos socorristas traziam ao momento, sentia-se impotente. Espírito de escol que era, sabia não adiantar qualquer tentativa de reação ali. Reconhecia quando perdia.

Nos últimos tempos, pressentia estar perdendo Laura. A mudança que se operava nela, lenta, mas solidamente, fazia com que fosse deixando as pesadas vibrações por outras menos carregadas, que a tornavam mais leve. Não fosse isso e naquele momento quem estaria tomando posse do espírito seria ele, a Ordem.

O olhar desafiador que lançava a Dalmo queria dizer:

– Perdemos essa batalha, mas a guerra está sendo ganha. Para cada Laura perdida, temos centenas de Tizius vindo para ajudar a restabelecer a justiça, a

nossa justiça.

Ao longe, já se ouvia o som de uma sirene e barulho de pneus ferindo o asfalto.

Tiziu continuava dentro do ônibus absorto, perdido em si mesmo. Só ele e aquele corpo exangue, caído aos seus pés. Um silêncio sepulcral se fazia.

Do lado de fora, ninguém perto do ônibus, nem seus comparsas; todos tinham fugido sem entender a atitude do parceiro.

– Pô, meu! Ele “detonou-lhe” a cabeça na maior!

Primeiro uma, depois mais duas patrulhas se posicionaram perto do ônibus.

Movidos pela curiosidade, sem saberem o risco que corriam, alguns passageiros se aproximavam, sentindo-se seguros pela chegada da Polícia Militar. Outros, alertados pelo barulho, vinham da favela para ver o que estava acontecendo. Os homens, empunhando pesado armamento, cercaram o local. Foram informados de que se tratava de um menor, dadas suas características físicas.

– Ele tá com uma refém ferida!

A essa altura, ninguém do lado de fora poderia afirmar que a vítima do assalto estava morta.

Em pouco tempo, uma pequena multidão se formou. Tiziu agora estava sentado e continuava olhando o corpo de Laura. Em um laivo de consciência pensou: “Por que fiz isso?” Arrependimento não tinha e sentia agora até certa pena daquela moça bonita estendida sem vida aos seus pés.

– Joga a arma pela janela e desce com as mãos para cima! – gritava o tenente, chefe da operação.

Tinham que ser rápidos. Talvez ainda pudessem salvar a moça. O resgate já estava lá aguardando.

Um atirador de elite já se posicionava na porta de entrada do ônibus enquanto outros lhe davam cobertura, prontos para invadir. Um último aviso:

– Joga a arma pela janela e desce com as mãos pra cima!

Só agora ouviu o ultimato, voltando à realidade. Gelou, sentiu medo.

Não lembrava de quando, mas aquela sensação não lhe era estranha.

Levantou como pôde, se escorando na lateral do banco e, com todos os sentidos excitados, pressentiu alguém atrás dele. Virou-se o mais rápido possível, mas já era tarde. A rajada veio na barriga. Juntando toda força que o ódio pode concentrar, com a arma apertada entre as duas mãos ainda conseguiu disparar acertando o teto do ônibus.

Não sentia dor. Abriu as mãos mirradas e deixou a arma cair. O PM o mantinha sob a mira da submetralhadora. Sabia que o serviço ali tinha acabado. Tiziu deulhe as costas para uma última vez olhar o corpo da moça morta, mas... estranho! Não era ela que estava ali... suas roupas eram diferentes, seu cabelo, seu rosto, então! Mesmo assim ele a conhecia, sabia que sim! Num momento lembrou-se: Mariana sim, sim... era a sinhazinha Mariana... e ele, o que fazia naquele corpo raquítico, negro... gritou, então, em total desespero.

– Eu sou o Julião... eu sou o Julião...

Uma nuvem densa tisonada envolveu seu espírito, arrebatando-o enquanto o corpo tombava sobre o de Laura. Seus rostos se tocaram, seus troncos estavam juntos como em um último abraço macabro.

– Aqui acabou – gritou o PM – Tá limpo.

Rapidamente, o pessoal do resgate entrou em cena, mas não havia mais vida a ser salva.

No meio daquela multidão que cercava o ônibus, as pessoas comentavam:

– Pegaram o trombadinha!

Aquilo bastou para que Jaqueline tivesse certeza de que seu irmão estava dentro do ônibus, ferido. Seu coração dizia que só podia ser ele.

Em desespero, desembestou pelo meio do povo, chutando, dando cotoveladas, procurando abrir caminho a qualquer custo. No seu desvario, gritava:

– Me deixa passar... é meu irmão que tá lá dentro... preciso salvá-lo.

Chegou próximo da porta do coletivo e sentiu um braço vigoroso em torno do seu pescoço em uma “gravata” que a sufocava. Por um instante, pensou que ia desfalecer.

– Se manda daqui sua... não vem tumultuar, está atrapalhando, pô.

Quando o braço afrouxou, conseguiu puxar um pouco de ar, mas tossia e não conseguia falar. A falta de ar tinha feito com que caísse de joelhos diante do PM que a imobilizara. Isso foi o bastante para que a pequena multidão fechasse um cerco em torno do policial, hostilizando-o. Apavorado, levou a mão ao coldre na clara intenção de sacar a arma para se defender. Não fosse a imediata intervenção de um Tenente e a situação poderia ter fugido ao controle.

– Levanta a menina do chão – falou com autoridade.

Refeita, Jaqueline, aos prantos, disse que tinha certeza que era seu irmão que estava lá dentro e implorava permissão para vê-lo antes que o pior pudesse acontecer.

Tocado pela sinceridade que as palavras dela passavam, tomou-a pelo braço:

– Vamos entrar e acabar logo com isso.

Já no primeiro degrau, os joelhos dela fraquejaram e teve que se apoiar no Tenente para não cair. Dentro do ônibus seus olhos confirmaram o que até então era apenas uma suspeita. Com passos curtos foi se aproximando, com o coração batendo cada vez mais rápido, forte.

Parou, baixou o olhar e lá estava Franklin, não ferido, mas o que mais temia: morto.

– Não. Isto não pode estar acontecendo – gritou, levando as mãos aos cabelos como se os quisesse arrancar. Virou o rosto e abraçou-se ao PM que, embora sendo um homem acostumado a enfrentar todo tipo de situação, naquele momento foi tomado por um sentimento solidário pela dor que aquela menina expressava.

capítulo vinte e um

DOIS ANOS DEPOIS

Caminhavam por uma esplanada gramada que, à medida que se estendia, ganhava leve aclave. Ao longe, construções com formas arredondadas davam leveza àquele conjunto arquitetônico.

Era difícil visualizar o horizonte, pois o tom suave daquele céu se confundia nas variadas tonalidades do extenso gramado. Leve e constante brisa os tocava, fazendo com que os cabelos de Amanda e Patrícia se movimentassem em suaves ondas.

No ar uma música calmante penetrava a mente de quem por lá estivesse. A meio caminho dos prédios, uma fonte vertia água azulada, e seu murmúrio convidava quem por ali passasse a provar do líquido impregnado de elementos revigorantes. Em um bebedouro próximo, aves coloridas iam saciar-se.

Tudo era harmônico.

Ao encontro de Dalmo e das moças vinham Júlia e Jacinta. Juntaram-se e foram se sentar em um longo banco sob um caramanchão. Fazia algum tempo que não se viam.

– E então? – perguntou Dalmo – como é que está se saindo a nossa Laura?

– Dentro das possibilidades e, com a graça do Pai, eu diria que bem. O caminho a ser percorrido por ela é longo e doloroso. Mas, enfim...– Após breve conversa, levantaram-se e retomaram a caminhada até chegarem a um prédio grande, térreo, ingressando nele.

Todas as construções ali eram constituídas de substância branco leitosa, translúcida.

Chegaram a um balcão onde foram atendidos e credenciados para poderem entrar nas dependências propriamente ditas daquele hospital do espaço. A segurança ali era reforçada, pois não eram poucas as tentativas de resgate de irmãos internados, e toda vigilância era pouca em se tratando de um universo sutil e subjetivo como o do espírito.

Um guia apresentou-se ao grupo:

– Olá, pessoal, meu nome é Samuel e sou eu quem vai acompanhá-los até Laura. Podemos ir?

Samuel era o que se poderia chamar de um jovem passado dos setenta anos. Irradiava bondade e isso lhe valia um semblante jovial. Cabelos bastos, brancos e porte avantajado, mais parecia um menino que a natureza envelhecera por capricho.

Andando lépido a passos largos, pediu que o seguissem, e logo chegaram ao fim de um corredor, onde novamente foram identificados.

Amanda, como sempre, curiosa, quis saber porque a nova triagem.

– O lugar para onde estamos indo ao encontro de Laura é muito protegido. Os que lá estão com ela, assim como ela própria, são espíritos que, de certa forma, por interseção de bondosos mentores, foram retirados quase à força de grupos aos quais eram vinculados, ou assim eram considerados.

– Vocês devem se recordar como se deu o resgate de Laura. Se pensarmos que os prepostos da Ordem e o próprio Valdez deram esse caso por encerrado, estaremos pensando equivocadamente; não aceitam a derrota como resultado do jogo a que se propõem. Aqui, temos que tomar todas as precauções necessárias e criar barreiras de proteção, pois seus ataques psíquicos não cessam com a simples eliminação do corpo físico.

E continuou:

– Às vezes, torna-se até mais fácil enviarem pelo poder magnético do pensamento suas sugestões para os que já se encontram em nosso plano.

A explanação esclareceu a todos e reforçou em exemplo prático a importância e responsabilidade daquilo em que se pensa.

Por fim, chegaram a uma enfermaria onde repousavam irmãos em vários graus de inconsciência. Eram oito leitos separados por biombo. Um deles era ocupado por Laura. O ambiente era bastante asséptico e o ar, carregado de ozônio, era leve. Foram se aproximando da cabeceira dela e notaram que sobre a ferida

causada pelo projétil que lhe tirara a vida física ainda havia a proteção de um curativo. Como foi possível, acusou a chegada dos amigos: gemeu quase inaudível, e seu corpo teve um pequeno espasmo.

Samuel advertiu:

– Por favor, vibrem somente amor. Outros sentimentos que não os de fraternidade e amor, no estado em que ela ainda se encontra, causam-lhe desconforto.

Laura estava em estado vegetativo.

Após seu resgate, fora internada imediatamente em uma outra unidade daquele hospital do espaço, sendo difícil controlar as violentas convulsões que a achacavam. Não só o problema do trauma sofrido em região tão nobre, mas também, as vibrações perturbadoras de prepostos da Ordem. Somente à custa de muita oração e magnetismo o equilíbrio ia se restabelecendo.

Atualmente, deixada um pouco de lado pela Ordem, mas não esquecida, começava a apresentar melhora efetiva.

A desorganização perispiritual tinha sido enorme. O trauma em uma região nobre como o cérebro, centro de controle das mais elevadas funções do corpo, acarretava longo período de recuperação. Com ela não seria diferente. É certo que, em suas próximas reencarnações, traria no corpo físico os sinais próprios do tipo de lesão por ela sofrida.

O espírito é jungido à matéria, passando pelas dificuldades de comunicação com o meio exterior, mas tem consciência de existir, de se ver naquele estado. Triste.

Por vezes, várias reencarnações se fazem necessárias para que essas marcas desapareçam. Prova duríssima, porém necessária para que, durante o tempo do espírito preso à matéria, possa reavaliar atos e posturas tomados em tempos idos. Tempo de se retemperar e criar consciência com lucidez de porquê estar sob essa ou aquela provação. Por outro lado, nada se acrescentaria ao desenvolvimento do espírito, apenas revolta, se ele não estivesse apto para compreender o que ocorre com ele e à sua volta.

Essa “prisão” se faz necessária, às vezes, para que o espírito se veja impossibilitado de praticar atos que o tornariam mais devedor perante a “Economia Universal”, em que a moeda forte é o amor, seja a si mesmo, seja a seu próximo. Quantos não são os endividados que se atolaram por praticar o mal contra si próprios?

Onde por vezes nossa visão turva, distorcida, vê castigos terríveis, está a razão e o equilíbrio trazendo benefícios àquela que claudica, reequilibrando-a, preparando-a para assumir novas responsabilidades, futuros desafios.

De repente, tiveram a atenção desviada para um jovem que se debatia, precisando de auxílio imediato. Tinha a expressão distorcida denunciando as vibrações deletérias a que era submetido.

Samuel chegou junto a ele e, impondo a mão sobre sua fronte, aplicou passe tranquilizador. Devagar foi se acalmando.

– Está constantemente assim, e continuou:

– A mãe criou-o com egoísmo desde pequeno, fazendo-o crer que as coisas do mundo lhe pertenciam, inclusive as pessoas mais humildes, tudo a seu dispor, era só lançar mão para ter. O amor e o respeito ao próximo não fizeram parte de sua educação e aqui podemos ver o resultado. A mãe, por sua vez, não para de pensar nele com muita revolta, impreca contra Deus, pois não compreende como o filho foi tirado dela com tanta violência. Aconteceu em uma banal discussão no trânsito. Moço encorpado, agrediu fisicamente um senhor entrado em anos que, não suportando a humilhação, lançou mão da arma que portava em seu veículo, disparando os tiros que lhe ceifaram a vida física. Um caso típico da pessoa que antecipa o próprio fim.

Retornaram à cabeceira de Laura. Não estava ligada a nenhum aparelho de suporte, diferentemente de alguns internos daquela enfermaria. Sobre uma pequena mesa não se viam frascos com remédios, penas um solitário de cristal com um botão de rosa branco que, de certa forma, simbolizava a vida pronta para desabrochar.

Samuel explicou que, na fase de tratamento em que se encontrava, suas necessidades imediatas eram supridas através dos lençóis, imaculadamente alvos, impregnados de substâncias curativas que envolviam seu corpo e iam sendo liberadas conforme suas necessidade.

O fim da tarde se aproximava, e o momento era propício para que se juntassem à grande corrente de orações da Ave Maria. Samuel pronunciou singela homilia rogando ao Mestre pela humanidade que se arrastava em desditas e sofria, naufragada em um mar de ignorância.

À medida que a corrente era reforçada por milhares de vozes e de pensamentos

vindos de todos os pontos do orbe, as paredes da enfermaria até então de um branco leitoso tomavam cores em todos os matizes, projetando-os sobre o campo de força dos enfermos. Os biombos agora tomavam cores diferenciadas e, quase ao final das orações, uma luz de cor violeta preencheu todo o ambiente.

Lentamente foi se degradando até deixar todo o ambiente branco, soma de todas as cores e símbolo da pureza.

Silêncio e paz tomavam conta do ambiente e aos poucos a rotina foi sendo retomada.

A visita à Laura estava encerrada e outra oportunidade como aquela demoraria a acontecer, pois os compromissos de Dalmo eram muitos, suas responsabilidades, também. Mesmo à distância, ela continuaria a receber vibrações que lhe eram enviadas por aqueles irmãos que até então tinham assumido tarefa e se responsabilizado em ajudá-la a trilhar melhores caminhos.

Na hora da despedida, lançaram um último olhar para o corpo inerte que jazia sobre a cama. Não foi fácil para Amanda e Clarisse se manterem em um estado emocional neutro, pois o tempo em que estiveram ao seu lado, embora curto, tinha criado estreito vínculo entre elas.

O experiente Samuel foi quem propositadamente quebrou o encanto do momento:

– Parece que já acabamos por aqui. Então... – falou gesticulando, convidando-os a segui-lo.

Já fora do prédio, Clarisse não se conteve mais, abraçou-se a Júlia e deixou que seu sentimento extravasasse em forma de um pranto sentido. O grupo compreendeu a situação e juntando-se a ambas em um abraço, procurou trazer conforto e equilíbrio à companheira que chorava.

Despediram-se. Samuel retornou aos seus afazeres, e Júlia ficou observando o pequeno grupo se afastar, até que tudo que enxergava eram pequenas silhuetas que logo sumiram do seu campo de visão. Ficou ali parada com o olhar fixo no vazio; não pensava em absolutamente nada; sua mente estava livre, uma sensação de paz a penetrava. O final da tarde naquelas paragens convidava à reflexão.

A constante brisa a tocar-lhe o rosto como suave carícia, chamou-a de volta à realidade. Precisava regressar ao alojamento onde estava hospedada desde que Laura fora internada; estivera em sua cabeceira, vigilante, durante todo o tempo, mas sabia que os dias ao seu lado estavam se esgotando.

Procurava desempenhar-se bem desde que séculos atrás tivera compromissos assumidos com aquele espírito rebelde, decaído na sombra da baixa sensualidade.

Apesar de tudo, não tinha a consciência tranquila: cobravase por não ter feito mais.

A caminhada de ambas não acabava ali, ao contrário, iniciavam-se novas etapas. Num sincronismo espantoso, espíritos pertencentes ao grupo a que elas próprias, mais Jacinta, pertenciam, já estavam reencarnados preparando as condições ideais para os que viriam a reencarnar.

Nos dias que se seguiram, Júlia estaria em contato com irmãos Construtores, que se abrigavam em um edifício anexo ao grande complexo hospitalar que compunha aquela Estação de Fraternidade. Dariam início à elaboração do mapa reencarnatório dela. Não era tarefa simples, devido às nuances do encadeamento de tantos destinos que se interligavam, mal comparando, verdadeiros labirintos.

Após o tempo previsto, era hora de retornar à matéria. A força moral desenvolvida no propósito fraterno a que se entregara durante os anos de liberdade espiritual, autorizava-a a intervir em algumas escolhas, determinando tarefas a serem cumpridas durante o novo estágio na matéria. Aprendera muito sobre o amor e, durante essa reencarnação sistêmica, estaria lutando laboriosamente contra defeitos morais pré-existentes e aprendendo lições com os conflitos a serem enfrentados.

Em seu plano reencarnatório, solicitara receber Laura como filha natural. No tempo exato, iria submeter aos irmãos Construtores a escolha de tal missão. A afinidade que agora existia entre ambas facilitaria a ligação.

Em suas orações diárias rogava com muita fé ao Pai, para que seu intento pudesse ser coroado de êxito.

Uma tarde, em reunião com os irmãos, pediu-lhes que considerassem sua petição.

– É meu desejo ser o veículo que poderá proporcionar a Laura uma nova estada na matéria. Não solicito a tarefa tomada de emoção ou sentimento de remorsos, mas, sim, por avaliar que será proveitoso para o aprendizado de nós duas – e continuou – Ainda me sinto frustrada achando que não realizei todo o possível e

por isso peço que avaliem ao que me proponho.

Um irmão, aparentando ser muito jovem, mal saído da adolescência, mas espírito antigo, gabaritado, obtemperou:

– Júlia, entendemos e louvamos seu desprendimento e boa vontade, mas não duvide que reflexão e prudência são igualmente dons sublimes. Você está certa do que pede? Sente-se realmente firme para abraçar tal tarefa?

– Sim. Só após muita reflexão é que cheguei a esse ponto.

– Não será tarefa fácil. Laura, em sua próxima estada na Terra virá em reencarnação retificadora, internada na carne em condições penosas. Thiago pode explicar melhor o processo.

– O ferimento que vitimou Laura produziu grande desequilíbrio em sua organização perispiritual por ter acontecido em área nobilíssima. A região cerebral é o elo matéria/espírito e regente de todas as funções nobres cognitivas. Fatalmente reencarnará com graves problemas cognitivos, totalmente dependente da boa vontade daqueles que a vão cercar, em especial aquela que estiver designada para ser sua mãe. A desorganização se dá porque o próprio reencarnante projeta nas células em formação, conseqüentemente sobre o corpo, estados mentais mais ou menos superiores segundo seu estado evolutivo, e os genes são influenciados pelas forças mentais do espírito que se prepara para reencarnar; são combinados em “composições especiais” ou “frases específicas”, de acordo com as características vibratórias do Espírito reencarnante.

No caso de Laura, não seria difícil deduzir o que acometeria seu novo invólucro.

O fato não era de todo desconhecido por Júlia. Mesmo sentindo o impacto que as palavras de Thiago lhe causaram, sabia que deveria ser assim mesmo, tudo às claras, sem meias palavras.

– Ficou tudo explicado para você? – era o jovem quem perguntava.

– Ficou e peço que considerem o que lhes pedi.

Despediram-se de Júlia com palavras de incentivo.

O grupo de Construtores via nela firmeza de propósito e a avaliaram como pronta; apta a abraçar as tarefas a que se propunha. Sua petição estava aceita.

Mais adiante iriam comunicá-la e dar início ao processo: sua volta à matéria. Júlia havia conseguido.

Os dias que se seguiram após aquela última reunião foram de muita ansiedade e expectativa para Júlia.

A tranquilidade e o júbilo só vieram quando foi comunicada que sua petição havia sido aceita. Orou fervorosamente, agradecendo a oportunidade que iria ter.

Ao seu lado a sempre fiel Jacinta participava daquele momento especial. Como

para uma longa jornada, muita coisa ainda tinha que ser planejada, detalhes a serem observados.

Com o passar do tempo, começou a sentir as perturbações e ausências que normalmente o processo reencarnatório submete àqueles que estão sob seu império. Era hora de ver Laura mais uma vez antes de tornar à carne.

Estava tranquila, pois sabia que ela não ficaria só. Jacinta, Dalmo, as meninas Amanda e Clarisse lhe deixavam essa certeza.

Pensava assim enquanto olhava Laura, deitada, com a fisionomia plácida. Agradecendo pela oportunidade que teria, projetava sobre ela o amor maternal que já se instalara em seu coração.

Nesse momento, como por milagre, Laura abriu os olhos e, colocando o olhar sobre aquela sua benfeitora, tentou articular alguma palavra que ficou presa em sua garganta. O ambiente todo tomou solenidade e Júlia, estendendo os braços para ela, balbuciou:

– Filha...



Sérgio Fernandes Lopes nasceu em Santos-SP, em 1950. Advogado, ligado ao movimento Espírita desde o início da década de 70, quando, no centro espírita Casa do Caminho de Santos, teve o primeiro contato com a doutrina codificada por Allan Kardec. Fez parte do grupo pioneiro, criado pela pesquisadora Sônia Rinaldi, para estudo da transcomunicação instrumental – TCI, permanecendo largo período associado à Associação Nacional de Transcomunicadores (A. N. T.) – que lhe permitiu aprofundar seus conhecimentos na matéria espírita.

Contista, cronista e escritor bissexto, se aventura na seara do romance transcendental, mostrando uma narrativa forte e concisa, dando outro enfoque ao romance espírita.

Colabore com a produção cultural.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos Direitos Autorais (Lei 9.610/98)

Digitação

Flávia Barboza

Revisão

Eduardo Crescenti Abdala

Colaboração

Edna Maria Alessio

Coordenação Editorial

Paulo Pechmann

Pintura Capa

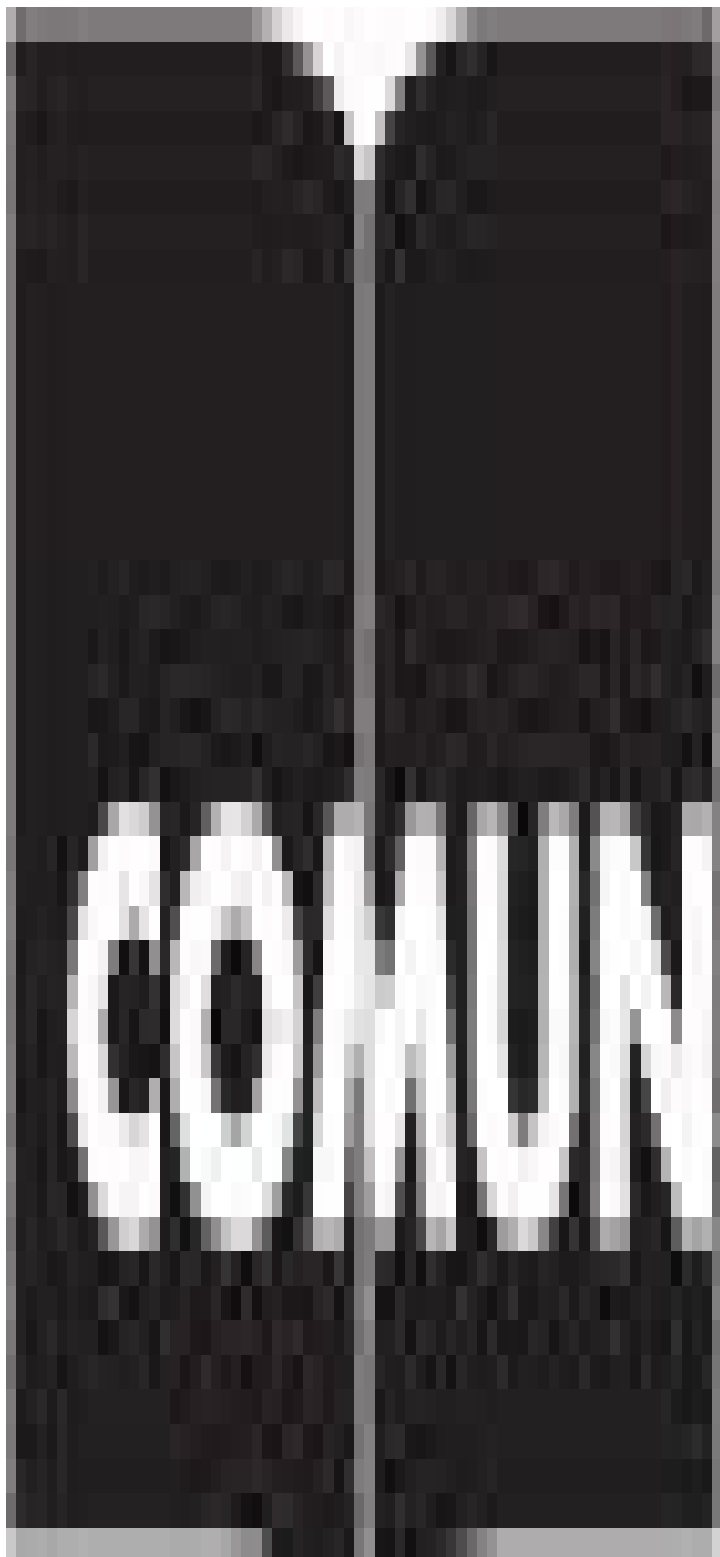
Frans Post - 1640

Projeto Gráfico e Diagramação

Editora Comunnicar

2017 - 1 edição - eBook

ISBN: 978-85-8136-080-5



OWN

EDITORIAL

NEW

Rua Dr. Carvalho de Mendonça, 143 - cj. 14

Cep.: 11070-100 - Santos - SP

Tel.: 13 3224.8633 / I.D.: 55*129*2277

www.comunicar.com.br

Arquivo ePub produzido pela Revolução eBook

Contato com o autor

abogado@bol.com.br